

DM
RATO. 1

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

Sereias e outras Históricas. Mitos e Ritos.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto Superior de Psicologia
Aplicada
sob orientação do Prof. Dr. Carlos Amaral Dias

Fernando Rato

Lisboa 1999

	ISPA Instituto Superior de Psicologia Aplicada
Centro de Documentação	
Registo:	14447
Data:	30/10/2003
Tel.: 21 881 17 50 • bibispa@ispa.pt	

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

Sereias e outras Históricas. Mitos e Ritos.

(Resumo)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto Superior de Psicologia

Aplicada

sob orientação do Prof. Dr. Carlos Amaral Dias

Fernando Rato

Lisboa 1999

Resumo

Mitos, fábulas, ornamento essencial do humano. E ritos, os seus constituintes fundamentais. Este trabalho constroi-se em torno de dois mitos e alguns ritos. Mitos tão ancestrais quanto fora de moda: o das sereias e o da histeria. Das semelhanças que os compõem - elementos que se destacam ao longo do texto - visita(m)-se a(s) história(s) e mistérios que conta(m).

A visitação do primeiro é feita em torno de um enigma, o enigma das sereias, que escutamos no seu canto e (d)enunciamos no seu *modus vivente*: **Se te aproximas devoro-te; Se te afastas morro; Para ti existo**. Em pano de fundo o tríptico vital, infinito e fascinante, do amor, do sexo, e da morte. A sedução encontra aí propósito e determinantes; o ambíguo, o secreto e incerto que exigem acção, que fazem agir. (A)traem.

A visitação do segundo ilumina as invariantes ontológicas: uma doença ilógica; do corpo; das mulheres(?); do prazer... que se anuncia no excesso e no exuberante, teimosamente irredutível a qualquer jeito único de saber. Que (de)nuncia um outro-mesmo-mundo; interno, o mundo mental, o que torna real uma (ir)realidade. A teoria psicanalítica nos seus múltiplos construtos servir-nos-á de referência preferencial.

Nos ritos, Rosa, M., Teresa e Tomé; testemunhos da prática clínica, ilustram a evocação mítica. O enigma das sereias sempre como observatório. Uma sirene, feita de intensidade e intermitência, alerta do íntimo, prefigura um modo de ser feito ainda de urgência e fingimento. O tríptico vital incontornável assume-se à luz do exposto de singulares particularidades: A eterna insatisfação sexual, que a natureza de corpo dividido das sereias impõe, é envolta num labirinto narcísico onde se solicita e simultaneamente se interdita,

para além do sexo, a separação da(s) origem(s) e o próprio amor. Todo o futuro é passado. Toda a diferença se converte em igualdade. Tragédia da morte.

Por fim se situa a temática em torno da mediação entre proximidade e distância, identidade e alteridade e se colocam estes seres míticos como designíons da imaturidade; ser(es) que se promete(m) para o outro.

What potions have I Drunk of Syren tears?

Shakespeare, *A Midsummer Nighth's Dream*

A realidade vem do sonho

Teixeira de Pascoaes, *O Bailado*

Escrever na água é pois a nossa actividade.

Amaral Dias, *(A) Ré-pensar*

Agradecimentos:

Aos meus pais (por eles).

Aos meus pacientes (por *Nada*, e o que nele fazemos viver).

Ao prof., Mestre, Carlos Amaral Dias (do peito).

À Inês (preciosa)

Ao meu irmão e à Fátima (pois claro)

À Guida (por tudo o que guardamos)

Às C.P.C.P.ÉLs: Beta; Manela; Fátima Triguinho; Maria Jhony - por esta ou qualquer outra ordem, não religiosa - companheiras de Fortúnio desde a primeira hora. Agradecimento extensível aos novos e antigos cometas do Centro da Estrela, minha 2ª casa (não há na Língua de Camões palavra, para tanto)

A Todos os que me aturaram com a *Tese*, tantos e tão grandes, em mim, que não cabem na folha. (Um Grande Bem-Hajem)

Às Sereias (“Sou apenas um simples e modesto artista (...), um viandante que passa (...). A indigente multiplicidade dos meus pontos de vista inabilita-me para o especialismo. (...) tenho vocações secretas (...): almogrove, por exemplo, marítimo, ferrovelho, homem de forças e poeta lírico”. **Ramalho Ortigão**, *Arte Portuguesa*, III.)

À J.N.I.C.T. (por isto)

À Xixão (pelas histórias, de gente acordada e adormecida, e por outras poesias)

ÍNDICE

PRÓLOGO.....	6
I - MITOS.....	9
1 - DAS SEREIAS.....	10
1.1 - Retrato, com mar ao fundo.....	11
1.2 - O Enigma: Enunciação:.....	20
1.2.1 - Se te aproximas, devoro-te.....	20
1.2.2 - Se te afastas morro.....	25
1.2.3 - Para ti existo.....	31
1.4 - Especulação (I).....	35
2 - DAS HISTÉRICAS.....	39
2.1 - Uma velha história (respeitável e indomável senhora!).....	40
2.2 - Um mito que organiza uma teoria e uma teoria que organiza um mito.....	54
2.3 - Para Além do Princípio.....	65
2.3.1 - Segundo Freud.....	65
2.3.2 - ... E outros contributos.....	71
2.4 - Cenas de qualquer teatro.....	81
2.5 - Especulação (II).....	86
II - RITOS.....	87
1 - SINGULARIDADES.....	88
1.1 - Rosa(s) para todos, ou a menina-que-se-esqueceu-da-própria- infância.....	89
1.2 - Eu sou o sonho de qualquer mulher!.....	97
1.3 - Não ver, para querer.....	103
1.4 - Amar, amar perdidamente... ou o amor segundo Ela.....	110
2 - PENSARES.....	115
2.1 - Sirene.....	116
2.2 - Fingere... ..	120
2.3 - De amore.....	124
2.4 - Do Resto.....	129
2.5 - Da morte.....	137
3-O (ETERNO) RETORNO DO ENIGMA; ESPECULAÇÕES (UM) POUCO FINAIS.	140
4 -ACTA EST FABULA.....	144
BIBLIOGRAFIA.....	145

Prólogo

Coerente é para mim a partida: pois ela marca o lugar a que terei de voltar.

Parménides, *O Poema da Natureza* (versão Gerardo Mourão)

(Fim.

Fim. Há qualquer coisa que aqui acaba. Algo que insidiosa, distinta e suavemente tem acompanhado a nossa vida nos últimos indiscrimináveis anos. Esta vida onde de (in)certa e privilegiada maneira somos o que fazemos(-nos) e fazemos(-nos) (n)o que somos. Entre o suspiro do «finalmente chegado» e a tristeza do «acabou» roubamos com satisfação a Baudelaire o seu “amor pelo inapreensível” e reparamos, com Êsquilo, no riso. O inúmero riso das ondas do mar.)

E de repente..., as Sereias!

Será possível? Existem? Mesmo? Como é que ninguém deu com Elas? Assim. Imediatas e evidentes. Tão perto e óbvias...

Refreamos a exaltação, demasiado evidente para ter interesse, muito rebuscado para ter verdade, mais L que K... mas ao segundo esfregar de olhos já mordiscávamos a língua à procura de palavras. Prazer de criança. Era uma descoberta, era nossa, parecia interessante, melhor, parecia explicar tudo, brilho simples e decisivo. Sinalizava um caminho seguro e livre, turbulência para as nossas especulações e enunciados. Podíamos fazer uma tese. Fazer A tese.

O feito, trata de algo sagrado. Sagrado significa desconhecido, o que não se sabe. Independente do que se saiba sobre as sereias ou sobre a histeria a nossa intenção é falar delas como sagrado. Dissimular o desconhecido, fazer de conta que se sabe, permissão para manipular e falar desrespeitosamente, fácil e violentamente se encontram em ambos os temas. Generosidade que lhes advém da imemorial idade. O óbvio esconde, por vezes,

paisagens que os olhares de ocasião não enxergam. Mergulhados no mar intenso que o perguntar tece, indagámos. Viajeiros, fieis à máxima nietschiana de *melhor do que encontrar-se é voltar a perder-se*, fizemos caminho. Quando demos por nós mal avistávamos a linha da costa. O ponto da partida. Ou da chegada.

Resultou um des-propósito. Este trabalho é um fora de moda. Depois de Freud e de todos os desenvolvimentos posteriores qual a justificação para falar de Histeria, ou até para utilizar o termo, que parece ter encontrado o seu caminho na linguagem popular. É unânime, a Grande Histeria da Salpêtrière, há muito desapareceu. A nomenclatura psiquiátrica há décadas que apagou o nome do seu vocabulário. Quanto às Sereias o mesmo eclipse. De tempos em tempos aparecem mais ou menos relegadas no universo infantil. Achadas em alguma metáfora já gasta, bícepede de marinheiro, ou em nome de night club de cidade portuária... Porém, dois mitos com misteriosas semelhanças. Onde o mistério, ele mesmo, se insinua. Não na sua noção usual que enquadra estaticamente determinado conteúdo, mas numa realidade que irrequieta se movimenta. E a polissemia abunda.

Usaremos os dois mitos e a visitação que lhes fizemos para pensar alguma da nossa prática psicoterapêutica. Organizamos a informação em torno de um enigma, «o enigma das sereias» que criamos, nas suas três premissas: **Se te aproximas devoro-te; se te afastas morro; para ti existo** e que nos serve de observatório. Treinamos a nossa capacidade negativa que nos obriga a dizer não às resposta encontradas. Retratos de ritos, testemunhos de uma circunstancialidade vivida e sonhada, singularidades e pensares que evocaremos por fim; pretendem expandir o universo dos mitos. Almejamos tocar o impalpável. Interessa-nos sobretudo o avesso do mundo, o como é por dentro, em nós. Sabe Deus.

No caminho deparámos com curiosas incidências. As sereias e as históricas aparentam-se. Desafiam certezas, acentuam o fugaz, o efémero, o contingente, a suspeição... Há sempre intermitência, e fingimento no seu modo de ser. Nelas o tumulto do amor, do sexo, e da morte compõe uma cenografia urgente que convidamos a (re)visitar.

Importa naturalmente ter presente as cinco condições que Pessoa (1978) exige para o entendimento dos símbolos; “ a primeira a simpatia (...). Tem o intérprete que sentir

simpatia pelo símbolo que se propõe interpretar(...). A segunda a intuição.(...) Por intuição se entende aquela espécie de entendimento com que se sente o que está além do símbolo, sem que se veja. A terceira é a inteligência. A inteligência analisa, decompõe, reconstrói noutro nível o símbolo(...) A quarta é a compreensão, entendendo por esta palavra o conhecimento de outras matérias, que permitam que o símbolo seja iluminado por várias luzes(...) A quinta é menos definível. Direi talvez, falando a uns, que é graça, falando a outros, que é mão do Superior Incógnito, falando a terceiros, que é Conhecimento e Conversação do Santo Anjo da Guarda...” Procuramos não nos perder de nenhum deles.

Abertura para a falência evocaremos o conhecido do desconhecido apenas para lhe dilatar o sagrado. Onda que foge ao mar. Impõe-se igualmente a afirmação, com Bion (1991), de que “lamentavelmente, subsistem pontos escuros, devido à minha incapacidade para aclará-los”.. No final, sagrado ainda, exige-se de novo. Onda que regressa ao mar.

Sobeja-nos um não sabemos bem o quê, nem como, nem porquê. Um desmesurado contentamento descontente. Para Camões, é sabido, é amor.

I - MITOS

Do Grego: mythos; fábula.

Dic.Língua Portuguesa Porto Editora

1 - Das Sereias

Ce qui n'est pas ineffable n'a aucune importance.

Paul Valéry, *Mon Faust*

1.1 - Retrato, com mar ao fundo...

A morte não existe:

tudo é canto ou chama.

Eugênio de Andrade *Até Amanhã...*

- Metade mulher e metade peixe! Isso pode lá ser! Está a caçar co'a gente ó ti'cabaça. Ora!

- A caçar! Na minha idade não se caça rapazes. É verdade o que lhes digo. Assim Deus me salve, como muita vez o ouvi contar a meu pai senhor o chame lá! Dizia ele que de seu avô o sabia. Já se vê que isto vem dos antigos.

Júlio Dinis *O Canto da Sereia*

As sereias. Seres híbridos que povoam imaginários. Agitam-nos desde o início dos tempos. Belas; o Belo. Encantação. Luz. Mulher e sonho. Deslumbramento e exaltação. Amor. Sublime. Amor sublime. Irresistível embriaguês que tudo envolve. Infinita atracção. Transe e risco. Risco. Bela e monstro. Monstro. Doce tragédia e morte. A Morte. "*Ódio e paixão! A beleza sem nome e a monstruosidade, o prazer e a tortura... o céu e o inferno, tudo.*" (Queirós, 1911; 226)

Síntese constante. Reúnem a contradição destes eternos opostos. Nas sereias o Bem e o Mal perenemente se enamoram. Enfeitiçam. O amor e a morte impõem, sobrepõem, unem-se, no preciso instante em que são, quase como se, ao sê-lo, não fossem nem amor nem morte mas apenas uma inaudita e incandescente transformação. Cósmica. Esta parece ser a sua natureza. Aí o corpo, mesmo que pereça libertará a alma, que nesse-etéreo-que-sempre-chama se unirá à sua essência. À própria essência do Homem e do seu destino. Destinos. Perduraram por isso até aos nossos dias, que o que perdura sempre encanta. Compõem irresistíveis mitos e crenças. Em todos os tempos e geografias. Rimas do povo. Cantigas de poetas. Histórias de adormecer ou de acordar.

Facilmente lhe acariciamos o estereótipo: “*Figura fantástica que se representa de frente ou de perfil, tendo na mão direita um espelho oval, e na esquerda um pente, com cabeça, seio, braço e tronco de donzela, o resto em forma de peixe*” (Morais Silva,1945;478). Habitam mares e sombras. Desejos e medos. São armadilha de marinheiros. Afundam-lhes ameias os navios. Roubam-lhes a vida. Transformam conquistadores em conquistados.

De todas as maneiras abunda e persiste um convite à fantasia, ao êxtase, ao assombro intangível. Há um manancial de felicidade, uma intensidade que promete. E logo precipício! Uma queda distraída e lúcida, interjeição e roubo divergente, que de sonho e morte se reveste. E veste.

Eis as sereias. Eternas, parecem envoltas no inexplicável. No Ser-e-Não-Ser. No mistério do Homem e dos seus limites. Surgem no oposto da afirmação do certo, aí onde floresce a solidez consistente da terra. Impõem nebulosidade e sombra onde juramos claridade e coisa. Qualquer que seja o modo em que tentemos clarificá-las.

Mesmo em palavra, suscitam diferentes interpretações. Como convém ao mito. Uns dizem que derivam do grego “*seirén*” que significa cadeia, do verbo *seirazen*, atar com uma corda, qualidade de encantadora ou maga (Massimo;1996). Outros que tem origem na palavra fenícia “*sir*”, o canto (Lima,1952). Ou no radical sanscrito *sr*, que se refere a fluido em movimento. Allardice (1990) aproxima-as da palavra *Sirene* e que a autora traduz como “*a que enreda ... voz suave e irresistível*”. Victor Berard (1929) estuda outras hipóteses e como J.P. Machado (1959) no Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa valoriza a origem latina, a palavra *Sirena*, que evoca o som: Estridente, de alerta ou harmonioso de doce envolver.

D. Gaspar de Leão (1958), primeiro arcebispo de Goa, categórico, sistematiza as versões mais frequentes. Afirma que o vocábulo deriva do grego e significa *atração e provocação*: A sereia provoca e atrai com o seu canto e prende para sempre o homem que incauto curioso ou aventureiro surge no seu caminho:

“*Aquele que, sem saber, for ao seu encontro e lhes ouvir a voz, - avisa Circe a Ulisses (Homero, 1994;168) - esse não voltará a casa, nem a mulher e os inocentes filhos o rodearão, alegres; mas será encantado pelo seu canto sonoro....*”. E continuando, a predidente Deusa “*das belas tranças e voz humana*”: “*... Elas estão assentadas num prado, junto de um grande monte de ossos de homens em putrefacção, cujas carnes vão desaparecendo (;168) ... o seu prado florido (;171)*”

Odisseia de Homero. Nela, pela primeira e imortal vez se falou de sereias. Assim. Fazendo espreitar o horrendo e não só. Que nos faz, antes de prosseguirmos, perguntar pelo seu lugar. Onde? Esse lugar. Do encantamento. Essa morada incerta.

Apolónio localizou-a de diferente modo, distinta parte: O sítio onde inicialmente apareceram, “*era numa linda ilha coberta de flores, muito alta, de onde pudessem ver bem os navios que sulcavam as ondas do mar. Era de aí que elas encantavam os marinheiros com a sua voz aveludada e doce*” (Phillpotts;1980;57). Vago e encantado. Definitivamente uma ilha. Que ilha? Em que mar desenharia o seu perfil?

Jorge Kastner (1985; 39) afirma que “*quanto à situação da ilha das sereias, reina uma grande confusão entre historiadores e geógrafos. É, na verdade, um lugar que é muito difícil de situar*”. Cita sucessivamente as diferentes hipóteses que os antigos nos legaram nomeadamente Aristóteles que refere a costa Italiana e o estreito no limite da Possidónia. Estrabão que fala de três ilhas desertas e rochosas que se situam junto do promontório de Minerva, hoje Punta della Campanella, e dum promontório das sereias no golfo da Possidónia, que está situado em frente da ilha de Leucósia, hoje Piana. Plínio que coloca as sereias no próprio promontório de Minerva.

Victor Berard (1929) confirma que durante toda a Antiguidade o nome das sereias ficou ligado a um pequeno arquipélago de rochas e às pequenas ilhas, curiosamente hoje chamadas Gali, que se encontram na costa italiana, ao sul da península Sorrentina, à saída do estreito de Capri, que conduz ao golfo de Nápoles, ao golfo de Salerno e de Amalfi.

Para Fernando Lima (1952) a ilha das sereias é a ilha de Capri, aquela que mais se aproxima da descrição de Apolónio, feita de *uma magia que domina os corações e*

embriaga os sentidos. O mesmo para Berger, por Capri ser simultaneamente rochosa e florida. Ser mais amoldada à lenda.

Erastosténe, astrónomo, matemático e geógrafo helenista, que na sua época calculou de forma bastante exacta a circunferência da Terra estava convencido que esses lugares eram do domínio da poesia e não da geografia (Donder;1992). Genericamente valoriza-se as fontes Homéricas e referem-se as ilhas da Itália meridional como as das sereias (Martin,1995). Ilhas rochosas de salientes e dentados recifes. Sempre no limite dos limites. Entre terra e mar.

Afinal mar. O mar. Margem do humanamente habitável, do firme, talvez o mais inexoravelmente suspeito dos mundos. Estranho caprichoso infindo. Terra demoníaca, planície dos monstros míticos, domínios de Poséidon, Neptuno para os romanos, o que faz tremer a terra, fonte que desafia e desata o ímpeto e o atrevimento dos homens. Caprichosamente lhes promete, sob a liquidez do seu chão, alimento para o inconforme e a desmesura. O mar.

Nesse -desse- elemento, as sereias. Embora possam ter saído da oficina de Dédalo ou ter beijado os domínios de Eolo. Na forma mais antiga, mulher e ave harmonizam-se, (in)completam-se, efabulam. Aí são seres com cabeça e busto de mulher e asas e corpo de pássaro, ou só cabeça de mulher e corpo de ave, habitantes não apenas de ilhas mas de qualquer lugar escarpado, onde dormem os caminhos (Cislott,1996, entre outros).

Só no século VI d.c. o anónimo **Liber Monstrorum de Diversis Generibus** lhes atribui uma elegante e inusitada cauda de peixe. No século seguinte a obra sobre monstros atribuída ao monge inglês Aldhelm Malmenbury confere definitivamente a ocorrência. *“Elas têm cauda de peixe graças à qual se dissimulam nas ondas”* (Donder; 1992; 43). Ideia que foi generalizada na Idade Média a ponto de fazer esquecer a sua mais antiga forma (Elvira,1995). Foram, a partir de então, muitas vezes chamadas de filhas do mar (Lima, 1952), *“Fadas Marinhas”*, em Gil Vicente. Nos Açores, como informa Teófilo Braga (1885), simplesmente *“marinhas”*. O seu habitat também a partir de então, tornou-se por excelência o mundo submarino (Sébillot;1959). No fundo. Rodeadas de génios e outros tesouros. Na superfície. Insinuando-se nas ondas.

Horácio na sua **Arte Poética** descreve uma mulher formosa cujo corpo termina em cauda de peixe mas sem se referir especificamente às sereias. É o único autor clássico a aludir à imagem. Existiram outros monstros metade peixe metade humanos; Phorckys e Keto, irmãos incestuosos, ou Oannes que saía das águas para ensinar aos homens a ciência e a técnica mas são figuras isoladas (Massino;1996).

A mulher ave, ou a ave mulher, perdurou por toda a antiguidade. Na Odisseia afirmou-se nessa forma, sobretudo até à paródica versão de Lucien no início da nossa Era (Brunnel,1988). Prisioneira da própria vertigem não deixou invariavelmente de estar associada ao elemento água. Substância primordial. Onde todas as formas germinam e findam (Eliade, 1992). Ainda mar. Ao fundo.

Componhamos o Retrato. Panóplias incertas, quando falamos de sereias temos que as visitar nas Artes e outros talentos. Busquemos em primeiro lugar as origens. Depois apresentemos a família ou o que sabemos dela e façamos de tudo isto o princípio.

Nas **Metamorfoses** de Ovídio, lemos que as sereias só possuíram asas na (con)sequência do rapto de Prosérpina por Hades (ou Plutão). Depois de procurarem em vão a sua amiga desaparecida, por todos os recantos da terra, pediram aos deuses fulvas penas e asas, não para voar mas para servirem de remos e poderem, insistentes, atravessar as ondas dos mares. Cumprindo o seu propósito.

Sabe-se que a busca foi infrutífera. Mas não por falta de provimento divino. A Metamorfose do corpo impôs-se. Antes seriam pois, raparigas como as demais de quem conservaram o canto melodioso, feito no propósito de deliciar os ouvidos humanos. Para que o dom não se perdesse, assim como o uso da fala, a cara de virgens e a voz humana conservaram.

Para outros, essa transformação originária nasce de um castigo. Teria sido infligido pela deusa mãe Deméter, em virtude de elas, amigas da filha, não se terem oposto ao referido rapto (Decharme, 1991). Repare-se no verso: *La sirena de la mar/ Es una moza gallarda/ que por una maldicion/ La tiene Dios en la agua.* (Vasconcelos;1991)

Conta-se ainda que depois desta transformação quiseram rivalizar com as musas. Estas irritadas roubaram-lhes as penas e coroaram-se com elas. Indignadas por terem sido vencidas lançaram-se definitivamente ao mar e metamorfosearam-se em divindades marinhas (Huet). Ou simplesmente envergonhadas retiraram-se para as costas da Secília (Martinez,1997).

Se dilatarmos o pesquisado na genealogia, a contingência perdura. Gubertanis acrescenta que foram raparigas que por pretenderem ficar virgens, ou terem recusado o amor (Hyin, cit, Brunnel,1988), Afrodite, nos tempos remotos, as teria transformado em sereias (Kastner,1985)).

Serão netas de Oceano (ou Poseidon) e Tetis (ou do Sol e da Terra), um dos pares mais antigo da teogonia helénica. Como tal, filhas do deus Aquello, a quem Homero considera a divindade de todos os rios mares e fontes, com culto garantido em Atenas e muitas outras cidades gregas. A etimologia o designa de *a água* (Eliade,1992).

De Aquello e da musa Calíope rainha e senhora da poesia lírica (Grimal,1988) que significa: *a bela voz* (Kastner,1985). Ou, para Apolónio, de Aquello e Melpoméne, a musa da corrente harmoniosa (Gerhard;1977). Ou de Aquello e outras musas: Estéropé, filha de Poráons e de Eurité, Terpsicore a musa da dança das ondas... Sofocles, o poeta trágico, designa-as filhas de Phorcys, o deus marinho (Donder;1992).

Libânium acrescentará ainda outra, pouco definitiva, versão: As sereias nasceram do sangue de Aquello, três gotas derramadas, quando este metamorfoseado de touro, ao atravessar o rio com o seu nome, na disputa de Dejanira, foi ferido por Hércules. Em todos os modos assinalamos a sintonia com o conjunto da mitologia aquática grega onde "*as divindades das águas nascem das águas*" (Eliade, 1992;261).

Aquello, distintivamente aquoso, teria um carácter vingativo de grande susceptibilidade, e o dom da metamorfose (Commelin,1997). Temperamental e de diversos amores podia existir na forma que mais lhe agradasse, dragão, touro etc....(Grimal,1982). Do lado materno a elevação estética a envolvência o sublime encanto...

Outros elementos podem compor este(s) retrato(s): O nome mais antigo de sereia é Himeropad, encontra-se num vaso do British Musuem e que significa *aquela cuja voz excita o desejo* (Kerénye,1989). Pisínoe, Agláope e Telxiépía. Também chamadas no sul de Italia, de Parténope, Leucosi e Ligea. São outros nomes para as mesmas. Segundo Apolodore, uma tangia lira (ou cítara) outra cantava e a terceira tocava flauta. Kerénye (1989) elucida que Telxiépía quer dizer *feiticeira*, Aglaopé a de *voz maravilhosa* e Pisínoe a *sedutora*. Parténope é a *virgem*, Leucosi a *deusa branca*, e Ligea a da *voz cristalina*.

Traços tipicamente gregos onde a música, como a poesia e a literatura, possuíam dons enfeitiçantes sedutores subjugantes (Donder;1992). Instrumentos suaves. Sons voluptuosos. Acompanham(os) o canto. Evocamos Goethe: “ *Todo o Efémoro é apenas símbolo;/ O Imperfeito encontra aqui a sua realização;/ O Inefável aqui se realiza./ O Eterno feminino atrai-nos para si.* ”.

As reflexões de Pitágoras e dos seus discípulos acentuam o tom. Consideram a música como o meio por excelência para libertar a alma da matéria e onde o instrumento ideal é a lira. As suas sete cordas simbolizam perfeitamente as sete esferas cósmicas que, na sua revolução em torno da terra, produzem uma celeste harmonia. É lá que residem as Sereias (Phillpotts;1980).

O seu número conta-minado distrai-nos. Varia. De uma, se figura emblemática (Brunnel1988). De duas, em duo, o que tinha um peso próprio no grego antigo (Donder;1992). De três, nas versões mais frequentes da Odisseia, ou quatro (Martin,1995. Grimal, 1988), a oito em Platão, no seu mito de Er, o que contempla o julgamento das almas antes da reencarnação, onde, lembramos a despropósito, a alma de Ulisses escolhe reencarnar no corpo de um Simples.

São colocadas as oito cantando, cada uma no seu tom, nas esferas periféricas que delimitam o espaço do mundo. Também aqui, no limite dos limites. Entre o mundo dos vivos e o dos mortos. Encantada fronteira. Em conjunto elas cantariam a harmonia das esferas.

De acordo com a sua estrutura do universo, Platão (1993;617b) distingue ainda, três espécies de sereias, as celestes, da música, as que intervêm na geração (aquáticas?) e as que purificam. Estas submetidas aos subterrâneos do inferno, ao Hades, associadas à lenda de Perséfone, e representadas em túmulos significando a alma que sobrevive ao corpo. Imagens que se encontram já nos sarcófagos do Egipto Antigo (Brunnel,1988). E, segundo a British Encyclopedia (1967) sucede muitas vezes serem colocadas em túmulos de lindas mulheres, poetas e oradores evocando o poder mágico da eloquência, da beleza e da canção. Da vida. Retrato(s) da abrangência de um mito que se estende a domínios vários múltiplos e fundamentais.

A origem deste mito é discutida por Furtwangler (1975). Admite ser asiático. Próximo das origens religiosas, dos cultos ligados às premonições marítimas onde as sereias apaziguavam os ventos com a sua voz. Estes aspectos ancestrais aparecem ausentes nos textos posteriores onde as sereias são causadoras das tempestades e infortúnios (Brunnel,1988).

Lima (1952) incorpora-as no grupo das divindades infernais, incarnação do espírito dos mortos e Prampolini (1987) afirma no mesmo sentido que de início eram provavelmente divindades aladas da morte, génios fúnebres femininos.

Eliade (1992) embora não se refira directamente às sereias e à sua origem destaca as divindades neptunianas. Figuras que importam uma imperfeita separação da sua origem. Impossibilitadas da emancipação tornam-se solidárias com esse elemento primordial, a água, o mar, e tal como ele desenvoltura para praticar o Bem. E o Mal Com maior uso o Mal. Mas já sabemos como ambos se confundem, (des)ordenam. Humano e brutal. Brutal.

Elementos genéricos. Todos eles compõem este retrato(s) breve(s), porta aberta. Sopram (n)os ventos do espírito. Desde o princípio as sereias assumem-se como síntese de extremos opostos. Eternos mistérios. Imemoriais. Onde quer que habitem. Qualquer que seja o perfil que afirmem. Os modos que evocam ou usam. A contingência infinita onde se perdem e encontram, uma certeza (a)firmam: Uma condição. Essência. Uma condição que obriga. Que berra por dentro do belo canto. Ruído no forro da melodia. Substância pesada no volátil e encantado éter. A ela pretendemos chegar.

Surge como uma condição sentenciada, do âmago de si mesmas que no clímax da sua atração e provocação a dirigem ao outro: Falamos de um enigma. Chamamos-lhe «**o enigma das sereias**». Por aí continuamos.

1.2 - O Enigma: Enunciação:

1.2.1 - Se te aproximás, devoro-te...

Vimos como contingência e complexidade se enlaçam. Predominam. Uma predilecção deleitosa subsiste espalhando equívocos, refugiando-se na lonjura do tempo que percorre, apaladando um manto fictício de amor e morte. Daí fizemos sobressair elementos. Todos esses elementos evasivos se condensam e desaguam num delta proeminente. Denominador quase comum. O brutal. Na essência das sereias brota a semente que anuncia o fruto, o sortilégio. Isto é, o momento jubiloso. A força indómita que atrai a(s) humanidade(s). Irresistível.

Ao ser fascinado que escuta o apelo, a evidência brilhante basta. Empolgante e dramática. Não deixa lugar para a reticência (in)quietante da dúvida. A destruição impõem-se. Surge como uma abençoada mudança. Uma renovação. A prova suprema, quem sabe, a mais clara da sua existência. Para quê resistir(-lhe)? Alegre se abandona. Que o sonho é sempre mais forte que a experiência. Políticas do encantamento.

Se ousarmos opôr-nos à solidária fatalidade, podemos-nos perguntar: Como fazê-lo? Resposta, onde voltaremos mais tarde, resposta rápida: Impondo ou garantindo distância. No espaço ou no tempo. Eventualmente criando obstáculos e caminhos, dificuldades. No máximo mesmo, isolamento. Como? Por meio de uma atracção maior: Jasão o comandante da Argo, na navegação pelo velo de ouro, pediu a Orfeu que tocasse a sua lira e cantasse quando se cruzaram com a ilha fatal. Esta acção permitiu que os argonautas não ligassem ao canto das sereias e prosseguissem viagem. Ao largo. Só Butes se atirou à água mas acabou por ser salvo por Afrodite que o levou das ondas. Atempadamente (Grimal,1988).

Distância. É na proximidade que o monstro com as suas garras fulgurantes se sobrepõe ao belo. Lhe eclipsa a luz. Cruzado o horizonte do encantamento aquilo que ao longe convida ao fantástico no perto morre. Quer se ame ou idolatre. Se negue ou subestime. A salvaguarda refugia-se na condição de afastamento. Que permanente grita pelo seu fim.

É o corpo quem parece guardar e garantir esta distância. Há um encantamento todo ao arrepio da alma: Desejo, volição, motivo, escolha, intenção, razão, sentido...; talvez todos eles em simultâneo, impõem. Mas é no corpo que tudo se age. No corpo e no seu movimento. Na acção - conceitos aqui tomados em sentido lato sem a especificidade que, por exemplo, o estudo de Paul Ricoeur (1988) obriga. Na irrupção de um meio que torna alcançável o fim. O encontro. O júbilo. A morte.

Imperativo. Garantir o *“passa de lado”*, como ordena Circe. Só Ulisses pode ouvir o *cântico melodioso... da doce voz*”. Para tal teve que cumprir a recomendação: ser *“enlaçado com umas ligaduras fortes ao mastro, para que permaneça aí firme e erecto”*. Inactivo. Acção sem movimento. Nem liberdade. Em caso de ordenar ser solto deveriam os companheiros prendê-lo *“com mais cordas ainda”*.

Daqui, praça segura, o perigo em jogo torna-se óbvio. Desapareço quando me tocam. Quando toco. Indiferente às nuances, afectos ou razões do mesmo. Magia negra que impede a presença do corpo, sentença final, fatal que o (con)tacto - porta real, primeira e última fronteira, derradeira mão onde o desejo se entrega - anuncia.

Quanto aos companheiros, tiveram que tapar os ouvidos com pequenos pedaços de cera preparados pela própria mão de Ulisses. Resultado; a surdez. Garante da imobilidade. Traves maiores desta distância que nos evidencia a astúcia implicada. E a eficiência. E nos autoriza a sublinhar o seguinte:

Sabemos a valoração que os gregos atribuíam à audição. *“Sabiam ouvir”*. Possuíam mesmo um nível de atenção e capacidade auditiva muito superior ao nosso (Arnott,1991). Todo o teatro, por exemplo, assentava na voz e na palavra falada. Só mais tarde do teatro para tudo o mais a visão foi conquistando foros de cidadania. Hoje vê-se, impera rainha e senhora no nosso modo de nos relacionarmos com o mundo e os outros.

O mundo visto tem uma vantagem: está ali. Fora de nós. O mundo ouvido está aqui. Em nós. Por excelência o mundo visual é centrípeto, coloca-nos na periferia. O sonoro é centrífugo, elege-nos no cerne. Implica-nos numa obrigatoriedade à qual só artificialmente ou no acidente nos podemos refugiar. O obrigatório do “em nós”. Do dentro.

In-canta-ção. As sereias apresentam-se na ventura de um foco dirigido para esse - ou nesse- centro de nós humanos. Insinuantes encurtam o longe. Encaixam (n)o inevitável. Só Ulisses pode ver e ouvir. Privilégio insaciável do dentro e do fora arrebatador. Garantida a imobilidade.

Repare-se no (outro) ardil: O dito. A palavra. Que “*na palavra se contém todo o mundo*” (Bernardo Soares,). No como é dito, a melodia, a harmonia, o prazer em reverberação de sonora envolvimento, magnética, constrói o caminho seguro. O *Methodos*. Mas as palavras, baú de segredos, murmúrios de todos os enigmas, compõem a força que atordoia.

Ainda na Odisseia. Detenhamo-nos na fala das sereias, fala quase única pois só Dante na **Divina Comédia** e poucos mais voltaram a dar-lhes palavra mítica: “*Jamais alguém por aqui passou, em nau escura, que não escutasse a meliflua voz que sai de nossas bocas; mas só partiu depois de se ter deleitado com ela e de ficar a saber mais coisas...*”. Que coisas? Não sabemos. Intuímos no ilimitado. “*...pois conhecemos tudo quanto, por vontade dos deuses, Argivos e Troianos sofreram na vasta Tróia, bem como o que sucede na terra fecunda.*”(Homero,1994,172)

Semântica irresistível que na expectativa do acontecimento iminente e na liberdade e brilho da oferta ilimitada, anula toda a dúvida. Tentação de tudo saber. Saber. De em toda a parte estar ou ter estado. Plenitude. Casa dos Deuses. *Sophia*.

É engodo, cilada, dizem-nos do alto da evidência, ainda reforçado pelo facto de outros o terem já padecido - que a imitação contem sempre os ingredientes inefáveis da segurança - engodo maior. Mas activa uma pulsão epistemofílica que ofusca ou evidencia uma outra. Tanatológica. Esta não se fecha no seu limite destrutivo, encarcera todo o horror num topo distante, longínquo e extrínseco. Abre-se em braços amplos de alegria a uma “outra

coisa”, maior, infinita, abissal, fascinante que destrói todos os limites, que confunde Homem e Deus. Numa totalidade totalitarista. Saber maior que morrer. De novo o velho sortilégio. Que embeleza a morte. Para melhor a cumprir. A morte.

A protecção embora diferente em Ulisses e nos seus companheiros satisfaz a mesma celebração. A celebração da distância. Resistência contra uma obviedade oculta, obscura, trágica que emana destes seres míticos e do seu canto. A essencial evidência que se circunscreve numa afirmação categórica, aviso calado, vigíl. Primeira premissa do enigma das sereias:

Se te aproximas devoro-te.

Sentença que se consome e se substância num adormecimento prévio (Grimal,1988). Embalados no sono-sonho mortal, esquecida a distancia, os homens abandonam-se. Entrega absoluta.

Acompanhando a evolução histórica podemos constatar que a premissa abrange outras manifestações. Com o advento do cristianismo as sereias serviram para justificar a fé cristã. A odisseia foi interpretada como a viagem do crente em busca do seu verdadeiro destino: O Senhor. Imagem possante, elaborada até ao mais pequeno detalhe. O barco, a metáfora da igreja, o mar, a vida terrena, o porto de chegada, a eternidade. Ulisses simbolizava a alma humana, que exemplarmente sacrificava a sua liberdade. As sereias os perigos diversos que se encontrariam no percurso da vida (Donder,1992). Na Bíblia (Isaías, XII; 22) surgem como “*demónios dançantes da Babilónia*”.

Na cruzada contra a heresia retoma-se uma particularidade assinalada por Aldhelm Malmebury no seu já citado Bestiário do século VII. Estas filhas do mar seduzem pela beleza física dos seus corpos, colocando pela primeira vez o acento no visual. O encanto extravasa o canto. Afirma-se no olhar. Completa-se o dentro com o fora. O visual conquista cidadania. Prismática erótica (i)mediática. Hipnótica.

Por volta do ano de 1150 Honorios de Autun fixa a tendência geral. Geocêntrica. O mastro de Ulisses torna-se numa firme cruz de Cristo salvadora. O Saber da sereias em puro prazer

carnal. A luxúria e lascívia em si personificada (Massino,1996). Pérfido devaneio dos sentidos, pródigo amor carnal que Bosch coloca no centro do seu Jardim do Pecado onde uma sereia e um cavaleiro do mar dançam uma dança que se não inventa o sensual revela-o.

A partir daqui fica ressignificado e mais largo o espectro do «**Se te aproximas devoro-te**». O sexo em linha recta. Mesmo que no final da linha a mesma ceifeira eterna sorria no grito negro do abismo. O fruto do prazer se oferece “*num instante igual à duração de todos os Mundos*” (Almada Negreiros). A mesma “outra coisa”, infinita, abissal e fascinante que corrompe todos os limites, Homem e Deus. Outro expediente no cerne. Exímio. Sexual.

1.2.2 - Se te afastas morro

Em noites de lua cheia
já se não houve o canto
d'aquela triste sereia.

Camilo Castelo Branco *A sereia*

Damião de Gois na sua **Lisboa de Quinhentos** (1935), transcreve, de Fernando Alvez secretário da Casa das Índias, que próximo do Promontório da Lua (Cabo da Roca) se teria visto um homem marinho. Este, pouco estimado, aproximava-se da margem e roubava aos pescadores peixes que devorava vivos.

Informa no mesmo sentido que não muito longe de Colares existiu uma gruta onde o povo afirmava ter outrora visto um tritão a cantar com a sua concha. E Plínio corrobora: No tempo do príncipe Tibério César, fora visto e ouvido, numa gruta da Lusitânia um tritão tangendo a sua concha (Kastner,1985).

Tritão é um semi deus marinho. Metade homem. Metade peixe, de rabo comprido. Filho de Poseídon e de Anfitrite. Vivia no lago Tritónis. Tem papel activo em várias lendas nomeadamente ajudando os Argonautas a sair da Líbia (Grimall,1988) . Anunciava com o seu búzio do mar a aparição do pai Poseídon (Martinez,1997). Era ciumento e predisposto à violência, apavorava os marinheiros embora quando lhe apetecia tirasse da sua concha sons suaves, acima de toda a música (Lamas,1972). Ou acalmava as águas e serenava tempestades (Connelin,1997). Foi morto por Dionísio por ter atacado uma donzela quando esta se banhava (Martinez,1997).

Em épocas mais tardias fala-se de tritões, pluralidade de divindades que acompanhavam Poseídon (Kerénye,1989). Figuras sem vida própria. Generalizaram-se como masculino de sereia. Sem nunca terem merecido mais do que papel de figurante ou garantido

participações miméticas que ora testemunham a existência das sereias e do seu mundo - feito à semelhança do modelo familiar dos humanos - ora as anunciam.

Sempre mergulhadas no mistério e na sua excentricidade as sereias consolidaram uma presença, como tal, insuspeita. Definitivamente vivem no mar. Têm cauda de peixe. Segundo Damião de Góis (1935) o Rei Afonso III celebrou um contrato com o mestre dos Cavaleiros de Santiago, Paio Peres onde se determina que o tributo das sereias e dos outros animais, pescados nas praias da mesma Ordem deveriam ser entregues aos Reis (Gois,1935). Donde, conclui o cronista, as sereias eram frequentes nas nossas águas, visto que acerca delas se promulgou uma lei.

Ao Rei D.Manuel teriam sido apresentadas uma mulher e uma rapariga marinhas, últimas sobreviventes de um grupo, capturado nas Índias Orientais. As companheiras destas, em número de quinze, teriam morrido ao abandonar o mar ou durante a viagem para Lisboa. Desterradas, profundamente tristes, o rei ordenou que lhes dessem a liberdade de se divertirem no mar, mas com a condição de as terem presas por uma leve cadeia. Morreram. Sem terem aprendido a pronunciar uma palavra (Maillet, Consul Francês em1755; cit.Kastner, 1958).

Bartolomeu las Casas afirma que na quarta feira quatro de janeiro de 1493 Cristóvão Colombo costeado na ilha de Hispaníola (Santo Domingo) viu três sereias que se ergueram acima do nível do mar. Contrariamente à corrente que absolutisa o resplendor, para o navegador português “*não eram tão formosas como as pintam*” (Navarrete, 1997)

Em 1540, Filipe II visitou em Génova uma sereia morta. No canto III dos Lusíadas Camões refere que a sereia que tentou enganar Ulisses foi sepultada junto a Nápoles (Parténople).

Dias Bosques, Físico Mor do Vice Rei das Índias, em 1560, em Goa, relata, por sua conta, um insólito episódio: Em alarido os pescadores relatavam “*que assistiram ao estupendo milagre da natureza como todas as obras de Deus Poderoso pois nove fêmeas e sete machos (foram pescados), por causa da semelhança que tinham com o homem, chamavam-lhes mulheres. Com tal novidade, admirados saltamos para os botes donde os pescadores*

retiravam os peixes e colocavam na praia; ao ver a sua forma e ao contemplar a sua semelhança não deixei de ficar estupefacto perante a contemplação dos mesmos e não podia afastar os olhos deles. Contemplava a admirável semelhança do peixe de tal modo que quase só era acreditável a quem visse...” (Walter, 1963; 47).

Testemunhos como este terão impressionado Michelet. O famoso historiador desmente a crença de que se tratem de focas por serem conhecidas na Antiguidade e afirma que os homens e mulheres marinhos que se falam no século XVI, foram vistos não só no mar mas em terra apresentados e criados em grandes centros como Antuérpia e Amesterdão no tempo de Carlos V e Filipe II sob as ordens de Vesálio e outros sábios (Lima 1952).

Entre extravagâncias e prodígios mais ou menos monstruosos no catálogo do museu de Copenhaga em 1690 constavam duas mãos de uma sereia (Gil, 1994). Na nova ordenação do mundo e do Homem que então se firmava, o bestiário, descontextualizado e descontextualizante, estimula a curiosidade, novos saberes, nova ordem. A iconografia, a literatura, o relato de viagens... aproveitam o filão.

P. Sébillot recolhe testemunhos do Renascimento ao século passado. As Sereias apareceram em toda a Costa Atlântica, da Mancha e nas ilhas Antilhas. Exemplo: Em 1895, os habitantes do porto francês de Plouneour foram um dia acordados por lamentações semelhantes à voz humana e que vinham da baía. Uma mulher marinha, que os pescadores não confundiam com focas, estava abandonada pelas ondas na praia. Temerosos mantiveram-se à distância. Assim a viram morrer. Fizeram-lhe um enterro cristão mas o abade de Plouneour mandou que fosse desenterrada e devolvida ao mar (Sébillot; 1959).

Pedro Posser (1879) na sua **Maravilhas da Creação** pretende desfazer analogias forçadas e abstrações enigmáticas. Afirma que *“foram os dudongos, ou elefantes marinhos do mar das Índias, que deram origem às sereias, posto que fôra mister uma imaginação bem escandecida para vêr essas tentadoras virgens do oceano n’um animal feio e massudo, cuja única similhaça com a mulher só poderá encontrar-se na existência de duas mamas peitorais, e situadas entre os membros anteriores”* (;335).

A crença, indiferente ou incorporando estas e outras substancialidades, estende-se a todas as latitudes. Da sincronia à diacronia. Na Índia, nos monumentos búdicos de Java, na ilha de Ceilão; as Raxasis (Abreu;1977). Yara na Amazônia, Mãe de Água em São Paulo, Brasil (Barroso;1991). As Lamías na Catalunha e um pouco por toda a Espanha (Baroja;1979). Na América espanhola, sobretudo na Argentina, Chile e Peru (Sanchez;1986). Onde existam humanos há monstros. Onde exista(m) humano(s) e monstro(s) há sereias. Das Artes, à Etnografia encontramos os testemunhos da sua leal propagação.

Por vezes ligam-se a lugares precisos. Na lagoa das sereias em Derbysheire, Inglaterra, quem a visitar imediatamente antes da aurora, poderá vê-las a nadar graciosamente nas águas escuras (Allardice,1990)

Por outras são apenas adivinha. “*Es pescado y tiene tetas/ Es mujer y tienes aletas/ Ni es pescado, ni es mujer/ entonces, que cosa es?*” (Marin,1978). Ou verso popular: *A sereia quando canta/ Canta no pego do mar,/ Tanto navio se perde,/ Ó que tão doce cantar* (Vasconcelos;1991).

Em toda esta luxuosa presença prodigiosamente consonante com uma imortal existência as sereias vivem no entanto, o imponderável. A ventura dos humanos. São fieis à letra do Tempo. Finitas. Mundanas. Vivem-no em intermitência, ao ritmo do aparecer, ou da sua promessa, e do desaparecer. Por fim, definitivas. Transformam-se. Aniquilam-se. Morrem..

No conto de C. Andersen (1996) podem viver trezentos anos e quando chega “*a altura*” transformam-se em espuma do mar. O processo enigmático parece desenvolver-se em crescendo. Frequentemente a tempestade inaugura a comparença. Primeiro em canto. Só. Depois o corpo. Verdadeira aparição. Fugaz. A confirmar e reforçar o chamariz da voz. Elemento dinâmico, próprio para a subtil tragédia que se aproxima. Atenção à armadilha. Joga-se no(s) extremo(s). No tudo ou nada. No ou eu ou tu. Bipolaridade singular. O desfecho é sempre conhecido. (In)vulgar. A morte.

A morte anunciada. O oráculo mítico predisse que as sereias morreriam quando um mortal conseguisse subtrair-se ao seu feitiço. Já sabemos como acontece. Segundo uma versão da lenda suicidaram-se por despeito, ao serem derrotadas por Orfeu (Martinez,1997). Ou deitaram os instrumento ao mar (Connelin,1997), sinal do fim. A Sereiazinha de Andersen (1996; 54), *“atirou-se (também ela) para o mar, onde sentiu o corpo dissolver-se em espuma”*.

Na Odisseia após a passagem de Ulisses e dos seus companheiros as sereias lançam-se igual e fatalmente ao mar. Chamam para si a queda no vazio, o aniquilamento do ser a experiência do abismo. Talvez morram para melhor perturbarem em sonhos. A maravilhosa presença da ausência. E assim expliquem a imortalidade que logo desponta e que tantos registos substancializam.

Para Homéro, os marinheiros afastam-se e mais nada nelas parece capaz de viver. Excepto a morte. Entrega que anula toda e qualquer saída. Que confunde caixão com berço. Fim com origem. Segredos das águas.

Ao morrer tornam uma aparência, uma promessa, um fingimento... numa verdade. Dura e crua. Transformam-se em rochedos. Sólidas. Firmes. Mudas. Será esta a origem das pequenas ilhas rochosas diante do promontório de Lucânia, as Sirenas (Cislot,1996). Como se o afastamento do navio e dos navegantes afirma-se uma imagem, razões de (não) ser que não podem reconhecer como suas. E das quais se têm de libertar. No mesmo instante. Capitulam.

Vergonha do falhanço monumental jamais tolerável. Culpa de um passado simultaneamente presentificado e suicida. Jogo espelhado que impõe um destino gorado e inútil. Onnipotência que desencadeia até (n) o seu próprio fim. Regresso ao interior da origem no propósito de encontrar aí a reconciliação com o espírito ferido pelo abandono. Incapacidade de perder o objecto perdido... Não sabemos. A partir de então a tragédia é outra. A tragédia do silêncio.

Nesta ondulação (in)finita uma nova condição se propõe. Impõe. Se anuncia enigmática. Um outro grito se nos oferece e o silêncio afaga. Uma ameaça pacificante e cruel. A morte

ainda, activa e seminal, agora auto-mutilante, no horizonte da acção. De novo predicando a distância. Desta feita qualificando a marcha do longe:

Se te afastas, morro.

1.2.3 - Para ti existo.

De longe a ilha viram, fresca e bela
Que Vénus pelas ondas lha levara...

Camões, *Lusíadas*, canto IX

Em todas as mitologias são inúmeras as divindades dos espíritos das águas. Na grega fala-se em Oceânides, as três mil ninfas marítimas (Lamas,1991); em Nereidas, filhas de Nereu e Dóris que vivem no fundo do mar sentados num altivo trono de ouro, rodeados pelas filhas. Fazem parte do séquito de Poseidon assistiram conjuntamente com os tritões ao nascimento de Afrodite. Carecem de características individuais (Martinez,1997).

Ou ainda as Potâmides, ninfas dos afluentes e das ribeiras, Náíades, dos regatos, Crenes, nas nascente, Limnias nas águas estagnadas (Lamas,1991). Em todas, a mesma ambivalência. Característica do elemento primordial comum, que lhes condiciona o carácter. O mesmo medo e encanto, dor e prazer, arrebatamento e delicadeza ... Contíguas, por vezes confundem-se com as sereias. Vingança de rivalidades ancestrais, visto o mito das sereias continuar a celebrar contágio.

Enquanto mulher-pássaro as sereias misturam-se ainda que formalmente com as Harpias. Mas não se confundem. Estas são seres isolados interessadas apenas nos mortos em detrimento dos vivos (Connelin,1997).

Todos são quase sempre monstros híbridos. Nenhum como a sereia parece integrar um sistema simbólico tão vincado afamado e partilhado. Sob influência do neo-platonismo recuperam na Renascença a grandeza de outrora, o que lhe dilatou a pupila mítica. As “*suas doces canções*” (Camões) não são apenas sinónimo de atracção mas também de plenitude espiritual depois da morte. Em Petarca aparecem sob a forma de musas, e para os humanistas personificação da eloquência e erudição, papéis antigos que predominavam em

Roma (Elvira,1995). Shakespeare coloca-as cantando no dorso de um delfim, no *Sonho de Uma Noite de Verão*, ou ao lado de Nestor, Ulisses, Maquiavél... no terceiro acto de Henrique VI. Em Boccaccio são prostitutas. Em Daniel Auber, na ópera *A Sereia*, simples sedutoras. Para além das já anteriormente citadas podemos acrescentar as de Heinrich Hein, Clemens Brentano, Nerval; Wagner... Ou na pintura, as de Bosch, Léon Belly, Rubens, E.J.Poynter, John William, Gustave Moreau, Paul Delvaux, Magritte, Arpad, Almada... numa lista muito muito longe de completa.

E simultaneamente, nesta fluidez ontológica surgem de um conjunto de elementos finitos nos quais se funda a polissemia que acaba por esconder tudo, no ilimitado que revelam. Ou o contrário.

Temos de aceitar que nunca se sabe ao certo como vivem os monstros. Evidencia-se a ideia em voga na Idade Média onde são sobretudo considerados pela representação dos seus corpos. Sem que esta evidência revele mais do que um traço do comportamento (Gil,1994). Tipo: tem asas voa. Tem cauda de peixe nada.

Das sereias sabe-se um pouco mais. Pouco mais. Acrescentemos: Penteiam longamente os seus longos cabelos "*Oh! Belas Sereias,/que nas margens entrelaçais/ o vosso cabelo verde - mar*" (Allardice 1990). Se esperam, pelos marinheiros, é obrigatório que pensem, embora não nos esclareçam da natureza do mesmo. Se têm um espelho na mão pressupõe-se que o usem. Se mirem, comparem, reinventem. Talvez cultivem um cuidado, uma preocupação, uma imagem. Por vezes diz-se, põem um colar de conchas ao pescoço (Donder, 1992). Nada mais. Talvez ensaiem um aceno de cabeça, a intensidade de um olhar, a estenografia das pálpebras, um sorriso, suspiros, incisões... expressões mímicas de uma linguagem articulada que auxilie o tecido macerado do canto. Que lhe aumentem em intensidade o perigo e as configurações imaginárias. Suposições, apenas suposições. Que... Prometem o espectáculo inesquecível: "*quando o brilho dos seus olhos/ se espelhar na prantação*" (Luiz Gonzaga)

De facto não sabemos se se preparam para uma cerimónia ou tudo fazem de modo instintivo misterioso e natural. Pouco sabemos do seu mundo. Nem da humanidade nem da animalidade. São sempre jovens e belas. Assim vivem e morrem. Raptam jovens

igualmente formosos, para se multiplicar (Sébillot, 1959) embora ninguém arrisque o como. Nem há registos descritivos da actividade sexual dos deuses; o acto de criação ou recriação sexual é tabu divino (Pimenta, 1995). Dir-se-á que estão sempre lá. Aguardam. Surgem. Isso parece fazer parte do propósito. Ser o desconcertante propósito. Auguro.

Vacilamos entre imagens de uma vida aterradora, mergulhada em prodigiosa monotonia e uma soberba luxuosa e genial existência. Embora a parca variedade, mesmo a estereotípa, seja o predominante. Enredada no mistério parecem figurar janelas que embora iguais até ao limite, prometem palácios interiores, monumentais arcádias. Arquitectura de sombras e sonhos.

Na profusão de representações quer literárias quer iconográficas, P. Brunel (1988), configura três tipos: Como personagens de romances e poemas, em cenas episódicas ou centrais; No cerne de reflexões como as de Estrabão do ponto de vista da Geografia ou Platão, no mito de Er, do Filosófico; ou como alusão breve e elemento de comparação em obras de toda a qualidade e diversidade. Nesta profusão, escreviamos, não hesitamos em sublinhar outra invariância: interpelam uma presença. De muitas formas. Talvez de todas. Reparámos em duas, simples:

Primeira: Requerem o concurso de uma vítima a presença de um cúmplice. Sabemos como exercem um poder ilimitado sobre as vítimas. Unido a um desprezo igualmente infinito sobre a sorte destas. Mas antes ainda, há uma realidade de promessa que preenche um vazio. Finalidade absoluta, precisam de um outro, de um humano. Nisto consiste a sua existência. Escravas da sua vítima. Toda a sua vida lhe está devotada. A sua realidade depende dela. Só a vítima é real. Ela é somente um som que nasce de um corpo. Que (a)guarda.

Segunda: Como em todos estes seres mitológicos predomina o excesso. Também o excesso de presença. Há um excesso de presença, modo de anular, de fazer submergir justamente o que falta, a privação.

Confira-se a imagem. A imagem de uma sereia contém sempre mais informação e conteúdo que uma imagem vulgar (Gil, 1994). Na combinação de duas partes heterogéneas

de mundos diferentes há sempre uma parte que falta à outra. A privação dessa falta sobreproduz o existente, cria aptidões privilegiadas que torna a atracção irrecusável. O canto, as formas... iluminam de tal modo o Belo que, se não eclipsam, banalizam o monstro.

Esta característica concede-lhes uma verdadeira vocação para a representação (Gil,1994). Logo agem indubitavelmente em função de um outro, o espectador, destinatário e condição de garante da existência. Não que construam uma subjectividade plena, antes sim, obtêm um excesso de realidade através da representação, que lhe augura vida. Própria, paradoxalmente, porque para outrém. Plenamente realizada no momento, que tem de ser o momento oportuno. A ocasião, que no adágio faz o ladrão, também faz a sereia. Como, por exemplo, a essência da maquilhagem, realizam-se e finam-se na representação. E na oportunidade do mostrar.

O enigma compõe-se agora com uma terceira condição. A de um destinatário que reflecte e se substitui a uma profundidade existencial:

Para ti existo.

1.4 - Especulação (I)

Um enigma pede uma trama de pensamentos. Especulação. Presença e abertura de infinito. O modo como chegamos ao enigma proposto corre o risco de lhe coartar as respostas. Exagerado, não para faltar à verdade mas apenas para estimular a nossa inquietação de a procurar, elucidando-nos sobre as sereias, o seu enlevo e perdição a sua história e mundo(s). Ao fazê-lo quase lhe acariciamos um fim. Afastemo-nos dele.

Enunciado nas suas três premissas o Enigma das sereias coloca-nos no berço do fascínio e do horrível; âmago da tragédia. Aí as questões evocam um filão precioso quanto inesgotável. Facilmente emergem as sereias como encarnação, se assim se pode escrever, da oposição de Apolo, o ser da bela aparência, que dessa feita se livra do sofrimento, e Dionísio o “sofredor e glorificado” que impõe as suas cores, anula o indivíduo e o incorpora no ser original, superior e universal. Longe de manifestarem uma simples ou complicada contradição antes são parte activa da sua resolução, numa aliança sempre frágil sempre nobre. É o olhar de Nietzsche (1997) nos primeiros momentos da sua tragédia. O nosso âmbito e ignorância protegem-nos do ir mais longe; mas a atracção forte, obriga o não desprezar.

Coloca-nos, nesse mesmo fervilhante percurso, na dinâmica indefinível da morte e por consequência na da imortalidade. Sopros do Tempo. Numa contemporaneidade onde tudo nos separa da morte. Hoje, são sempre os outros quem cumpre esse escandaloso e absurdo hábito de morrer. Por nós. Indiferente, a morte, a dominadora, vazia, incomunicável, núcleo de todos os medos, de todos os enigmas e mistérios, infinita e abundante, cumpre os seus absolutos desígnios, embrulhada e confundida no próprio tempo, insidiosamente mesclada na vida, no amor. Thanatos e Eros (in)distinta e irrecusável fraternidade.

No enigma das sereias esses absolutos anunciam-se como fim. Cisão que agrava o trágico. Condição fermento de imortalidade. Que ser imortal é sempre esperança e desejo implícito em cada acto de sobrevivência, e todos o são. Distingue-se uma consciência de morte, e de

imortalidade, que nos vinculam como humanos. Sendo o esquecimento da primeira o rejúbilo da segunda. Neste tempo de imortalidade sem morte o enigma ganhará novos tons.

Também por aqui a especulação se ampliaria. Mais uma vez declinamos o convite. Talvez porque “*a semente que germina a essência do ser humano é o amor e não a morte*” (Coimbra,1987;) ou porque “*todo o amor inclusive o mais feliz, é trágico*” (Paz,1998 ;81). Tomemo-lo, ao enigma no seu todo, como uma declaração. De amor. Ridícula portanto. A consagração fácil se não entusiasta do outro. Do Próprio, se se preferir, e não fizer equivaler ao Mesmo. Aqui encontramos afinal, secretamente acopladas, a tragédia, a morte, a imortalidade e o amor.

Imaginamo-la então, declamada. Primeiro num canto virginal, como o das crianças. Depois, o verbo animado no melhor estilo romântico, numa espécie de *finamur* invertido onde, neste caso, o homem viajante, vivente, se torna eleito, O único, nas aporias dos sentidos ou da razão. Na fascinação declamativa, quase, quase desespero:

Se te aproximas mato-te. Se te afastas morro. Para ti existo.

Respira um imperativo que se joga nos extremos, nas franjas da existência, reclama, solicita aproxima quem ou-vê. Ameaça e adoça as palavras em crescendo, incrédulo e vibrante. Organiza uma promessa: A Promessa. Tão só, do eterno e infinito. Quem sabe, do transcendente. Arvora uma cura de libertação de tudo o que é circunstancial e quotidiano, penoso e decepcionante.

Acata um martírio profundo e dramático, também evidente nas cartas de Abelardo e Heloísa ou nas de Soror Mariana, mas igual e vulgarmente patético, face ao clamor, ao chamamento pelo outro, para o outro, que promete uma comunhão mútua, onde tudo compensa, harmoniza, ampara.

Sem dúvida. Há um louvor ao princípio eterno e infinito do amor. Uma balsâmica chantagem que exige, implora a aproximação, a comunhão. Mas simultânea e misteriosamente insinua-se como que uma secreta aliança à morte. Rapidamente tudo se

inverte. Azedam as palavras. Nega-se o próprio amor porque se impede a sua dimensão terrena; o encontro.

Se considerarmos com O. Paz (1998) que todo o encontro amoroso exige predestinação e escolha, atracção involuntária e vontade assumida, destino e liberdade, magnetismo secreto e inclinação exclusiva... Tudo fica preso na referida promessa ou, na melhor, ou pior, das hipóteses, numa superfície, num contacto. Depois tudo se passa como se este interrompesse o encontro e de imediato a sua própria e anunciada realização.

Isto permite-nos isolar e denunciar (mais) um eterno presente. A companheira de Afrodite. A Persuasão. “*A que jamais sofreu desprezo*” como a define Esquilo. Para conseguir os seus intuitos, Persuasão recorre à ternura, à doçura, ao prazer suave. Hesíodo, que assim fala (Lozano;1993), acrescenta que ternura, doçura e prazer suave nunca são dados sem “*palavras enganosas e discursos sedutores*”. Configurada na duplicidade do bem e do mal, à vez; Persuasão representa na vida amorosa o jogo das aparências que permite conquistar para si com uma secreta violência. Jogos, ardis e estratégias de aparência qualificam-na: a ela recorre Hera quando quer despertar em Zeus o desejo amoroso(Martinez,1997).

Nas sereias é o **em canto**. Para Górgias, a sua “*obreira*” é a retórica, a palavra eficaz, o discurso. Poderoso soberano. Com um pequeníssimo e invisível corpo realiza empresas absolutamente divinas. Elimina o temor, suprime a tristeza, infunde alegria..., cria crenças, faz obedecer (Platão;1991). Obriga seriamente. Produz atracção.

Para Faon, esta atracção infinita surge graças ao prémio de Afrodite, um poderoso e inebriante perfume com virtudes eróticas que, qual Adonis, lhe dá o poder de inspirar em todas as mulheres uma paixão amorosa que ignora os deveres e as proibições do matrimónio. Também para ele o aroma divino leva ao castigo e ao efémero. Acaba morto por um marido enganado. Mas a força divina não perde a essência, faz desvanecer montanhas e esquecer perigos (Kerénye,1989).

Em palavra, articulando um sentido, ou em modos próximos das sensações ou das percepções, a persuasão contém o fazer obedecer, cria uma circunstancialidade de força indómita. Um sistema de atracção. Recorre a uma estratégia de engano e aparência. Seduz.

Se-ducere. Fazer ao lado. Desviar do caminho. O enigmático, o ambíguo, o obscuro, o secreto e incerto ocupam território privilegiado de todo o seu longuíssimo continente. A sedução. Nela ressalta a dualidade. Desafio e luto. Nela o propósito da ocasião, o determinante do momento oportuno, que assinalamos no «para ti existo», vigora. Fica marcado por uma estratégia de adequação, aparentemente invulgar, feito de interdependência, onde a acção do outro toma parte na minha acção e ambas se conjugam na eterna promessa do encontro.

Sem que nunca percam o papel principal as sereias induzem, provocam e dominam a acção. Seduzem. Amorasas, encantadoras, sapientes, espectaculares... Persuadem. Manto inerme por onde se insinuam e vivem.

Tudo no enigma parece dirigir-se num objectivo último. Primeiro: exige uma acção, faz agir o outro. No lancil do amor e da morte há sempre um outro, um terceiro diremos mais adiante, destinatário imperial que (se) justifica (n)o jogo. Tudo (se) destina a amar. Sem ele não há notícia, movimento, turbulência... Sem ele, tudo só o mar. Com ele rompe o *canto e chama*. Desejos que se interditam e negam. Para além dele, o silêncio, a ausência, a quietude....de novo.

Excessivas. Como tudo em Eros e Thanatos o é. A sereia tem um suporte que a sustenta, que lhe garante a vitalidade, a realidade, e a realiza de maneiras mil. Chamamos-lhe o mundo imaginário. Mundo interno. Que torna real uma (ir)realidade. Mas antes de prosseguirmos precisamos de evocar um outro imemorial mito. Onde tudo isto parece estar contido, presente, enunciado. O mito da histórica.

2 - Das Históricas

Quanto mais te desfaço mais restauro
o solar que por dentro sempre foste

David Mourão-Ferreira, *Música de Cama*

2.1 - Uma velha história (respeitável e indomável senhora!)

Mora de um lado o espanto, de outro o absurdo e repelem de si a vida.

Raul Brandão; Humus

Le mot hystérie doit être conservé (...)
il serait très difficile aujourd'hui de le modifier,
et, vraiment il a une si grande et si belle histoire
qu'il serait pénible d'y renoncer.

Pierre Janet ;L'État mental des hystériques: les accidents mentaux et les stigmates mentaux

A afirmação impõem-se nas sereias e para além delas. É uma preposição, nossa: Tudo o que conta uma história é interessante!

Toda a história nasce no horizonte. Aresta de sonho. De desejo. Onde se ilumina e recria. Liberta faíscas fluorescentes de um universo brilhante e raro que se coloca deleitoso ao nosso alcance. Distante e já aqui. De outros e apenas nosso. Pérola de imagens segregadas pelo entusiasmo, a curiosidade, o medo ou a esperança, cada história é um fenómeno profundamente humano. A histeria também.

Uma primeira razão: a histeria transporta uma história. Ao seu jeito, única. Epíteto de mil formas. Veremos como esta pode ser pessoal, narrada a quem a quiser ouvir, através do corpo, narrador dramático, que se silencia no que grita. Ou também numa espécie de vocação em suprimir o silêncio, das coisas, da vida, integrando-o em si, gritando-o insidiosamente. Eclipse intermitente que vai encontrando um jeito de perdurar, de marcar o tempo, de fazer História. A histeria e a sua História. Milenar. Como a história dos Homens. Seres que contam histórias.

Percursora desta nossa época em que se faz a História de quase tudo, sempre que se fala de histeria evoca-se a sua História. No todo ou em parte; curiosa persistência. Denunciando o nosso gosto por histórias e pela História não fugimos à regra. Sobretudo queremos ao (re)contá-la encontrá-la. (D)enunciar-lhe a invariância. Áurea mítica. Conhecer-lhe as peugadas deixadas para melhor lhe adivinharmos o percurso percorrido e a direcção e sentidos do a percorrer. Tentativa de reflectirmos e enquadrar todo o exposto.

É sabido, o primeiro a usar o nome foi Hipócrates, pai da Medicina moderna. Histeria. Deriva da palavra grega *Histerón* que significa útero, matriz. *Matrix*; mãe, animal de reprodução, ou a fonte, a origem, local ou meio em que algo é nutrido...

Imposição remota. Desde sempre esta história surge associada à mulher. Ao corpo e à reprodução. Ao corpo e à sexualidade. À Medicina. Algo de incomum se passa desde o início dos tempos. Algo que ocorre no lado de dentro dos corpos. Móvel, oculto, misterioso, rebelde. Não se expressa directa e livremente. O modo como o possibilita faz erguer o dedo do publicamente denunciável. Exige curiosidade. Pede explicação. É simulação e engano. É verdade de outra maneira. Uma permanente fábula que extravasa todas as certezas. Ou vice versa. Certezas que configuram fábulas. A matriz explica (?).

Seguimos duas obras fundamentais: a de I. Veith,(1982) e mais recentemente a de Chauvelot (1995). Muito antes de Hipócrates, a referência mais antiga remonta ao Egipto dos Faraós e à sua medicina, data de 1900 a.c. tão longe começa a história. É o papiro de Kahun, nome da cidade em cujas ruínas foi descoberto. Não se conhece a totalidade do documento mas os fragmentos encontrados revelam um livro onde se descrevem as manifestações provocadas pelas deslocações esfuziantes de um pequeno animal “desorientado e confuso”: o útero.

Na sua errância pelo interior do corpo feminino, o útero abandonaria intempestivo o seu lugar, à procura de alimento. Nesta avidez empurraria selvagem os outros órgãos e incendiaria aí transtornos até descarregar a tensão e reencontrar o seu espaço e repouso.

Remédio? Havia que saciá-lo, casando as virgens e as viúvas. Ou convencê-lo e obrigá-lo a subir, mais vulgarmente a descer. Prendê-lo na sua posição de baixo ventre. Para tanto

recomendavam-se técnicas mecânicas de pressão abdominal, ou medicamentosas: Fumigações, infusões, unguentos, ingestões, inalações... de substâncias várias ao sabor do tempero mágico-religioso que tempos e geografias compuseram. Da valeriana aos excrementos. Em regra preparados nauseabundos se tomados por via oral ou nasal, perfumes balsâmicos se insuflados na vagina.

Outro papiro egípcio, papiro de Ebers - século XVI a.c - testemunha mais uma vez a errância do útero alienado e desnutrido com suas repercussões. Especifica e desenvolve as referências de Kahun. No capítulo intitulado Doenças das Mulheres distingue um conjunto disjunto de fenómenos psíquicos e somáticos como a sufocação, o globus histéricus, as convulsões dançantes do corpo... O útero seria o único responsável pelas abissais e fulgurantes manifestações que o corpo testemunharia.

Propõe naquilo a que poderíamos hoje chamar um Manual novas e antigas práticas, precursoras da Medicina, esquemas terapêuticos a aplicar em idênticas circunstâncias (Veith,1992) revelando, para além do modo como lidavam com elas, a importância manifesta e o impacto de tais ocorrências.

A componente mágico-religiosa assume formas onde invariavelmente o sexual se explicita. Directa ou simbolicamente. Exemplo: Por vezes uma estátua em cera de Ibis, símbolo do masculino, representante do deus Tôt divindade do Saber e da Sabedoria, era idealmente recomendada. Derretida e o fumo insuflado directamente na vagina.

Shorter (1992) encontra estas crenças e práticas ao nível das classes populares ainda em vigor no século passado na Europa central. Cita o exemplo da Prússia oriental onde o útero era tido como uma espécie de rã, o Kolke.

Foi na Grécia gloriosa da Antiguidade, contrariamente à evidência anatómica e lógica, que esta concepção de útero como um órgão corporal caprichoso com vida própria, foi retomada, difundida e dilatada. Roccatagliata (1990;50) cita Hipócrates que defende uma espécie de dismetabolismo humoral como activador do útero móvel. Platão é quem melhor immortaliza a ideia. No **Timeo** retracta o útero como um animal que deseja procriar. Se não se satisfaz corre à solta pelo corpo, impede a respiração, provoca angústia e todo o tipo de

doenças. Só o amor e a paixão o podem satisfazer. Esta seria a natureza das mulheres e de todas as fêmeas. A necessidade de satisfação. Ou no inverso o perjúrio da insatisfação. Afinal, o primado de um animal em falta.

Consequência demonstrável: A histeria não ocorreria nas mulheres com vida sexual satisfatória mas seria uma perturbação sobretudo de virgens e viúvas. Para a respectiva cura deveriam procurar corrigir a insuficiência sexual. *Penis normalis do sim repetatur* - reclamará pudicamente em latim muitos, muitos, séculos mais tarde, o ginecologista Chrobak (Freud), de novo uma preexistência atemporal registável.

Não que os gregos defendessem o direito das mulheres à liberdade sexual ou ao prazer. As mulheres, lembramos, eram consideradas seres inferiores. Sem alma. À fêmea, que, na afirmação célebre de Aristóteles se considerava um macho deformado, era-lhe exigido devoção total. Ao homem seu senhor, garante do “status” de esposa, não lhe era reclamado nenhuma fidelidade conjugal, nenhuma relação sexual lhe estava interdita enquanto que à mulher impunha-se-lhe a contenção e a condição de prover o marido docilmente em todos os seus gostos e querereres (Foucault, 1985).

Foi este papel subserviente das mulheres durante a Grécia, que para Bennett Simon esteve na base da histeria feminina expressa para este autor, por exemplo nos ritos extáticos das bacantes, as sacerdotisas frenéticas de Baco, manifestações de catártica revolta (Chodoff, 1982). Ideia que reforça o enunciado.

Ainda na antiguidade greco-romana sob o animismo reinante - monumento significativo e infinito que clareou momentaneamente o mundo - a crença do útero itinerante e do seu adestramento evoluirá. Acabará por perder a componente selvagem dos tempos egípcios. Englobará novos elementos e nomes:

Cornélio Celso, o “cicerone dos médicos” estabelece o diagnóstico diferencial com a epilepsia, propõe cuidados com a dieta e sangria nas crises. Aretée de Capadoce observa que a idade influencia o prognóstico das crises e fala pela primeira e esquecida vez de uma histeria que não se relaciona com o útero, a histeria masculina, à qual, tal como Hipócrates fizera com a epilepsia, atribui causa cerebral. Sorano de Ephèse (sec. I d.c.), “o príncipe

dos médicos”, retira ao útero a categoria de animal, embora continue a defender que a sua constrição afecta todo o corpo. A tónica passa a ser colocada precisamente aí, no corpo total e nos seus estados de tensão. Para a cura o repouso, o relaxamento, num ambiente pouco luminoso e aquecido. A ginástica, os banhos e a dieta eram convocados para os casos crónicos.

Finalmente Galeno de Pérgamo, modificará a tónica destas teorias. Aparentemente. Afirmava, um século mais tarde, de acordo com Sorano, que o útero não é errante, defendendo uma abordagem somática geral. Preocupado com as relações corpo mente não deixa de considerar a afecção histérica como originada pela abstinência sexual. Seria a retenção de substâncias seminais, que conseqüentemente alterariam os humores. Isto tanto nas mulheres como, sublinhe-se, nos homens.

Descreve Galeno três tipos clínicos para a histeria: Os que perdem a consciência e a capacidade de se moverem e cuja respiração se torna imperceptível. Os que mantêm a consciência e a lucidez mas que tendem a desmaiar por fraqueza e dificuldade respiratória. E o terceiro tipo em que a manifestação preponderante é a de contracção dos membros. Conta a história de uma mulher histérica que se curou depois de uma massagem do útero seguida de emissão de sémen e sinais de prazer (Polónio, 1986).

A mulher. O corpo. A motricidade. Por fim os humores no papel do útero. A mesma mobilidade. Idêntica abstinência. Tensão insuperável insidiosamente corrosiva. Insatisfação sexual que atravessará os séculos apenas em variações menores.

Épocas de outrora. E de hoje. Tentativas de (pouco) explicar e remediar. Ao sabor do que passa, a fascinação pelo oculto impõe-se, aqui, como eternamente numa constante da situação humana. Por detrás desta fascinação, sentidos e significações embebidos na ambigüidade de quem olha. O amor pelo desconhecido, como todo o amor, é a história de um equívoco.

Repare-se no movimento seguinte da História da histeria. De inofensivas e submissas, a quem se recomendava satisfação sexual, as histéricas convertem-se nas mais suspeitas das concepções humanas, na mais perigosa das suas manifestações. O animal sedento

transfigura-se: um, dois, três... em Diabo e o corpo no templo sagrado que o tentará. Nesse admirável mundo velho onde o cristianismo reinante impõe uma nova arrumação para o mundo, o Bem deverá superar o Mal. Uma ascese sexual se impõe. Pior, tudo o que de alguma maneira implique a sexualidade, o prazer, a reprodução... activa perseguição. A histeria deixa de ser doença. Transforma-se em heresia. Bruxas proliferam. À solta.

Aquilo que durante a Idade Média se restringia aos meios rurais, sobretudo os montanhosos, no Renascimento, contagiou-se em colectivo (Israel,1991). Transforma-se num cataclismo internacional. Seis milhões de mulheres foram denunciadas, torturadas e queimadas vivas. Acusadas de bruxaria. De supostamente se entregarem secreta e voluptuosamente a orgias sexuais com o Sucubo. De estabelecerem pactos com o mesmo (Zilboorg;1981). Retratos do corpo possuído.

Jeito de escapar à miséria e fome, à monotonia e servidão da Igreja reinante? Modo de introduzir criatividade e vingança, principalmente as mulheres pela sua condição de mais humilhadas, tentativa de reclamarem e conhecerem a satisfação sexual (Chauvelot,1995)? Demónio, miséria, tortura, perversão e histeria coexistiam. Perseguiu-se tudo o que tocasse (n)o sexo. Havia, não apenas um pequeno útero, mas um corpo oculto, inquieto, inteiro, fonte da vida, desígnios de Deus, a domesticar.

Vozes se fizeram ouvir como Paracelço que defendia a influencia das ideias e da imaginação nos fenómenos históricas. Com pouco impacto. Para além do mérito de serem percursoras do modelo racionalista que em breve anunciaria o triunfo aparente do Logos sobre a Natureza. Impérios da Razão que separaram a alma do corpo, elegeram o objectivável e medível a absoluto, tornaram geométrica e matemática a realidade.

O aparecimento e triunfo do modelo racionalista, cartesiano, fará com que a histeria seja estudada de novo a partir do modelo médico. Aqui será envolvida e objectivada nas suas razões teóricas. Os mesmos elementos perpetuam-se: Uma doença ilógica do corpo. Uma doença das mulheres... O equívoco, esse, manter-se-á.

Poderemos citar vários autores que a investigaram desde este modelo. No século XVII, quando as fogueiras inquisitoriais pareciam querer apagar-se, Carolus Piso localizava a

histeria no encéfalo. Responsabilizava “*um líquido acumulado no cérebro*” que comprimia e influenciaria nefastamente os nervos. Descrevia-a, sem grande impacto, de novo no homem e em crianças. Depois Sydenham na sua **Epistolary Dissertation**, considera-a como uma “*doença mental*”, com uma indelével, teimosa e incontornável, capacidade: Para o mimetismo. Para imitar e copiar sintomaticamente os transtornos orgânicos: “*poucas doenças de miserável mortalidade não são imitadas por ela*”. As cefaleias, os vômitos, a tosse, e os espasmos são as manifestações mais frequentes. Considera-a a mais vulgar das doenças crônicas, insidiosa nas mulheres que não trabalham e nos homens estudiosos.(Polónio,1986).

Nos finais do século XVIII, sob o estrondo da Revolução Francesa, Pierre Roussel publica o tratado *Du systèteme physique et moral de la femme*, que se torna uma referencia no discurso sobre a mulher durante o século seguinte (Hunt, 1990). Retorno de antigos modos, com novo traje. O útero define e determina o comportamento emocional e moral da mulher. Pensava-se que por ser particularmente sensível aumentaria a fraqueza intelectual. A combinação da sua fraqueza muscular e intelectual com a sua sensibilidade emocional fazia das mulheres os seres mais aptos a educar os filhos. O útero definia o lugar das mulheres na sociedade, o seu interior, no privado, como mães, onde tinham que ser protegidas. A mulher tornou-se o símbolo da fragilidade. Diferenciam-se os papeis sexuais. Opõem-se homem político e mulher doméstica. O discurso dos políticos juntava-se ao dos médicos (Hunt, 1990).

Definitivamente a histeria passa a doença da alma e do cérebro. Dominavam o conhecimento da época, lembramos, a organicidade e as ciências neurológicas que afiançavam o isomorfismo cérebro mente. Feuchsterleben atribuirá a histeria à maior delicadeza do sistema nervoso feminino. A má educação o estilo de vida e a privação sexual eram alguns dos factores em jogo. Grisinger separa os sintomas da personalidade histérica. Sem deixar de estar em consonância com as ideias de fragilidade reinante atribuía à histeria uma base sexual. Paul Briquet em 1859 elaborou, sobre 430 observações, o primeiro tratado sobre a histeria onde a considera uma neurose cerebral relacionada com a expressão das emoções e paixões.

Shorter (1992) destaca a importância de um novo tipo de patologia que despontou por volta de 1800 e que permitia explicar os sintomas motores históricos do tipo da paralisia: a *irritação*, e um novo mecanismo, o *arco reflexo*, pertença de um órgão reflexogéneo. A histeria passou a ser considerada consequência da irritação genital: o útero e os ovários em particular. Esta irritação poderia atingir o cérebro dando origem a distúrbios neurológicos e psiquiátricos. Recomendava-se a cirurgia ablativa. A histerectomia, a ovariectomia a clitorectomia ou a causticação da mucosa nasal já que o nariz era considerado um órgão reflexogéneo - base das teorias de Fliss a quem Freud enviou a sua paciente Emma com a conhecida consequência hemorrágica pós cauterização.

Importa referenciar, por outro lado, Mesmer e o seu magnetismo animal. A época foi igualmente de paixão pelo sobrenatural, pelas manifestações do além e as históricas desempenharam naturalmente aí uma parte importante (Kress-Rosen,1999). Segundo Mesmer, pela acção das mãos aplicadas no paciente passariam um fluxo magnético, um "*fluido universal místico*", produzindo-lhe efeitos benéficos. Por vezes era produzido um sono, a "*crise perfeita*", descrito como transe sonolento que provocava na sua passagem a cura de múltiplas manifestações somáticas. Jazes Braid estudou mais tarde este sono deu-lhe valor de ciência e chamou-o de hipnose.

Foi no entanto Jean-Martin Charcot quem colocou um marco no estudo da histeria. O século XIX, com a sua manifesta "vontade de saber", curioso de ver e ouvir impregnava novos saberes. O objectivo de Charcot, foi situar a histeria no plano médico, dar-lhe consistência teórica tal como se começava a fazer com a epilepsia. Emancipá-la como entidade clínica própria. Recusar-lhe o reducionismo de simulação. "*Ça n`empêche pas d`exister*" - a célebre afirmação.

No famoso hospital da Salpêtrière, onde Pinel um século antes quebrara as grilhetas, Charcot utilizando a hipnose, descreverá as espectaculares "crises históricas" com as suas cinco fases: áurea, período epileptiforme, período de grandes movimentos, período passional e delírio terminal. Chegaram a chamar-se crises Charcotianas. A crise, mesmo que sempre tenha existido, toma um papel preponderante. Excessivo? Bem, a histeria é uma doença caracteristicamente de manifestações excessivas que teima em produzir os

seus sintomas com a maior intensidade possível - terá Freud (1893), muitas vezes lhe ouvido dizer.

A “grande histeria” da Sapêtrière onde, repare-se, o bloco das histéricas era contíguo ao das epilépticas, passou a ser antecedido de uma excitação colectiva que anunciava e promovia o aparecimento “inesperado” do “grande ataque” (Salomin,1995).

Psy Shows (Kress-Rosen,1999), as famosas aulas do Mestre, as célebres “lições de terça feira” dedicadas aos novos casos, e as de sexta sobre as doenças do sistema nervoso, onde demonstrava aos alunos atónitos os movimentos oscilantes e saltos, os “arcs en cercle”, as zonas histerogénicas, os estigmas, os pontos anestésicos destas mulheres - a fazer recordar práticas antigas de um outro Ofício, mais Santo. Os sintomas desapareciam voláteis pela acção do Verbo. Milagrosamente.

Para alguns, esse show tinha mesmo algo de *business*, onde entravam, por vezes, camponesas ensinadas nos seus papeis (Chodoff,1982). Outros destacam o modo como Charcot escolhia os casos; sempre aqueles que apresentavam maior numero de sintomas, ou desprezava as experiências anteriores dos doentes ou o ambiente fechado do hospital (Salomin; 1995). Nada disto diminuiu o impacto da hipnose nem impediu que Charcot fosse seriamente considerado “um homem de ciência”, cuja maior satisfação era descobrir “factos novos” naquilo que sistematicamente observava (Freud,1893). Efectivamente outros campos se abriram à investigação.

A etiologia primária residia para Charcot, um anatomopatologista, de acordo com o espírito organicista e hereditarista da época, num defeito orgânico cerebral. Na ausência de lesões orgânicas as manifestações eram explicadas por “lesões dinâmicas”. Afirmava que eram resultado de determinações principalmente hereditárias. Se adquiridas não aconteciam ao acaso, valorizando a ideia da histeria traumática, causada por traumatismos tipo acidente ferroviário à época muito frequentes. Não encontrava grande interesse em desenvolvimentos neurológicos ou psicológicos. Continuava mesmo convicto quanto à importância da sugestibilidade. Ideia querida e desenvolvida por Bernheim para quem todo o ser humano é sugestionável. Bernheim que com Liébault, na Escola de Nancy, retomando Braid, viriam a desenvolver hipnose enquanto método terapêutico.

Com Babinsky a histeria seguiria outra linha onde se acopla o conceito de Pitiatismo, que supõe um diagnóstico pela exclusão. Ou seja, na ausência de uma “verdadeira” doença, visto não ser possível a confirmação de lesão orgânica impunha-se o retorno da ideia da simulação. Diagnóstico de nada ser. Irredutível, da histeria sabia-se essencialmente o que não era, o difícil era afirmar o que era.

Discípulos de Charcot, e portanto da postura que reclamava para a histeria a dignidade de uma entidade clínica, foram, Janet e Freud - este inicialmente em conjunto com Breuer nos célebres “**Estudos sobre a Histeria**” - quem acrescentou novos avanços para a compreensão da doença.

Janet falava de dissociação histérica, da dupla consciência e das ideias fixas - fixam-se às imagens, e hipnotizam-se com elas. Postulava a unidade do psiquismo, obtida através de uma força sintética que facilita a integração e a hierarquização das funções psíquicas: em cima a razão superior, onde reside o social que permite a adaptação à realidade, por baixo as formas inferiores tais como as emoções, os reflexos, etc.

Na histeria produzir-se-ia uma redução da consciência - causa de fenómenos de automatismo psíquico - que daria lugar ao aparecimento de formas psíquicas inferiores e à ideia fixa, gerando-se assim os sintomas.

Esta concepção baseada no fracasso das funções superiores, que choques emocionais e lembranças traumáticas podem favorecer, produziria um enfraquecimento da tensão psíquica. Encontrado assim o responsável primeiro pelo aparecimento do distúrbio. Que em outras épocas se nomeou de animal, de instintivo, de demoníaco. Impregnado de indisfarçável cartesianismo, as propostas de Janet continham na base as teorias organicistas de Jackson (Bergeret, 1983). Mantinham-se fieis a Charcot.

Freud intuitiva e provocadoramente vai assumir uma viragem crucial: Ainda que vinculadas a componentes constitucionais as manifestações histéricas tinham uma etiologia psíquica, não redutível ao somático apesar de ser aí que se tornavam visíveis. O engano e a

simulação eternamente advogadas passar-se-iam sim, mas num outro universo que não o da consciência.

Não seria uma redução da dita ou uma dissociação como defendia Janet, provocada por enfraquecimentos. Haveria uma “*segunda consciência*” tal como inicialmente, com Breuer, lhe chamou, dissociada através de uma força - a repressão ou recalçamento que fatalmente exclui do entendimento certos conteúdos, recordações, devido ao afecto intolerável que têm associado.

Esta absoluta consumpção foi ainda fortificada. Estes conteúdos são de raiz sexual, o que tratando-se da histeria não era inédito. Só que uma estranha diacronia aparecia agora: O reprimido eram (os) conteúdos, “traumáticos”, de natureza sexual pertencentes à infância, base de todos os sintomas neuróticos.

À dita “*segunda consciência*” Freud veio a chamar *Inconsciente*. Conceito rebelde, que embora em voga na época (Ellenberger,1994), Freud veio a deslocar do orgânico para o Psíquico (Peret,1990) e que seria um conceito base da teoria Psicanalítica que a partir do estudo da histeria Freud veio a edificar. Os sonhos, os lapsos, os sintomas... são superfícies da sua enigmática e cálida presença. O mundo do pensamento, das representações psíquicas, sobretudo inconscientes, passou a estar irrefutavelmente entrelaçado com o dos afectos. O psíquico e o somático profundamente imbricados: no mundo pulsional. O sensorial, meio e fim do Processo primário, - forma primordial do funcionamento psíquico que se regerá sob o Princípio do prazer, numa actividade para além da lógica formal e do tempo cronológico... Fragmentos que partem da histeria para a ela voltarem com outro fôlego explicativo. Revelando novas propostas de entendimento do funcionamento psíquico humano. Outra história a que dedicaremos atenção maior. Fundaram uma nova teoria: a Psicanálise.

Depois de Charcot, com refere Ellenberger (1994), sob influência das concepções de Babinsky, o numero de pacientes históricas declinou rápida e continuamente, sobretudo em França. Hoje mesmo no meio psicanalítico é um diagnostico pouco utilizado. Fala-se muito mais de transtornos narcísicos e borderline. A revelar outra das suas invariâncias: o papel do meio social e cultural. Do momento circunstanciado.

Num complexo intrincado de papeis complementares, como afirma Namnum, a histeria muda segundo a época, e continuará a mudar, porque toma sempre a forma que interessa essencialmente aqueles - padres, médicos, psicoterapeutas - cuja atenção ela procura (Laplanche, 1976;).

Em suma: Na História, ao sabor da causa e do efeito ou fora deles, o Tempo tem convocado explicações, externa vestimenta que propõe a nudez, do corpo e da alma. A histeria parece indicar-nos perpetuamente um duplo espaço. Por um lado a afectividade mais excluída, o mais conflitivo e angustiante do humano que gera uma fenomenologia que se enuncia, abrupta e no excesso, sob a forma de sintomas ou de crises. Por outro uma racionalidade que organiza conhecimentos e paradigmas de pensamento que se situam frente a ela. Cara e coroa de uma mesma moeda.

Areia quente que se escapa rápida da mão dos modelos? Mão masculina que no medo a aperta em pertença e sabedoria?. Mão mágico-animista, religiosa, médica, Psicológico-Psicanalítica, mão dura em pedra mole. A histeria permaneceu a marcar todas as épocas, invariavelmente inclassificável, irreduzível a qualquer jeito único de conhecer. Permanece, na sua plastia teimosa, no seu “*aparente camaleonismo*” (Gaddini,1984) sempre à altura dos avanços, sempre lhes escapa. Por debaixo dos velhos e novos trajes sempre encontramos a mesma “*doença ontológica*” (Green, 1995).

“Essa estranha dentro de casa”, essa “erva daninha da medicina”, segundo Lasegue indefenível,, (Bergeret,1987) no século XX, século de todos os Progressos, continuou igual a si própria, semeando desafios. Evoquemos ainda três, quatro, momentos e deixemos outros desenvolvimentos para os capítulos seguintes:

Nas primeiras décadas do nosso século, dez, vinte, anos depois da publicação dos **Estudos...**, ainda se usa o espéculo vaginal inventado no século XVI por Amboise Paré para facilitar a entrada dos vapores na vagina. Tratamento lacónico. Vestígios que desde a Antiguidade Egípcia chegam activos à contemporaneidade (Cauvelot,1995).

Em 1932 Pavlov publica o seu *Ensaio sobre a interpretação fisiológica da sintomatologia da histeria*. De novo coloca a tónica no somático. Num olhar fisiopatológico, constata que nestes pacientes existe um predomínio dos processos inibitórios o que deu origem a novos desenvolvimentos teóricos e clínicos na perspectiva organicista. Nomes como Dublineau, Eysenck, Cloninger, Ikonomoff trousseram contributos originais à investigação biológica e neurofisiológica da histeria (Ey;1987).

Para os autores da corrente comportamentalista as manifestações históricas são adquiridas por aprendizagem. Wolpe por um lado e Dollard e Miller por outro acentuaram, na década de cinquenta, a ideia de histeria como reforço e ganho a partir dos sintomas. Kendell partindo da tese de que os comportamentos recompensados tendem a incrementar a sua frequência defende que estes sujeitos recorrem a estas estratégias porque são eficazes, as suas vantagens parecem serem superiores aos inconvenientes (Vallego; 1986).

Repentinamente o eclipse. A partir de 1952 a palavra histeria deixa de figurar na Nomenclatura geral das Doenças bem como no Manual de diagnóstico e estatística das doenças mentais, elaborado pela American Psychiatric Association, o que se mantém ainda na última edição o DSM-IV. Aí se vê substituída pela designação de *sintoma de conversão*, repartida em várias rubricas, dos distúrbios sexuais aos do comportamento alimentar. Provavelmente apenas mais um episódio, e não o último, da história de amor e ódio que sempre ligou medicina e histeria.

Estes exemplos demonstram a latitude dos fenómenos históricos e a sua teimosia onde talvez a maior de todas seja a de semear (ir)racionalidades. Obriga-nos, neste ponto da História, a colocar perguntas:

Mais do que um fenómeno patológico, a histeria, será constitutiva, fisiológica, natural de certa maneira? Expressão de uma femininalidade que apenas deseja um mundo aceitável que a aceite? Ou será somente um discurso? Ou uma patologia? Um carácter? Um modo peculiar de relação? Onde uma negação e denegamento da sexualidade da mãe tem que ser perpetuada? (Mayer,1989).? Ou, seguindo a ideia de falsidade, a histeria simplesmente não existe?

Algumas destas questões ganharão maior sentido nos desenvolvimentos que se seguem. A histeria essa, parece limitada ao ilimitado ao poder oculto do corpo, a qualquer coisa de oceânico, corrente e contra correntes de saberes à superfície de uma comum e invariante profundidade. Misteriosa. *Mysterion*.

O seu mundo terá ficado menos disperso no crucificante tumulto que a História testemunha, mas segue em branco novo, contorcendo o silêncio e a luz, inventado caminho e bússola. Engrossando uma resplandecente alva mítica que a anuncia. E ofusca...

Reparamos agora, aceite-se o engano do agora, é uma história de mulheres contada por homens. E não há nenhuma teoria nisto, nem teoria nem catequese. Apenas apetite para continuarmos.

2.2 - Um mito que organiza uma teoria e uma teoria que organiza um mito

É dentro de si que é preciso olhar o exterior.

Victor Hugo, *História da Vida Quotidiana, Vol.V*

Retornemos ao século XIX. Século longo. Inicia-se nos ecos da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão e prolonga-se muito para além do seu fim . Embrião último e fecundo do privado, e um gigantesco e invulgar “baile de máscaras” (Perrot,1990), duas características muito suas.

Neste século a hipertrofia da aparência dessimina-se, democratiza-se. Enquanto o indivíduo vai conquistando um lugar soberano e a família definitivamente se impõe como modelo de normalidade. Nela a sexualidade, palavra que aparece pela primeira vez em 1859, aparentemente se vê refugiada (Foucault). Corada.

Século da generalização dos espelhos, da massificação do retrato..., outros cultos para a imagem de si. Imagem limpa que os progressos e teimosias dos higienistas da cidade impulsionaram. Novos ritos para o corpo que é também ele um corpo aparente, cuidadosamente ocultado. Dos outros, de si mesmo. De onde o animal e os instintos se vêm em vergonha escondidos e fustigados.

Corpo mulher e mulher corpo. Fraqueza e descrição que o interior do lar acolhem, e as exigências do pudor facilitam. Nunca o corpo feminino esteve tão escondido e espartilhado. Nunca a mulher foi tão pavorosamente enigmática etérea, diáfana e... venenosa. Nem o homem tão senhor e pai, onde se misturam em força e notoriedade, autoridade e saber com medo e insegurança (Ariès e Dudy;1990).

Século das paixões agitadas, ascensão e queda do amor romântico. Da amizade e da confiança. Do culto da virgindade e do angelismo terrestre. Do sexo pudoroso de moral fácil e falar complicado. Da domesticação de um animal-corpo que conhece novas novas:

Na segunda metade do século, edifica-se *a scientia sexualis* a interdição sapiente da patologia, entretanto codificada e a codificar, conspurca os comportamentos que até aí só a moral condenava.

Moral então vitoriana, intransigente e monolítica, carcerária mas que sempre permitiu a fuga. Volúpia, êxtase e degradação misturavam-se. Perseguiam sem tréguas os imaginários. Modelavam as modalidades do prazer que conquistava ébrio o seu império no fora de casa. Inícios de Belle Époque que de todo o modo dava pouca atenção ao prazer do outro. Se as novas descobertas da ciência médica e os progressos da contracepção do final de século propunham volúpia, o ímpeto e a rapidez masculinas enaltecidas, entre outras, no discurso médico arvoravam à sexualidade genital, serva e rainha da procriação, lugar cativo (Ariès e Dudy;1990).

Século da última agonia do Império, o Grande Império, o dos Habsburgo. Viena, a “*velha cidade imperial*” teimava em manter “*o Facho*” da Glória flamejante. Das Ciências às Artes. Impunha em Cultura e *Intiligentsia* o esplendor e respeito de outrora. O declínio era desastroso e imparável mas massivamente negado. Enquanto que ao som da valsa a desagregação progredia, as fervilhantes elites culturais voltavam-se para novas e outras conquistas; o interior do Homem. De Mahler e Brahams a Kokoscha e Klint. De Karl Krauss e Canetti a Krafft-Ebing e S. Freud. O sexo e a morte pareciam dar o mote. A começar na própria casa do imperador onde a bela e errante imperatriz Isabel, “*histérica, narcisista e anorética*” (Bettelheim,1991) acaba assassinada e o seu filho Rodolfo suicida-se após ter tido relações sexuais e morto a amante por si escolhida. Escândalo e tragédia..

Século da implantação do paradigma psicológico que altera radicalmente a relação médico-doente. Veja-se o cuidado em recolher a anamnese, reconhecimento da singularidade que configurava um espaço psicoterapêutico. Apenas outro dos sinais que instauram a subjectividade como universalismo do final do século (Castel,1999)

Século, enfim, do apogeu. Da histeria. Ou não fossem todos estes aspectos elementos da sua exuberante pertença. Substância visível da inexplicável luz. Indicadores que ela

reflecte e nela se reflectem fazendo da interioridade humana lugar incontornável. Denunciando “outra” realidade; a “realidade psíquica”.

Tentemos conhecer o processo onde esta se pré-figura. De 1892 a 1896 Freud publicou uma série de artigos que viriam mais tarde a ser reunidos sob o título **Primeiras Abordagens à Teoria das Neuroses**. Neles se sistematizou a nova abordagem à histeria. Olhares novos por velhos buracos. A Krafft-Ebing, no fulgor positivista, parecia-lhe “*uma fábula científica*” (Mancia, 1991), mas através da histeria a mente humana ganhava um novo e ardente valor categorial.

Tomemos um desses textos pioneiros. Por exemplo, o **Estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas**, de 1893, ano em que Freud deixa a Salpêtrière e regressa a Viena. Estudo sugerido pelo próprio Charcot, e onde Freud pontua a construção do seu modelo: O iluminar do psíquico. Distancia-se desde logo do discurso médico do seu Mestre afirmando a inexistência na histeria de qualquer lesão. Nem orgânica, nem sequer dinâmica ou funcional, conceito que é discutido neste artigo.

A tónica é colocada no facto das paralisias histéricas serem completamente independentes da anatomia do sistema nervoso, ideia igualmente defendida por Janet (Nasio, 1994). Tão independentes que se comportam como se vertiginosamente esta não existisse, lhes fosse completamente desconhecida. Tudo se passaria no nível das representações, no território do psíquico.

Este tem processos próprios, digamos assim. Por exemplo, recorre a uma ideia de corpo tal como circula no imaginário popular, fundado nas percepções tácteis e visuais. Será esta anatomia do povo quem inscreve e circunscreve o sintoma, produzindo uma limitação exacta de um órgão ou função. Inevitavelmente com uma intensidade própria, isto é, exuberante, excessiva, notada.

Na explicação de uma “*trajectória mental*” coerente com esta “*lesão de uma ideia*” (Forrestes, 1980) Freud recorre ao conceito de *traumatismo psíquico*. Cria uma concepção sobre representações subscientes, uma primeiríssima aproximação ao conceito do *Inconsciente*. Nela se vislumbram alguns elementos da organização do Psiquismo: Um Eu

que permite distinguir dois cenários. O socio-cultural, exterior, onde habitam os outros, cenário que o conforma e marca. E o cenário psíquico, interior, que se afigura repartido. Por um lado consciente que confere uma imagem de completude e unidade ao sujeito, por outro inconsciente que abarca todas as formas reprimidas e se mantém aberto à influência do cenário sociocultural. Modelo dual da mente que encontra percussores em pensadores como Gustav Carus, von Hartman e Schopenhauer (Mancia, 1991).

Em **Um caso de cura pelo hipnotismo**, 1892-93, Freud nomeia o conceito de dissociação da consciência - uma representação penosa, de carácter contrário à vontade do próprio dissocia-se e perdura de forma inconsciente para o paciente. E acrescenta diferindo de Janet, que o mesmo ocorre na normalidade.

Dois textos básicos. **Estudos sobre a histeria** (1893) e **As neuropsicoses de defesa** (1894). Escritos que produziram profunda impressão no mundo cultural de Viena. Hugo von Hoffmannsthal confessa tê-lo consultado várias vezes para escrever o libreto da ópera **Electra**, de R. Wagner (Bertelheim, 1991). No primeiro, a célebre “*Comunicação preliminar*” escrito em parceria com Breuer, Freud sistematiza o modelo da histeria traumática:

Um acontecimento traumático, da infância, não tendo descarregado a sua carga afectiva perduraria sob a forma de recordação. *Reminiscências* inconscientes, símbolos comemorativos de determinados acontecimentos, traumáticos, que sofrem uma repressão e que, como “*um corpo estranho*”, produzem os sintomas mais tarde. O tratamento indicado: a cura catártica - descarga verbal e motora da sobrecarga afectiva através da hipnose.

No texto complementar dos **Estudos...**, **Psicoterapia da histeria**, Freud separa-se de Breuer, que considerava que toda a histeria é hipnoide (Laplanche e Pontalis; 1985). valorizando o afecto penoso desencadeado pela experiência traumática e sublinhando o carácter sexual das mesmas. À concepção de histeria hipnoide contrapõe a histeria de defesa.

Nos **Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa** (1896), é exposto o carácter comum da histeria das fobias, das representações obsessivas e das psicoses alucinatórias.

Continua a pôr acento nos aspectos defensivos e conversivos da histeria. Surge claramente o conceito e noção de defesa, aqui equivalente à repressão. O Eu defende-se dissociando a representação do afecto, e o que ela representa psiquicamente, reprimido-a no inconsciente. A carga afectiva que investe a representação, que é derivada para o soma, na histeria, ou deslocada para outras representações aceitáveis ao Eu, no caso da fobia ou da obsessão. Na psicose a defesa será muito mais forte já que o Eu expulsa o afecto e a representação, como se esta nunca tivesse existido para ele, apenas sob a forma de retorno alucinatória é considerada. Vemos que o destino do afecto conforma variantes patológicas.

Freud afirmará que estes três mecanismos podem estar no mesmo sujeito e têm portanto um tipo de defesa comum: a repressão ou recalçamento. Confere grande importância ao afecto e particularmente à angústia, enquanto afecto excessivo e inespecífico, “*a libido desviada dos seus fins*”, e à elaboração psíquica, que deriva associativamente o afecto pelas representações.

No entanto conferindo importância fundamental aos afectos postula uma certa dissociação entre o mundo afectivo e o mundo significativo. E vemos como posteriormente Lacan irá extremar esta, concebendo o inconsciente como significativo puro, uma linguagem, e a prática psicanalítica como a experiência simbólica por excelência. Só os significantes estão reprimidos, o afecto, sobretudo a angústia, anda à deriva. Por outro lado a escola inglesa valorizará a componente afectiva. Primeiro com M. Klein unificando afecto e representação depois com outros desenvolvimentos como os de Winnicott (1989) que fala nos afectos da mãe e na sua capacidade de compreender e tolerar os do filho, fazendo com que sejam integrados no self. Ou os construtos de Bion (1991) que introduz o conceito de *rêverie*, fundamentado precisamente na capacidade afectiva da mãe em elaborar os afectos do seu filho, em particular a angústia, ou a dinâmica dos afectos no desenvolvimento do pensamento e da capacidade de pensar... Outros percursos e percursões.

De 1896 a 1899 o fundador da psicanálise publica **A Etiologia da histeria e A sexualidade na etiologia das neuroses**. Resumidamente evoquemos aqueles que nos parecem os principais pontos: Os sintomas históricos constituem uma linguagem simbólica inconsciente - correspondência sintoma e símbolo. Para tal terá inevitavelmente existido acontecimentos, com “*adequação e força traumática*” suficientes para

desenvolver não apenas um mas vários traumas, entrelaçados associativamente originando uma sobredeterminação sintomática.

Na sua origem, qualquer que seja o sintoma, cenas sexuais infantis, vividas pelo “*próprio corpo*” sob o efeito da sedução. Traumática. Originária no meio familiar e obra do “*pai da histérica*”. Estas podem ter tido de imediato o dito efeito traumático ou manter-se como recordações inconscientes activas que ganham re-significação na puberdade. A já nomeada acção em deferido, com o retorno do recalçado e os sintomas físicos e psíquicos.

No desenvolvimento desta dinâmica seria importante não apenas os aspectos objectivos do evento da sedução, excessivo relativamente à capacidade de protecção da criança, mas ainda o significado subjectivo que esta lhe atribuiu. Tónica na capacidade da mente em ressignificar o passado.

Freud acabará por colocar a dúvida sobre a realidade dos acontecimentos sexuais traumáticos, já que isso implicava uma grande frequência de actos perversos contra as crianças. Desconfia da realidade. Afirma, na famosa carta de 21 de Setembro de 1897 a Fliss, já não crer nos seus neuróticos e acrescenta “*a descoberta segura de que no inconsciente não há sinal de realidade, de maneira que não se pode distinguir a verdade da ficção investida de afecto*” (Freud 1897;280). O real desloca-se para a fantasia do paciente. Ideia revolucionária à qual o próprio Freud teve dúvidas e resistência a aderir de imediato (Chillant;1990).

Em 1901 surge um texto fundamental na clínica da histeria, **O Fragmento da análise de um caso de histeria** (Freud,1905),O caso Dora. Será um texto fundador. Provavelmente o caso mais revisitado da clínica psicanalítica e não só, as repercussões estenderam-se ao campo artístico e cultural (Showlter; 1998). A partir daqui o mito tem outra consistência. Cria-se o mito da histérica.

Freud publica este texto entre **A Interpretação dos sonhos**, em 1900, onde fala de recalçamento, pela primeira vez aparece a referência ao Édipo e enuncia a importância do desejo, elementos classicamente essenciais na histeria, e os **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade** em 1905 (a). O assumir a reviravolta coperniana. A patologia histérica

passará da sedução traumática imposta da realidade social para uma outra realidade; a *realidade psíquica*. A sexualidade para outro lugar da história do sujeito; a sexualidade infantil. O *mundo interno* impõe-se. Afirmam-se duas ideias míticas na Psicanálise: A neurose é o negativo da perversão; e toda a criança é um perverso polimorfo.

Surge o conceito de pulsão, que Freud distingue de instinto. A pulsionalidade, que se relaciona com a sexualidade seria algo inerente à natureza humana que pressiona o sujeito desde o seu interior, impulso vital que tende a exteriorizar-se e a descarregar-se obtendo assim prazer, a sua finalidade. Encontra-se próximo da noção de desejo.

A diferença, já que também o instinto busca a descarga, será que este é variável, não está pré-determinado: pode experimentar uma inversão (homossexualidade), condensar sexualidade e agressividade (sado-masiquismo) deslocar-se a outras zonas do corpo (beijo) ou para um objecto (Fetichismo) ou até voltar-se para o próprio corpo (auto-erotismo).

A histeria teria na sua etiologia não mais os acontecimentos sexuais traumáticos infligidos a inocentes crianças e ressignificados na puberdade mas sim a repressão da própria sexualidade infantil. A pulsão, investindo com certa carga de afecto determinadas representações inconscientes (o inconsciente não estaria portanto totalmente desactivado) as quais tenderiam a exteriorizar, por pressão da pulsionalidade sexual, e a poder adquirir um carácter por vezes traumático.

Neste momento o recalçamento é conceptualizado como um mecanismo normal que actua sobre a sexualidade infantil, isolando, causando uma amnésia fisiológica sobre representações sexuais intoleráveis. Na histeria haveria um excesso desta repressão. A diferença para a normalidade seria uma questão de gradiente, dependente da intensidade do recalçamento, da quantidade energética concomitante isolada com a representação, e dos efeitos mórbidos.

Voltando ao caso Dora, que inicialmente se chamava Sonhos e histeria, Freud descreve-nos a análise de uma jovem que apresentava um cortejo sintomático: afonia, repulsa por certos alimentos, alguma alucinação sensorial, hostilidade para com o pai e mau entendimento com a mãe... Não pretendemos uma nova análise do caso, apenas referenciá-lo nesta nossa

revisitação. Apontemos primeiro o aparecimento dos sintomas, em estrita relação com dois cenários inconscientes: um relacionado com os pais e irmão e outro com os senhores K. Observamos como os afectos de Dora se entrelaçam com estes dois cenários, compondo um teatro quase burlesco: o seu pai com a Sr.^a K., o Sr. K. com ela mesma, que por sua vez sentia uma grande admiração pela Sr.^a K. e por aí...

Resulta particularmente importante, para Freud, a cena em que o Sr. K. a beija, vindo a provocar nojo e também repulsa aos alimentos. Aí defende que a relação com o srK. esconde e revela a relação com o pai. Assinala o processo inconsciente que “inverte” o prazer inicial de Dora durante esse beijo, transformando-o em asco, e o deslocamento da mucosa oral para a digestiva, ao nível do sintoma.

Mostra, no mesmo sentido, como estes teatros inconscientes e pulsionais têm uma tradução onírica, os sonhos de Dora. Surge claramente o conceito de transferência: reedição de relações anteriores que são trasladadas para a pessoa do médico. Acentua que o tratamento não cria a transferência mas que a revela.

São analisados elementos já estudados. A conversão como via de saída de um processo psíquico, que seguiu um deslocamento associativo e que por solicitação somática converteu o seu afecto. O sintoma permanece mesmo que vá variando a sua significação que é múltipla. E acrescenta uma nova via de saída para os afectos ao dizer que Dora “*actuou*” um fragmento essencial das suas recordações e fantasias (tema que virá a ser estudado por Freud em **Recordar, Repetir e Elaborar** de 1914). Se diz assim habitualmente que a histérica tem tendência a actuar.

Entre 1906 e 1909, aparecem três novos textos: **Meus pontos de vista sobre o papel da sexualidade na etologia das neuroses, Fantasias Históricas e a sua relação com a bissexualidade e Algumas observações gerais sobre o ataque histérico**. Embora sem desistir completamente da teoria traumática afasta-se cada vez mais. Afirma o papel psíquico das fantasias, conscientes, mas sobretudo as inconscientes, que se interpõem entre as ocorrências traumáticas e o aparecimento dos sintomas.

Estas fantasias possuem uma significação bissexual - expressariam a “*bissexualidade originária*”. Têm mesmo assim um potencial traumático, já que podem ser patogénicas, anunciando-se na forma de sintomas somáticos - a conversão - ou motores - as crises. E acrescenta que são satisfações de desejos que regressam da vida infantil reprimida. Os sintomas são a transformação entre dois movimentos pulsionais contrários; um que busca exteriorizar a pulsão e outro que pretende ao contrário evitá-la - esboço do que mais tarde viria a ser o Super-ego? O sintoma é pois uma forma de iludir, contornando, o recalçamento e com isso de evitar a angústia gerada pelo recalçado.

No último destes trabalhos o crucial emerge ao referir-se às crises. Afirma que estas são a representação mímica das fantasias inconscientes, que sofreram um conjunto de transformações: condensação, de várias fantasias, identificação múltipla a vários personagens, e inversão - por transformação de um elemento no seu contrário ou por inversão cronológica. *É o fantasma.*

Outro conceito fundamental em psicanálise. Tem origem e alimento na fantasia, sobretudo inconsciente, que lhe fornece as cenas, os personagens, os argumentos... Mas o essencial do fantasma são as sequências, as permutações de papéis, as trocas sintácticas e linguísticas que ocorrem nessas fantasias. Existe pois uma diferença importante entre a fantasia e o fantasma. O essencial na histeria não é que haja poucas ou muitas fantasias, mas sim a sua organização, o fantasma que a sustenta.

Há vários textos onde Freud estuda o tema. Destacamos **O Instinto e suas Vicissitudes**, de 1915. Nele volta a explicar as transformações do pulsional, por exemplo a transformação no contrário, o activo passa a passivo, o amor a ódio. Ou o que se volta contra si mesmo, exemplo do masoquismo, ou ainda da repressão, da formação reactiva, da sublimação, etc. Isto é, as vicissitudes da pulsão corresponderiam ao que classicamente se conceptualiza como os mecanismos de defesa. O fantasma organiza-se portanto segundo a dinâmica do pulsional. Numa encenação inconsciente dos desejos (Mayer, 1989). O cenário inconsciente é um cenário fantasmático. A sua função será iludir o desprazer afectivo, mas isso só será concebido mais tarde.

Mais tarde ainda, nos últimos trabalhos Freud (1931) vai destacar o papel da mãe como *factor de contenção* ou *função de activação* das pulsões. Exercendo manobras sedutoras excessivas que podem fazer falhar a contenção e provocar um *trauma real*, com profunda angústia de perda de si. De certa maneira um novo retorno à ideia de trauma ou à impossibilidade Freudiana de rutura com o positivismo reinante.

Em síntese: A patologia histérica deslocou-se da realidade social para a psíquica. Funda o psiquismo humano, digamos assim. Não é a sexualidade adulta, a pulsionalidade dos outros, que pode ser traumática mas sim a do próprio.

Não há oposição taxativa entre verdade, como realidade ocorrida, e ficção, como engano criado pelo sujeito. A realidade psíquica estrutura-se como ficção, como criação. Tem uma lógica própria, a da imaginação: é uma realidade fantasmática. O fantasiado obtém direito de cidadania, ao lado do observado.

Há três vias principais para derivar o afecto: a psíquica (elaboração), a somática (conversão) e a motora (a actuação). Distingue-se duas formas básicas de histeria, a de conversão e a de angústia.

A partir de 1908 o interesse que o modelo Freudiano centrava exclusivamente na histeria desvanece. Haverá poucos acrescentos mas mais uma vez cruciais. Exemplos: a histeria como fixação à fase genital da organização libidinal (1913), que posteriormente será relacionada com o complexo de Édipo, e a histeria que se cruzará com o conceito identificação; a identificação histérica.

O mito esse ganhou um novo recorte, elegante e sedutor. Tornou-se, como afirmamos no belo mito da histérica. Nominação. Adjectivação. Estereotipo, mesmo. É o desejo por excelência, a (im)possibilidade do gozo... do outro lado, mais prejurativamente: a sedutora, a castradora, perversa, infantil, narcisista, reprimida, débil ...

Na esquina do virar do século com as suas cores e nomes a milenar histeria abrilhanta a sua áurea mítica. A sexualidade, a feminalidade, o relacional, a angústia, a sugestionabilidade, a expressão através do corpo... cruzam-se com elementos fundadores

da Psicanálise como repressão, fantasma, pulsão, identificação.... A partir do modelo Freudiano passa a ser uma doença por representação. As reminiscências, o fantasma, o Édipo... em vez do útero. A sexualidade com maiúscula, compõe-lhe o longo véu no cortejo. Atribuí novos significados para o oculto e excluído.

Ana O., Emmy de N., Lucy R., Catalina, Isabel de R... esplendor de arquétipo da clínica psicanalítica. Ponto de partida de uma nova construção sobre o ancestralmente ilógico. A mente humana impõe-se. Despertar de novas interrogações.

2.3 - Para Além do Princípio

Tenho um interior que ignorava.

Agora tudo vai para lá.

Não sei o que lá acontece.

Rilke, *Os Cadernos de Malte Laurids Brigge*

2.3.1 - Segundo Freud...

Do modelo Freudiano da histeria vimos duas teorias. Correspondem a diferentes momentos e a conceptualizações complementares: a teoria traumática - um excesso de afecto não descarregado deriva sob a forma de sintoma, e a teoria fantasmática onde intervém o mundo interno fonte de significados, a sexualidade infantil articulada com a sexualidade adulta e os conceitos fundamentais de pulsão, recalçamento, fantasia e fantasma. Neste ponto parecia ser a sexualidade infantil um factor causal essencial da histeria. Embora não ficasse suficientemente clarificado o porquê de esta resultar traumática ou o porquê do carácter retroactivo na puberdade.

Nos desenvolvimentos posteriores, que começamos a encontrar no trabalho de 1913, **A disposição à neurose obsessiva**, serão relacionadas as diferentes patologias com as fases do desenvolvimento libidinal, as quais se constituem em diferentes pontos de fixação. Como tal, patológicos. Vê-mos corresponder à paranóia e à demência precoce fases relacionadas com o auto-erotismo e o narcisismo, a neurose obsessiva com o estágio pré-genital, sádico-anal, e finalmente a histeria com a fase genital. A psicogénese na origem. A fixação como responsável fundamental.

Conceber deste modo a histeria é uma conceptualização freudiana que a enlaçará ao complexo de Édipo derivando em duas ideias complementares: a histeria como regressão e fixação à fase fálica do desenvolvimento libidinal, tempo culminante do referido

complexo, e ainda, na dinâmica dos desejos e das identificações em jogo, como fixação aos primeiros objectos incestuosos, os pais. Onde a acção do recalçamento, com o retorno do recalçado, seria o mecanismo essencial recorrente no aparecimento dos sintomas.

Tomando como novelo de fio de Ariadne, desenrolado nos labirintos da histeria, estes três conceitos: identificação, desejo e complexo de Édipo frequentemente banalizados e a exigirem incidência, estão no âmago de todo o processo. Gostaríamos de dedicar-lhes alguma, ainda que breve, ponderação.

Embora tivesse já sido concebido como um mecanismo psíquico básico em alguns sintomas neuróticos (1897), Freud estudará especialmente a identificação no capítulo sétimo do texto de 1921 **Psicologia de grupo e análise do eu**. Aí evoca a dimensão social do humano e o modo como está radicalmente marcado pelos outros. Nomeadamente ao tomá-los como modelos, processo que denomina precisamente de identificação. Resume as três “fontes” da dita. Primeira como processo originário de união afectiva com outra pessoa. Segunda por via regressiva, como substituta de uma ligação objectal libidinal, por introjecção do objecto no ego. E terceira, nascendo de cada vez que é novamente percebida numa certa comunidade com uma pessoa que não é objecto das pulsões sexuais. Corresponde esta ao contágio ou imitação, vigora nas massas e estará na origem do processo de empatia.

As duas primeiras conferem dois tipos distintos de identificações. Uma que ocorre após o nascimento e o modelo oral de incorporação, que não distingue o eu-objecto, sexualidade-agressividade, amor-ódio ao objecto, marca a expressão afectiva primeira com este: a identificação primária. Estudada do ponto de vista do menino “*com as substituições correspondentes para a menina*” que tomando o pai como ideal deseja tornar-se e ser como ele, tomando o seu lugar “*literalmente*”, e preparando assim o complexo de Édipo. Vista mais tarde (1923) como “*a identificação com o pai da pré-história pessoal*”, que Freud estende, por “*prudência*”, em nota de rodapé, à identificação “*aos pais*” porque antes da diferenciação dos sexos ambos serão indistintos.

A outra que faz disso regressivamente um “*substituto de um elo objectal libidinal*” ou como se diria mais recentemente, um mecanismo de defesa contra a perda do objecto. Em

Luto e Melancolia (1917) Freud utiliza a fórmula: “*a sombra do objecto abate-se assim sobre o Ego que pôde ser julgado por uma instância particular como um objecto abandonado*”. Esta instância foi chamada de Ideal do Ego em 1921, e mais tarde ainda (1923) de Super Ego. A referida fórmula retomada em 1921, com essa introjecção de um corpo estranho no Ego este é “*dividido, cortado em dois, uma das partes se arremete contra a outra*”. Essa identificação é dita narcísica porque se torna substituto do investimento de amor (1917). Quando o investimento de objecto persiste temos a identificação histórica.

Ambas integram genericamente a chamada identificação secundária que se substancia deste modo como identificação apenas a um traço ou característica do outro. Parcial, tanto pode ser édipica, identificação a um traço do objecto édípico, ou patológica quando é feita ao sintoma do outro, também o caso da identificação histórica. Estes dois tipos podem-se misturar entre si sendo o indicador da patologia o sofrimento, a angústia. Angústia particular a de castração que assume papel preponderante. Aqui voltaremos adiante.

Quanto ao desejo, que tem desencadeado múltiplas reflexões que remontam aos primórdios da especulação filosófica. É igualmente um conceito com o qual se caracterizou sempre a histeria. Fala-se de desejo insatisfeito, de neurose de desejo, de desejos reprimidos... Freud fala dele na **Interpretação dos sonhos**, colocando o sonho como uma realização de desejos. Relaciona-o com o funcionamento mais primário do aparelho psíquico e com o mais antigo também, um tempo em que este funciona a partir de processos fundamentalmente perceptivos.

A cadeia que se produz é a seguinte: A necessidade leva a criança a procurar uma experiência satisfatória através de um objecto adequado, por exemplo o alimento. A percepção desta satisfação cria um traço mnésico e é posteriormente o ressurgimento da necessidade que recarrega essa memória gerando um movimento que busca a primeira satisfação: é o desejo. O desejo constitui-se na busca de vestígios do objecto, de uma satisfação anterior, impossível de encontrar como tal. O desejo é insatisfeito por si. Essa é, com as outras componentes do inconsciente, a força impulsionadora que cria o sonho. Liga-se portanto ao lado pulsional a uma força que busca. Está em actividade permanente. É imortal.

Neste texto o desejo aparece com carácter regressivo, são desejos inconscientes reprimidos que servindo-se dos restos diurnos criam o sonho, e ligado ao processo primário, onde os desejos se satisfazem alucinatoriamente, e donde os vestígios mnésicos que imperam são de natureza perceptiva; busca de identidade de percepção. Posteriormente o aparelho de pensar substituirá o desejo alucinatório, as percepções ligam-se a pensamentos e a busca será no sentido da identidade de pensamento.

Relacionando com a histeria Freud (1908) afirma que as fantasias históricas, sobretudo inconscientes, têm como finalidade a satisfação de desejos nascidos de uma privação e de uma ansiedade. Estão pois ao serviço do desejo. Estas fantasias visibilizam-se através do sintoma o qual se constitui, tal como nos sonhos, numa realização de desejos reprimidos. Expressam a pulsão sexual, a sexualidade infantil reprimida. O desejo aparece assim directamente relacionado com a histeria. Em relação com a fantasia, substancializa-se no fantasma, tem estrutura fantasmática.

Finalmente (1915) Freud assinala que o núcleo do inconsciente são representantes da pulsão que querem descarregar a sua carga, isto é, são movidas pelo desejo. Este rege o processo primário e caracteriza todo o inconsciente. Poderemos dizer que segue o modelo de funcionamento deste processo: é móvel, desconhece a contradição, rege-se pelo perceptivo e ignora as coordenadas espaço-temporais. Seria o desejo em si, que logo é convertido pelo processo do pensar embora talvez seja mais adequado colocar os desejos no registo do processo primário e secundário.

Os desejos constituem-se então na expressão psíquica do pulsional e oscilam do mais primário e afastado do consciente ao mais elaborado pelo pensar, tanto consciente como inconsciente, que o delimita o liga a pensamentos e o situa nas coordenadas espaço-temporais. Sob a sua lógica, a da satisfação/insatisfação, funciona todo o aparelho psíquico.

Dizemos com Freud que a histeria é caracterizada pelo desejo insatisfeito, recalcado. E que no fundo essa é a característica de todo o desejo. Onde situar então a histeria? Numa patologia do desejo ou na própria organização do campo desejante?

Sem querer responder às questões mas na sua investigação somos colocados perante o terceiro dos conceitos destacados: o complexo de Édipo. Considerado várias vezes por Freud uma das “*pedras angulares*” da teoria psicanalítica. Sabe-se que ele não saiu acabado da cabeça do fundador da Psicanálise, acometido por uma neurose, qual Atena, completamente armada saiu da cabeça de Zeus acometido pelo machado de Hefesto (Grimal; 1992). Concorde-se que a expressão surge em 1910 mas a referência primária data de treze anos antes, em carta a Fliss (71^a) onde fala de *Oedipo Rex* de Sofócles, para ilustrar o acontecimento universal do amor da criança pelo pai do outro sexo e do ciúme pelo do mesmo. Universalidade do início da infância, mais precoce no caso das crianças que se tornam histéricas.

A referência à histeria ocorre ainda na mesma carta ao designar Hamlet de histérico sendo que este hesita e tropeça diante daquilo que Édipo realiza. É antes o personagem de Shakespeare quem possui o “*complexo*” no sentido banal do termo. É Édipo quem não é freado pelo mesmo, uma vez que realiza o duplo desejo de qualquer menino, o parricídio e o incesto, à sua revelia é verdade, “*inconscientemente*” vítima do destino. Para Freud o “*complexo*” não designa o travão diante dos desejos, mas os próprios desejos, “*...cada neurótico foi um Édipo ou, o que dá no mesmo, tornou-se um Hamlet na reacção ao complexo*” (Freud, 1897; 285).

Na dinâmica do desejo este para além da satisfação impossível toma a partir daqui a configuração diferente. Assume-se proibido. No Édipo, conhecidos e distinguidos os objectos e o desejo por eles, neles, e entre eles, resolvido na identificação e renúncia, portanto no incompleto porque interdito, se cria à *posteriori* a apetência pelo novo, pelo externo. Ou seja, o proibido como organizador do humano. Sobre o complexo se abate o recalçamento, se distancia o inconsciente. Se insinua a vida.

Terá sido preciso esperar por **O Ego e o Id** (1923) para Freud conceber uma formulação do complexo de Édipo completo na sua duplicidade negativo-positivo dependendo da bissexualidade original da criança no seu modo de conciliar hostilidade e ternura a ambos os pais. E no mesmo ano pela **Organização Genital Infantil**, no qual Freud defende o *primado do falo*. Único órgão sexual admitido para ambos os sexos. Toda a primazia

genital é a do falo. Jogar-se-á nesta fase a oposição fálico/castrado, à volta da qual se conceptualiza o complexo de castração. Isto para perceber a etapa libidinal onde se produz a fixação na histeria. Voltaremos mais tarde a este texto para evocarmos a dinâmica sempre muito discutida do activo/passivo; masculino/feminino.

São numerosas as concepções posteriores deduzidas deste postulado de permanência e fixação no período fálico do Édipo. Com a persistência da neurose e a conseqüente busca dos objectos edipianos, renúncia obrigatória falhada, persiste a contradição consciente inconsciente, atração e evitamento. Perdido entre Laio e Jocasta se forja o sintoma.

Dessas concepções citamos algumas, de cor: A histeria só aceita a dialéctica fálico-castrado, tudo ou nada; funciona fálicamente, querendo ser na sua fantasia homem e mulher, à vez, expressando assim a sua bissexualidade; quer ocupar o lugar do pai e da mãe; investe o corpo fálicamente, por não suportar a ausência de pénis; busca a perfeição e completude; vive a sua sexualidade como incestuosa sem poder por isso senti-la genitalmente; não pode aceitar uma relação genital autêntica e procura na multiplicidade e artificialismos dos seus investimentos uma pseudo relação sexual; Exprime a necessidade de compensar a ausência de um pénis, tendo permanecido ligada ao desejo de o ter... Amostra irrisória do prolixo campo. Embora em sintonia com a generalidade destas ideias sublinhamos a manifesta insuficiência. Constrange-nos a aumentar o espectro conceptual. Impõem-nos outros autores que teorizaram sobre a histeria para além de Freud.

2.3.2 - ... E outros contributos

Contemporâneos, Abraham e Reich foram uns dos sustentadores da concepção dos fenómenos históricos no nível fálico-édipico, como resultado da fixação à fase genital do desenvolvimento infantil. Ferenczi (1982), ao contrário, mesmo afirmando que o histórico “*genetaliza tudo*”, amplia a clássica noção de trauma. Para além da sexualidade outras dinâmicas são equacionadas, descreve a “*confusão de línguas*” e coloca em causa as atitudes do objecto, inadequadas ou insuficientes para satisfazer o desejo e conter a angústia da criança. Foi dos primeiros a aludir à possibilidade de regressão oral, porque a boca podia tomar o papel do genital. Nele se inaugura a tendência que configura os anos seguintes: ao mecanismo de fixação se junta o da regressão, como função defensiva, da dinâmica do Édipo.. Ao Édipo, o antes do Édipo.

O papel dos fantasmas inconscientes, em particular o papel da bissexualidade, não deixou de ser objecto de teorização mas a evolução foi no sentido da ênfase do pré-genital. Aos registos fálicos acrescentou-se a importância do comportamento oral, nas suas duas fases, o papel das angústias primitivas...

As contribuições de M. Klein (Segal,1985) colocam como sabemos o acento neste pré-genital. Desde o início de vida a criança pode mostrar uma modalidade relacional do tipo histórico. Por exemplo oral, a voracidade, ou anal, visível no controle histórico do objecto. A dificuldade de identificação com os progenitores estará na origem de conflitos pré ou edípicos. Alguns elementos do Édipo, a autora fala em Édipo precoce, estarão já presentes desde os primeiros anos, agindo sobre a personalidade da criança e no modelo relacional que constrói com os pais.

Reich (1979), embora aceitasse a presença de traços orais na histeria remetia-os para outra série psicopatológica distinta da depressão ou da esquizofrenia. Descreveu um tipo de organização caracterológica, a personalidade fálico-narcisista, onde coexistem elementos da ordem fálica marcados pela angústia de castração e dinâmica da genitalidade com elementos narcísicos de desejo de poder, admiração e reconhecimento.

F. Wittels (1930), postula que a principal característica do tipo histérico é o de ser “infantil e feminina”. Relaciona-o com a toxicodpendência no desejo de êxtase. A par de uma posição marcadamente anti-feminista destaca como estes pacientes reagem com regressão oral, reacções depressivas e esquizofrénicas. A importância é igualmente colocada nos conflitos pré-genitais e no isolamento no contacto com a realidade - para este autor a modalidade típica predominante de funcionamento, nestes pacientes, a par da tendência em confundir fantasia com realidade.

Também J. Marmor (1953) na mesma sintonia coloca em destaque a importância dos conteúdos pré-genitais, conteúdos orais em particular, na patogénese da histeria. Afirma que é a fixação oral quem confere uma forma pré-genital ao complexo de Édipo. Consequência de uma privação materna durante a fase oral que induz dificuldades na fase edípica aquando da emergência dos aspectos da identidade sexual e condiciona o desenvolvimento psico-sexual.

Easser e Lesser (1965) considerando este desenvolvimento onde se integram o e ainda o nível de desenvolvimento do próprio Eu, do Super Eu, e das relações objectais, distinguem duas tipificações na clínica da histeria: O carácter histérico e a personalidade histérica - pacientes que apresentam uma maior integração e maturidade que se distinguem dos casos que vão da organização pré-genital aos estados psicóticos e a que chamaram de “*histeróides*”

E.R.Zetzel (1968) ao contrário, atendendo a um critério de analisabilidade, e colocando a tónica nas características comportamentais individualiza quatro tipologias na área da histeria. Chamou a *verdadeira boa histeria*, pacientes que viveram um autêntico conflito triangular e são capazes de ter relações objectais significativas com ambos os pais. No outro extremo a considerada *boa histeria*, onde os pacientes manifestam franca teatrealidade aquela onde a histeria mascara, disfarça elementos de desenvolvimento pré-genital e pré-edípicos. Raramente preenchem os critérios de analisabilidade. No meio a *potencial boa histeria* e o *carácter depressivo*.

Kernberg (1992) destingue o distúrbio histérico da personalidade daquele a que chama distúrbio histriónico da personalidade. Dois extremos de um continuum de formas

intermédias que demarcam diferentes manifestações sintomatológicas. O primeiro corresponde à descrição da histeria clássica. O segundo a um nível de personalidade mais regressivo de tipo borderline, que pode ser comparado ao histeróide de Easser e Lesser a o terceiro e quarto tipo de Zetzel.

J. Mc Dougall coloca o problema da histeria e dos distúrbios psicossomáticos. Distingue entre histeria clássica que faz depender do legado verbal e procura de compensar a angústia resultante da procura de gratificação sensual e narcísica e histeria arcaica que concerne “ *o conflito em torno do direito de existir, mais do que aquele de obter satisfação libidinal própria da idade adulta. A angústia ligada ao temor de perder a própria identidade subjectiva e mesmo a vida*” (1989;67). O critério para decidir da analisibilidade destes pacientes será a sua capacidade de distinguir a realidade interna da externa.

Wisdom (1961) coloca o problema do estatuto metacientífico da histeria e analisa detalhadamente a fenomenologia e teoria de Freud. Compreende esta patologia como um fenómeno oposto às desordens psicossomáticas. Para explicar alguns aspectos introduz os conceitos de “*introjecção orbital*” no qual os objectos internos não são incorporados como partes do self, e “*introjecção nuclear*” onde tal acontece. Conclui que a histeria é uma desordem desta última, mais precisamente de forma curiosa: “*uma introjecção nuclear do pénis que contem uma vagina que morde*”. Atendendo a aspectos relacionais este autor refere que estes são colocados entre o simbólico e o real, num permanente xeque-mate relacional em que o outro é colocado na incómoda e irritante posição de enganar qualquer coisa valiosa.

Na década de 70 o painel *Hysterie Today*, presidido por S. Lebovici, debate se a histeria é uma entidade clínica ou apenas um modo de defesa contra a angústia psicótica; se as conversões podem ser consideradas ainda o núcleo da histeria; e qual o papel da sexualidade e da sedução na etiologia das neuroses... Laplanche interroga se a especificidade da histeria deve ser colocada no nível instintivo (edípico), nos mecanismos de defesa (recalcamento), ou no retorno do recalcado (conversão). Encontrou no multiforme conceito de cena, fantasia originária que constitui o próprio cenário, uma chave comum aos três aspectos e individualiza o núcleo da histeria na invasão da fantasia primária e da cena primitiva através da primeira experiência sexual infantil.

A comunicação de Brenman, só publicada em 1985, fala da histeria como uma defesa contra a angústia primária: defesa da angústia catastrófica e da psicose ligada à negação do problema. A sua tese é a de que o conflito entre o instinto sexual e o recalçamento, que Freud colocou em evidencia, se torna um conflito agora mais profundo entre a sobrevivência e a catástrofe por um lado, e a negação desta ansiedade por outro. Comum na histeria é um certo tipo de relação, considerada de “objecto interno”, que protege da psicose e da desintegração psíquica. Hipotiza ainda a existência de uma mãe histerogénica que aparentemente ajuda o paciente a enfrentar a realidade, mas que de facto a evita pervertendo a realidade mesma. Propõe um ponto de vista que possa oferecer um certo insight relativamente à predisposição da histeria e aos seus aspectos contraditórios: catástrofe iminente, e a reivindicação baseada na denegação com o fim de demonstrar que tudo é belo e ideal.

M. Khan (1974), de certo modo retomando Marmor, formula a hipótese de que na histeria haveria uma carência de cuidados maternos com uma consequente reacção no desenvolvimento precoce da sexualidade. O ardente desejo de experiências sexuais na histeria deriva da incapacidade de instaurar uma sólida relação amorosa, pelo que se vive num estado de “*perpétuo rancor*” e ressentimento com um permanente desejo de vingança, que o próprio Freud experimentou durante a análise de Dora.

Face a este aspecto outros autores anteriormente teorizaram. Abraham (1920;109) afirma: “*a própria condição de desvantagem provoca em muitas mulheres o desejo de vingar-se do homem privilegiado. A meta de tais impulsos é a castração perpetrada sobre o homem*”. E H. Deutsch (1990;297) Antes ainda da concorrência com a mãe pelo amor do pai que origina a relação negativa com a mesma, vemos que a relação afectuosa com ela é perturbada por uma raiva frequentemente muito agressiva, sob o objecto de amor originário. Este ódio é ainda ligado organicamente com a inveja do pénis e com o desejo de masculinidade.

Duvida que este rancor, e o consequente desejo de vingança possa ser atribuído ao facto de que, como afirma Green “*o histérico visa a destruição do objecto, mas não sob uma modalidade melancólica, antes sob uma modalidade histérica, ou seja, sob uma*

modalidade objectal de vingança, porque não suporta que o objecto faça ou seja confronto, não suporta que o objecto não seja senão em adoração diante de si”

Outros autores, ainda mais próximos: Wallerstein (1981) faz uma crítica à taxonomia Psiquiátrica e médico-somática, sobretudo nos problemas específicos da área do diagnóstico da histeria. Evidencia a importância de manter separadas as valências das estruturas dinâmicas da fenomenologia dos comportamentos manifestos. Defende uma maior clareza e diferenciação diagnóstica na zona de divisão tripartida das dificuldades neuróticas. A neurose do sintoma, do carácter e do impulso.

Para G. Kohon (1984) a histeria não é mais considerada “estranha” mas “mentirosa”. A mulher, como recorta de M. Bonaparte “... *em toda a civilização, a grande simuladora, a mentirosa, por excelência*” (1951;193). Green, por outro lado, coloca o problema da relação da histeria com a verdade e atribui a existência de uma “*verdade sucessiva*” na histeria que tem valor apenas no momento da formulação, na superficialidade da relação de objecto, e na função efémera do investimento objectal.

Kohon, reafirma a afinidade da histeria com a femininalidade e hipotiza um estágio histórico no decorrer da vivência edipiana afirmando que “no fundo uma mulher rima sempre com histeria”. Acrescenta que “a Histeria é uma problemática humana, especialmente feminina presente em todos nós”. O que chama estado histórico, será uma fase do desenvolvimento de todas as mulheres, no qual se tem que confrontar com a necessidade de mudança de objecto, da mãe para o pai, ficando na patologia fixadas, incapazes de efectuar a mudança necessária. A ideia de “arrancada” indica este momento específico no desenvolvimento do indivíduo. A propósito do caso Dora afirma que Freud não tinha simpatia por ela nem pelas históricas em geral, e que os desenvolvimentos teóricos sobre a histeria diminuíram a importância do papel do pai no complexo de Édipo em detrimento da mãe.

W. Loch (1985) reafirma o lugar central do recalamento na histeria e a passividade destes pacientes que conduzem ao estabelecimento de relações sado-masoquistas com o outro. Retoma o quadro teórico de Freud sobre a patogénese desta, aproximando-o das neurociências. Recorda que o aprender e o recordar são correlativos a determinados

estados cerebrais a que correspondem determinados traçados electroencefalográficos. A reinvocação dos traços mnésicos depende da reprodução do estado funcional do cérebro no momento da aprendizagem e do desenvolvimento da criança. Recorda que estes traços ocorrem num momento em que o desenvolvimento é intenso e que o desenvolvimento emocional é paralelo à maturação nervosa.

Defende ainda que o estilo cognitivo do histórico se inscreve numa predominância do hemisfério direito atribuindo um papel fundamental ao funcionamento da memória destes pacientes e ao círculo vicioso da coacção a repetir. No seu parecer o carácter defensivo da sexualidade histórica tem como objectivo instaurar uma relação libidinal com a mãe. Do ponto de vista terapêutico considera a possibilidade de tornar possível aos pacientes uma constância objectal libidinal como experiência emocional correctora.

Já na década de 90 Rupprecht - Sampera (1995) utiliza o conceito de separação-individação de M. Mahler e o de triangulação precoce Abelin e Rotmann, como forma fundamental de compreensão das relações de objecto na histeria, e da construção de um modelo unificado para a leitura da patologia histórica, seja “maligna” seja “benigna”, respeitante ao mesmo conflito fundamental. O conceito de triangulação precoce ajuda a compreender a interacção dos factores pré-edipianos e edipianos. Defende que o conflito nuclear comum a todas as formas de histeria., feminina ou masculina, teve origem na tentativa de utilizar a força da dinâmica da triangulação edipiana para realizar a separação da mãe. A autora descreve o trauma e a típica constelação defensiva respeitante às tentativas neuróticas de resolver o problema. O mesmo modelo torna possível a compreensão e significado dos sintomas conversivos.

Brenmam (1995) volta a colocar a tónica no nível pré-genital da histeria e a ligá-la às ansiedades psicóticas. Defende que sob ela existe um grave distúrbio psicótico. Chasseguet-Smirgel (1995) chama à histeria “o reino da mãe” isto é, o útero e a gravidez como centro ancestral em torno do qual gira o problema.

Sopena (1995) trata o problema da identidade como base da histeria que resulta de insuficiente elaboração da situação edípica, na falha da identificação ao progenitor do mesmo sexo e ao desejo em jogo. Diferencia a histeria da psicose. Sublinha que no difícil

processo de separação da mãe a procura da identidade feminina leva a histérica a sacrificar a própria libido e a depender do desejo do outro, procurando identificar-se com o objecto marcante do outro.

Halberstadt-Freud recoloca a tónica de que mesmo com a dificuldade de definir a histeria, esta “continua a resistir como conceito misterioso”. O edifício da psicanálise assenta sobre ela. Recorda que para uns permanece um “estado da mente” para outros uma defesa contra a depressão, a angústia de abandono e a falha narcísica. Retoma o problema do estilo cognitivo e sublinha como a memória é fortemente condicionada pelos aspectos emocionais. Regista como alguns conceitos enunciados nos *Estudos...*, como os de cisão e dissociação, são retomados hoje em dia. Finalmente faz notar como a histeria continua a primeira forma de neurose, e como conceito mantém-se fundamental não só pela importância histórica como pelo seu uso clínico.

Brenman (1997) põe em relevo a análise do conceito de histeria à luz da realidade psíquica, com o fim de mostrar como a imagem interna, histerogénica, na tentativa de curar a criança/paciente (mãe histerogénica), evita confrontar-se com as vicissitudes da vida (infelicidade, ansiedade, alegria, e dor) e interage com os pacientes para criar uma sintomatologia e um carácter que confina com a psicose. Estes vêm como que instruídos a modificar a infelicidade geral do género humano com uma sintomatologia e uma distorção do carácter. Advertem-nos que a realidade psíquica é manipulada e fazem uma tentativa de manipular a realidade propriamente dita com o fim de dependerem da realidade psíquica. O autor refere ainda a importância de um pai solícito que tenha uma correcta relação com a mãe que ajude a sustentar a ansiedade, a convide à iniciativa e ao crescimento das alegrias criativas.

A. Green (1997) indica com o termo «chiasma» a relação entre histeria e os casos limites, sendo o que a primeira aflora os segundos acentuam, formando um continuum onde se encontra todo um conjunto de possibilidades intermédias. A histeria como legado de um conflito entre o amor genital e a sexualidade e por isso como desejo, colocando o assento sobre a natureza erótica da fixação histérica, bem como na labilidade dos seus movimentos regressivos. Nos casos limites, encontramos ao contrário, manifestações que têm a ver com a fragilidade da fronteira do eu, e com os problemas posteriores da destrutividade. A

regressão anal da histeria, também colocada em evidência por Azevedo e Silva (1983) constitui-se uma forma de protecção contra o deslize total para a oralidade e os quadros psicóticos e explicam alguns traços caracteriais associados ao comportamento “*insuportável*” da histórica. Provoações que testam a capacidade de amor que se exige incondicional do objecto.

No seu **Vocabulário...** Laplanche e Pontalis (1985) definem que a “*especificidade da histeria é procurada na predominância de um certo tipo de identificação e de certos mecanismos (nomeadamente o recalçamento, muitas vezes manifesto), e no aflorar do conflito edipiano que se desenrola principalmente nos registos libidinais fálico e oral*”(275). Dão deste modo conta de uma parte dos fenómenos regressivos sendo que exclui os da ordem da analidade. Exclusão limitativa já que a prática clínica os impõe quer na rigidez e controlo da distância que o ego frágil obriga em relação ao outro quer nas dificuldades retentivas de repressão e de não integração que caracterizam esta fase (Azevedo e Silva;1983).

Em suma, a histeria definitivamente enlaçada nos desejos eróticos e agressivos édipicos e aquém destes. Estruturando-se com a infinitude de variações que as regressões e fixações pré-genitais possibilitam. Na sua plasticidade teimosa adopta formas múltiplas e invariâncias de tonalidade lábil que os desenvolvimentos teóricos denunciam. Tudo se passa como se se tratasse de movimentos oscilatórios regressivantes que vão da histeria fálica e genital até ao polo extremo da histeria oral, numa alternância marcada e perturbante entre movimentos defensivos regressivos e progressivos que se diferenciam da regressão e da progressão propriamente ditos. A forma aparentemente genital de resolver um conflito grave precoce, pré-genital, entre a mãe e a criança é a preponderante (Rupprecht-Schampera,1997).

A lista que aqui apresentámos está como sempre incompleta. Alguns dos ausentes terão presença noutros capítulos ou de outras maneiras. Deixámos um espaço para Lacan para quem a histeria deixa de ser neurose e passa a ser conceptualizada como linguagem. Linguagem do desejo. Acento na insatisfação e na falha. Ou seja, Lacan, para além do descritivo, do sintomatológico, acentua a estrutura do discurso do sujeito. Aí enquadra a histeria.

Situamo-nos em dois textos muito distantes no tempo entre si: Primeiro, O Seminário III, de 1955-56, dedicado às psicoses de onde diferencia a histeria. A diferença será estrutural (Lacan, 1984).

Para este autor a estrutura do sujeito, neurótico ou psicótico, relaciona-se com o Édipo, que se caracteriza como relação simbólica, uma determinada ordem de linguagem na qual o sujeito deve encontrar-se. Na passagem pelo Édipo surge uma interrogação essencial, a pergunta histórica: O que sou eu?; Sou homem ou mulher? O sujeito partindo de uma bissexualidade originária, poderá reconhecer a sua posição sexual dentro da oposição simbólica homem/mulher, posição sexual que se diferencia pelo significante fálico. É apenas o falo, enigmático quanto à sua significação, o que cria a diferença, já que não há nenhuma realidade concreta que possa dar conta dele.

Lacan refere que Dora, a paciente de Freud, antes de tudo pergunta-se *“O que é ser mulher? O que é um órgão feminino? Como é que se chega lá?. Como aceitar-se como objecto do desejo do homem?”* Esse é o motivo de interesse pela senhora K. Para o autor, neste momento a histeria, independente do género, relaciona-se com a posição feminina. É uma pergunta centrada no significante. O que introduz a diferenciação sexual não é a função genital, nem a oposição actividade/passividade, nem o mundo de significações, mas apenas essa oposição significativa.

Essa pergunta o neurótico dirige-a a um Outro (com maiúscula, já que indica o mundo simbólico no seu conjunto, com toda a gama de oposições significantes). É nesse Outro onde o sujeito se reconhece (nome, identidade...) e o faz por intermédio de outros (com minúscula por neste caso indicar os seus semelhantes). Os sintomas são precisamente a implicação desse organismo humano na linguagem.

É fundamental pois, em relação ao próprio desejo, o desejo do outro. É a dialéctica do desejo assinalada por Hegel, que mostra como o objecto do desejo humano é o desejo do outro, desejo de que reconheça o seu desejo. Assim se constitui o desejo humano na famosa formula Hegeliana. Nesta dialéctica a histórica fica presa oscilando e interrogando-se, especialmente se o homem, como no caso Dora, sofre de alguma carência fálica, já que

não é o pênis que ela persegue mas o falo, em um incessante desejo de desejo e, portanto, essencialmente insatisfeito.

Tudo isto será novamente reformulado por este psicanalista francês quinze anos depois, no Seminário XVII. Neste (Lacan, 1970) estuda e trabalha os chamados “*quatro discursos*”: o do amo, do universitário, da histérica, e o psicanalítico. Centremo-nos especialmente no discurso da histérica, que pode ser enunciado por um sujeito masculino.

A histeria constitui-se então com um discurso: o discurso histérico, e nele a pergunta, dirige-se a um outro: o Mestre. Um amo a quem se supõe um saber sobre a verdade, a verdade sobre o gozo, e sobre o qual pretende reinar e atingir uma impossível unidade, movida pelo mito da relação sexual como união plena. No entanto desmascara o discurso do amo o qual perde a sua máscara, é castrado. Ou seja, para encontrar o seu caminho deve pois de castrar esse pai imaginário, idealizado, que no fundo nem sequer possui esse falo mítico. A histérica, tal como Dora, que no seu sonho sobre a morte do pai acabará por encontrar a verdade da sexualidade num dicionário, quer ter o saber sobre como se alcança o gozo. É a castração simbólica deste pai, a sua morte, a que permite aceitar a própria castração.

Para Lacan, o sujeito emerge através do seu discurso, o qual vai para além das palavras. Dos quatro, o discurso histérico é o mais próximo do psicanalítico já que tal como este faz emergir a verdade: a castração do sujeito. Por isso dirá que analisar é histericizar o discurso. As perguntas do sujeito em análise sobre o seu desejo são dirigidas a um outro, colocado no lugar de mestre, como sujeito suposto saber, base da histeria e do trabalho psicanalítico. Reforça que o desejo da histérica é sempre um desejo insatisfeito. Relacionando-o com o discurso freudiano onde a histérica simboliza a insatisfação primeira; a inveja do pênis.

2.4 - Cenas de qualquer teatro.

Afundados no infindo e emaranhado complexo que teoria e mito tecem corremos o risco de nos afastar demasiado. No entanto, o movimento fica aqui denunciado: é feito para, e na, procura do singular. Poética interminável que o trabalho psicoterapêutico vive e testemunha comprometido à “razão especulativa e exploradora” (Amaral Dias,1995)).

Do primeiro Freud onde o fascínio d«as causas» enquadrava «a coisa» histórica numa hidráulica pulsional. Hidráulica simples do mais para o menos, no sentido da descarga do desejo no objecto, no “alvo”, o que não impediu o reconhecimento, da sexualidade infantil, do mundo mental... que outros autores cumulativamente foram desenvolvendo encurtando o reducionismo.

Desses momentos fundadores até aos nossos dias ocasiona particular interesse também a nós, na dinâmica das identificações projectivas, a promoção do objecto-alvo-passivo a sujeito activo, continente sonhado e sonhador, de espaço tempo e desejo (Bion) que (se) reconhece (n)a pulsão. O mundo interior observado do exterior, portanto de outro mundo interior, nas suas externalizações (Grotstein) e internalizações, tendeu para mais infinito. A histeria também.

Detemo-nos uns instantes numa personagem literária. **Lolita** de Nabokov (1985). Neste romance, um dos maiores do século, o autor cria uma personagem sedutora, mistura aguçada de menina, adolescente e adulta, que desperta com toda a intensidade o desejo de Humbert Humbert, o protagonista: “*Lolita, luz da minha vida, fogo da minha virilidade. Meu pecado, minha alma. Lo-Li-ta...*” (;11), assim começa a história. O desejo de H.H. de carácter repetitivo, “*de modo mágico e fatídico*” (;16), marcado pela recordação de um outro amor, de adolescente, que o fixa em amores por “*ninfetas*” (“*demoníacas*”;20). Nabokov sugere que este desejo remontaria à recordação idealizada da mãe, morta quando tinha três anos, mas não nos interessa por agora, esta fabulosa e louca personagem.

Aos seus olhos, aceitando o seu papel de narrador, “Lo” surge como “*uma mistura de uma terna infantilidade sonhadora e uma espécie de misteriosa vulgaridade (...) misto de ingenuidade e fingimento, encanto e vulgaridade, amuos azuis e jovialidade rosa, quando lhe apetecia tornava-se uma garota exasperante... com os seus acessos de tédio desorganizado, e interesse tenso e veemente, suas atitudes de abandono,... No plano mental era uma rapariguinha maçadoramente convencional (;168). Nas suas palavras idiotas vibrava uma ominosa nota de histerismo (;161)... Acreditava, com uma espécie de confiança celestial, em todos os anúncios e concelhos de revistas...As palavras «novidade e souvenirs » fascinavam-na. Se a tabuleta de algum café anunciava «Bebidas geladas», ela ficava automaticamente agitada, embora as bebidas fossem geladas em toda a parte. Era a ela que os anúncios visavam: a consumidora ideal, o sujeito e objecto...(;169). Tinha uma maneira muito sua de levantar o joelho esquerdo, dobrado...fingia comicamente desânimo, deixando cair o corpo numa atitude balética, com o cabelo a cair-lhe para a testa (;265). E a avaliar pelo ténis: A sua forma era, deveras, uma imitação quase perfeita do ténis absolutamente perfeito - sem quaisquer resultados práticos....(;264)...*

Amostra de citações inúmeras que pecam por defeito para não saturar o texto. Serão pormenores como estes que prendem fatalmente Humbert que, poderíamos escrever, ocupa um lugar paterno, quer pela diferença de geração quer pela trama consciente, já que conhece Lolita e para permanecer junto dela casa com a mãe. Esta morte de acidente relativamente causal, mercê do qual se vê com a ninfita entregue a si. Sublime, Nabokov mostra-nos como será o protagonista a ficar nas mãos da adolescente que se entrega a ele, acompanha, seduz, suplica e, por fim, estabelece toda uma representação e um jogo de mentiras e enganos. Finalmente carregada de repulsa o deixará por outro. “*Semelhante*”.

Trama dilacerante que se espalha como vento e coloca em relevo traços essenciais de Lolita: O infantilismo e puerilidade infantil. Ingenuidade onde se municia um erotismo que pretende impressionar o outro, quer esteticamente quer no desejo sexual directo. Sugestionabilidade permissiva ao meio e à sua estimulação. Egocentrismo. Avidéz afectiva. Ambivalência dos desejos. A incapacidade de suportar frustrações. A dependência afectiva de matiz incestuosa, numa estreita relação com o proibido e numa rebelião quase permanente contra essa mesma dependência. Com condutas de oposição e

de diferenciação caprichosa e sistemática de tudo o que diga respeito ao outro. Perfeccionismo minucioso e insatisfação, ligados a uma procura incessante, algo de ideal. Mas concreto. O domínio de um sonho escondido e a vivência de uma realidade em permanente fuga e em crescente decepção. O colorido perverso, no agir do desejo, no desafio das normas e regras sobretudo as de índole moral...

Role de componentes de uma personagem imortal, que assim transcritos rotuladamente lhe roubam a poética. Conjunto de atributos que na bibliografia revisitada podemos encontrar sob o nome de conduta, personalidade, ou por vezes, carácter, histérico. Antepomos preferencialmente como primazia de um dialecto, uma linguagem criada de uma cena interior. Veremos que se dirige ao olhar do outro e toma uma configuração teatral. São cenas.

Foi o teatro, lembramos, o amor ao representar o precipitante da tragédia anunciada de Lolita. É este o denominador mais que comum quando se fala de histeria. “*Histrião*” em Roma era o actor que representava “*farsas bufonas ou grosseiras*” e está na origem do termo histrionismo histérico (Israel;1981). Associa-se ao pituitismo e ao fingimento, à simulação e falsidade inerente à distância do actor ao seu personagem. À musicalidade intensa no modo mas ligeira na concepção. Da pantomina perjurativa e maníaca à designação de um traço fundamental, toda a histeria, como Lolita, é marcada pelo teatro...

Racamier (1974), impõe o carácter de seriedade. Fala em teatralismo como o sintoma característico da histeria. Distingue-o de uma simples comédia porque, para este autor, impõe-se justamente como verdadeiro e dramático. Destaca-o como “*um sonho representado*”. Teatro complexo que se exhibe no corpo, através de um ou múltiplos papéis. Numa vivência e recitação de uma realidade própria, nem sempre coerente, pela qual cria o espaço da cena, impõe o tempo aos outros e à própria realidade.

Laplanche, no texto já citado (1974) refere-se à relação entre a «cena» e histeria, a partir de três significados da palavra. Como acção de um relato, lugar onde se executa a acção e demonstração que tende a comover o outro. Valoriza a partir daqui a dinâmica triangular, cena-espaco edípico, recalcado, e elementos deslocados que se representam no corpo em conversões, máscaras do reprimido.

Reparando na palavra cena, vemos como tem atravessado a literatura psicanalítica dando corpo aos mais variados conceitos (Amaral Dias;1995). A polissemia que a caracteriza originou um singular processo metafórico, uma infinita multidão de figuras metonímicas, por deslocação do termo, por contiguidade com o valor literal ou metafórico (Zarzi;1995), que se estende ao campo psicológico. A esse outro teatro inteiro. Interno.

Nas remotas origens etimológicas e culturais, a *scene* grega dizia respeito a uma *tenda* que escondia o actor e da qual este *respondia* à *chamada* da parte do coro. À letra, significava apenas uma “cortina” por detrás da qual o histrião se retirava para mudar a caracterização. A sua evolução para dispositivos mais complexos agregou o conceito como o “*lugar de onde se fala*”, se recita. Dijunta do *théatron*, o teatro, que se situa adjacente em frente dela, “*lugar de onde se olha*”, se assiste (Zarzi;1995). No mundo humano ambos formam um par dialéctico que se justifica e reabilita mutuamente. Uma fala que se destina a um olhar. Uma acção drama que contamina o outro que olha.

Toda a existência humana, na sua inevitabilidade social, está marcada por esta condição. Tem uma base teatral (Evreinov). Será ela quem faz do lugar do próprio também o lugar do outro. Vivida no tecido entrançado das relações, expressa nos labirintos do *comunicare*, manifesta através daquilo que A. Soeiro (1992) nomeia de “instinto de plateia”: a imposição da influência mutua exercida pela simples presença de um outro membro da espécie; a capacidade de assistir passivamente e em grupo à exibição dos nossos semelhantes; a necessidade de observar e sermos observados. Plateia que tem de ser interna para ser significativa. Tem uma base relacional. Tem uma outra sonhada.

Neste teatro-cena e cena-teatro por onde olhamos e somos olhados, falamos e somos falados, actuamos como espectadores e protagonistas a todo o momento, saltando de papel em papel ao sabor dos contextos, internos e externos. Fazendo do “*mundo inteiro um imenso cenário*” (Shakespeare). Do mundo interno um cenário maior.

Pergunta. Propõe-se uma pergunta. Na extensão metafórica onde colocar a especificidade da cena histérica? Trata-se de um lugar de onde o próprio fala de si, e nesta fala se esconde. Mas, como atrás escrevemos, esse é um dos atributos da própria *scene* e sabemos

que de toda a fala. Igualmente a singularidade do teatro histórico se pode questionar. Vêmo-lo na histeria como reflexo condicionado da cena, espelho desta, o que também deixa pouco espaço para singularidades. Tanto quanto acentua a pergunta.

Podemos dizer com Resnik (1995) que os históricos sofrem de uma hiper-emoção que não podem exprimir senão na des-figuração teatral, isto é, representada, libertada sem verdadeira expressão, através do corpo. Que o medo dessa realidade emocional cria uma consciência “teatrante” com origem na ficção, que pretende fazer acreditar na crença, de que o sonho é verdadeiro. Vimos anteriormente várias aspectos dessa dinâmica e dos respectivos conteúdos psíquicos, que têm acompanhado a construção do edifício psicanalítico, e nos elucidam sobre a multitude dos personagens ou o fôlego por vezes despedaçante dos mesmos (Ey, concebe a histeria como um sonho despedaçado).

Podemos sempre responder com as concepções Freudianas das quais se deduz que toda a psicopatologia é da ordem de um gradiente quantitativo e não qualitativo. O que nos faz afirmar, ligeiros, que em todo o humano há uma histórica/o . Prudentes, citamos Jeanneau (1985) que lembra a histeria sempre ambivalente, por vezes ambígua mas jamais decidida a ser apenas mental. Acrescentamos o carácter repetitivo, espécie de conjunção constante, onde os atributos vinculados à Lolita parecem impôr-se imutáveis às diferenças mutantes dos cenários, fazendo uso paradoxalmente da própria mudança. E convocamos as respostas para mais tarde. Aguardamos pelo retorno das sereias.

2.5 - Especulação (II)

Ou seja: Tudo o que já escrevemos, somos na sinceridade obrigados a admitir, coloca-nos numa evidência. A de que: nada sabemos de sereias ou de históricas. E nem se trata de um favor socrático. Tendo sido categóricos na sua afirmação queremos sê-lo igualmente na recusa. É uma convicção um-pouco-delirante, como toda a convicção. Cremos que tudo o que escrevemos mal disfarça a nossa ignorância. Transparecerá algum pudor no cuidado, às vezes delicado, outras arrebatado com que nos metemos dentro. Só que nada sabemos do assunto. Nem queremos saber.

Se as históricas ou as sereias existiram, se existem, é um problema que nos ultrapassa. Diz-lhe apenas estrito respeito a elas. É um problema seu. Talvez tudo o que escrevemos até aqui seja convencível como não-testemunho.

É que falamos de mitos. E verdade Lapalissiana, mitos são mitos e assim têm que continuar a ser para que o sejam. Procurámos visitar alguns elementos dos seus núcleos maiores que lhes asseguram a coerência e a lógica interna que lhes coaduna e garante um lugar no nosso entendimento. Mas serão sempre fábula, infinitamente. Fantasias, geografia mental sem a qual não habitamos o mundo.

Os mitos existirão sempre únicos na maneira de cada um de nós, mesmo que digam de angustias de todos. É essa a sua natureza. *Ecce Homo*. Mítico.

Isso, isto, os dois mitos revisitados ensinam. Desde os arcaicos vestígios atraem. Essa é a sua massa consistente. Filão de ouro sobre azul. A nós interessa-nos a procura. Busca que transforma e integra o transformado para continuar a procurar. Procurar melhor.

Aporia (in)grata esta a de falarmos do que não se sabe. Procura de nós. Convite para nos ligar(-mos) aos outros.

II - Ritos

Do Grego ritu ... “visa a fazer viver por uma colectividade mitos... realizado no tempo e no espaço, a união do sagrado e do profano, na sua diferenciação, é, para o homem, um meio de participação no divino, sem aí se perder totalmente”.

Dic. Geral das Ciências Humanas, Dir. G.Thines e A. Lempereur.

1 - Singularidades

1.1 -Rosa(s) para todos, ou a menina-que-se-esqueceu-da-própria-infância.

No verão de 96 vimos pela primeira vez a Rosa. Durante a semana tentou marcar consulta várias vezes, que “era urgente”, se não podia ser antes de todas as datas propostas. “Estava em crise”. Que era um “caso extremo, mesmo”. Na tentativa, pela urgência, de indicar um colega mais disponível declinou. Persistente.

Foi-nos enviada por umas amigas suas que tinham feito uma Formação connosco e que lhe enalteceram as nossas supostas qualidades. Tinha a certeza de sermos a pessoa certa. Convicta.

Apareceu no consultório na data marcada. Com algum atraso. Teria pouco mais de metro e meio de altura, usava duas tranças desalinhas e divididas por um risco ao meio no cabelo escuro, característica que lhe valeu nome: “a menina das trancinhas”- modo como a secretária passou a referi-la sempre que se esquecia do seu nome. Bonita, vestia um top amarelo e à cintura nua atava um lenço azul que lhe chegava, em jeito de saia, justo até às sandálias. Uma sereia, diríamos hoje, pequena. Tinha um ar bronzeado, jovial, de sorriso imediato. Trazia na mão uma flor tipo margarida, cor de laranja. “É para si”, estendeu-a no cumprimento. Agradecemos na surpresa.

Entrou. Sentou-se. Descalçou as sandálias. Pediu desculpas: do acto - doíam-lhe os pés; Do atraso - vinha da praia apanhou um bocadinho de bicha; Da flor, não sabia se eu gostava... Suspirou um “finalmente” e, começou a chorar.

Que a vida dela “estava um caos. Sem sorte... horrivelmente triste... perdidamente sozinha e infeliz... Uma verdadeira merda”... Palavras suas. Ficando difícil reproduzir a cascata de informação que se seguiu. Chorava e ria por vezes ao mesmo tempo. Levantava-se deambulava pela sala voltava a sentar-se. Re-voltava a levantar-se. Os gestos, o sentir, os exemplos sobrepunham-se, prolongavam-se. Presos no turbilhão, seduzidos e implicados, escutávamos.

Tinha 26 anos era estudante. Do Algarve, onde tinha família e onde viveu sempre. Veio estudar para a faculdade em Lisboa havia cinco anos mas ainda estava a fazer o primeiro ano do curso. Sempre tinha sido uma aluna brilhante. Os pais pensavam que estava a acabar a licenciatura, não sabia como dizer-lhes. O que aconteceu? Apaixonou-se. Por um professor. “Melhor, precisou, Ele apaixonou-se por mim”. Tinha um namorado no Algarve a quem prometera casar e virgem. Viam-se nas férias mas “nada de sexo, quer dizer faziam umas coisas”, eu deveria estar a perceber, “curtimos...é mais para o calar, porque ele não sabe nada de mim... Agora que estou aqui sei que estas férias vou acabar tudo com ele”.

Tentando evidenciar a transferência implícita ainda perguntamos um: Assim de repente? “É como eu sou!- responde pronta. De repente!” Se não há perigo de acabar com as sessões que agora começam do mesmo modo? Garante que não, que é diferente, eu percebo-a. Já devia ter começado há muito tempo.

Pensamos para nós em quanto faltaria ainda para que algo de significativo começasse. Não deixámos de reparar como a paciente exigia o ser adivinhada e sobretudo como se envolvia numa acção, dramática portanto, exuberante e de notada imaginária. Força de fantasia. Mais do que um «amor à primeira vista» trata-se de exigir um «amor antes da vista». Um amor por, e de, alguém capaz de adivinhar o seu desejo, ou simples necessidades. Alguém que a adivinhe. Idealização que encontra semelhança no amor parental. Coberto pelo *manto diáfano da sua fantasia* o primeiro contacto, realiza-se sem a realidade, digamos assim, torturada pela dita, fantasia. Qualquer que seja essa realidade: é boa, o ideal, o que falta. Rosa prossegue:

Da infância, já sabe que devemos querer falar da infância, não se lembra de nada, avisa-nos. Da família, o pai “é um fraco, um banana que faz tudo o que a minha mãe manda”. Foi agente de seguros, está reformado. Têm um restaurante que é dirigido “pela mão da mãe” que faz um pouco de tudo e é quem garante o sustento da família. Levanta-se. Exemplifica o esforço da mãe, o movimento do restaurante, a astúcia que é preciso para os clientes... e como “odeia tudo aquilo” como “a mãe é uma parva que não tem vida própria... se pudesse nunca mais lá voltava”. Demonstração de como não confia na

linguagem, como não sabe o que esta é, melhor, como não lhe basta. É o corpo o convocado, o acrescento, transforma-se numa fala que corpeia, um, dois, três: uma acção. Que (não) fala.

É a “filha do centro”, anuncia reportando-se ao lugar que ocupava na mesa e na frateria e recortando um aspecto transferencial quase óbvio já que o Centro é igualmente o local onde trabalhamos. Tem dois irmãos. Uma irmã mais velha três anos que já casou e tem filhos. Sente que não tem nada a ver com ela... e onde o deslize do desejo édipico, que o ódio anunciado formata, é metonimicamente construído e enunciado: “...É dona de casa, imaginem!...está morta”. O irmão, mais novo dois anos, “é o que sempre foi, o menino da mamã ... e não é preciso dizer mais nada”.

Digo-lhe que parece não poder contar com ninguém. Concorde, a chorar. Se se apercebe do seu fundo triste? Talvez, mas contrapõe, rápida, que é alegre por natureza adora rir, e o sol..., chora porque está ali comigo. Que tem sempre gente à volta, coisas para fazer, enumera: Do teatro à informática, da política á culinária... Nada parece ser suficiente - acrescentamos ainda. Nada, confirma!

Propomos-lhe que fale do curso e da relação que referiu... Não quer falar disso hoje. “Estar aqui está a ser uma excitação”. Conta-me para a próxima. E quando combinamos “as próximas”: “Não vai acabar já, pois não? Vai? Só mais um bocadinho, vá lá...” Simula uma birra enquanto calça as sandálias, quer vir mais do que uma vez por semana, que o tempo passou a correr etc. ...depois, se não pode ser antes, ou mais cedo... e ainda: que lá está ela a querer tudo para ontem, e ao jeito dela, se o caso dela tem solução? Se não a acho um caso perdido?...Penso que faz muito para se perder, afirmamos. “Boa!”. Despede-se de sorriso aberto. Volta atrás: “Não se esqueça aí da flor”, recomenda.

Voltámos a estar com a Rosa mais quatro sessões. Uma síntese dessas sessões que tornarão mais visível o padrão (Bion) ou o mosaico (Amaral Dias) iniciado neste primeiro encontro:

Volta a trazer-nos flores. Desta feita um pequeno vaso de violetas. Qualquer tentativa a que se co-mente o acto é amuadamente refutado. As sessões correm ao sabor do quotidiano

queixoso com a agitação referida num tom de festa constante e duradoura. Da infância, como já nos disse, e sem que se pergunte, não se lembra de nada. Porque é que se lembra que não se lembra? Porque acha que eu penso nisso. Coisa de Psicólogos, acrescenta antes de qualquer outra escorregadia questão. Insistimos. Se não fica curiosa, afinal parece haver algo dela que desconhece ou que não pode ser lembrado?. Faz a cena habitual, que já sabia os *psis* são todos iguais..., mas vai contar-me algo importante. Como perdeu a virgindade. Importante? Porque não se lembra, ri-se. Tem muita vergonha mas quer contar. Não sabe se deve contar já. Mas conta.

Estava bêbada num Bar Discoteca. Tem só relâmpagos na memória do que aconteceu. Foi logo depois de ter vindo para Lisboa. Lembra-se de ir à casa de banho e ter começado a beijar as mulheres que lá estavam. Beijava todas as que entravam as que gostavam e as que não gostavam. Houve uma que a levou para a pista. Não fazia a mínima ideia de quem fosse, devia ser lésbica. Curtiram. Começou a dar nas vistas os seguranças meteram-na fora. Chamaram um taxi e pediram para a levar a casa. No caminho o taxista violou-a. Eu que não pergunte como porque ela não se lembra. Só recorda sentar-se no banco da frente (no lugar vago, da mãe?). Não tem a mínima ideia do homem do taxi ou do que aconteceu. Quando deu por si estava à porta de casa, gelada, dorida, toda suja de sangue e porcarias. Apanhou candidíase. Nunca mais teve uma relação sexual com penetração.

Recordamos Freud (1908) como o sintoma histérico expressa uma fantasia sexual inconsciente em parte feminina e em parte masculina. Ou Lacan (1956) para quem a histérica é alguém cujo objecto é homossexual e cuja abordagem se faz através da identificação com alguém do outro sexo. Mayer (1989) enfoca a má resolução do complexo de Édipo ao qual a histérica fica fixada o que activa as aspirações homo e heterossexuais dos seus fantasmas inconscientes. O que permite uma labilidade identificatória quer com o homem para alcançar a mulher proibida quer com esta para alcançar o homem proibido. Acrescentamos o modo faz de conta onde tudo parece ocorrer, uma *indifférence*, nem sempre *belle*, mesmo que tudo possibilite.

Rosa também fala do caso com o professor. Que segundo a própria, é mais sério. Logo na primeira aula sentiu que provocou nele algo de especial. Dava as aulas para ela. Desfazia-se todo, no dizer de Rosa, não tirava os olhos de cima dela. Foi uma coisa fortíssima.

Sempre que na aula ou ocasionalmente ele lhe dirigia a palavra tinha espasmos horríveis e tinha que ir a correr para a casa de banho se não fazia nas pernas. Usava sempre um penso por causa disso.

Sentia-se apaixonada e um grande orgulho por o ver a ele naquele estado. Babado. Nesse ano descobriu tudo acerca da vida do dito professor. Dedicou-se exclusivamente, de manhã à noite só pensava nele, em saber dele, em como o agradar... Era casado e tinha filhos mas isso era um pequeno pormenor. Nunca falou com ele fora da faculdade. Como ele gostava muito de teatro iniciou um curso de teatro, era uma forma de comunicar com ele. Mentalmente.

Faltou aos exames para não o comprometer. No final do ano num jantar de grupo ele senta-se afastado dela e não lhe ligou, e no terceiro ano é mesmo bruto a recusar-lhe uma boleia, provas do extremo amor que sentia por ela. Esta convicção, manifestamente delirante e de colorido erotomaniaco, quando confrontada com o facto de nada ter acontecido nestes anos cimenta-se na esperança de que ainda vai acontecer. Sente, sente que sim. Sentir, mundo onde as (nossas) palavras não têm qualquer razão de ser.

Depois do episódio da boleia recusada desencadeia-se um rol impressionante de “casos”, “curtes”, “esquemas”... que se mantêm até ao presente da sessão. Vividos em tom de generosidade e disponibilidade ao próximo. Sempre pronta a ajudar, a dar prazer. Alguns chegam a ser abjectos de perversidade sórdida outros de doce platonismo. Todos descritos como rápidos. Proibidos, sublinhamos. Intensos, acrescenta. Como fósforos que queimam a cabeça e o corpo no breve se a-paga. Não se importa com isso. Outra importância ela daria a si própria se se importasse, afirmamos. Fica em silêncio. Segundos. Logo se escapa mais além.

Neste vai e vem abundante deixa surgir uma frase lapidar, de uma sinceridade catártica, um desabafo fiel, não sabemos se de ímpeto pensado se apenas delícia para o nosso entendimento: Sabe, para mim é impossível não ser amada!?

Quando se está com a Rosa está-se na primeira fila de uma plateia. A imensa energia (identificação materna que a sua labilidade identificatória impede de assumir?) que

transvasa os gestos, o corpo, o dito e o por dizer, o ritmo alucinante... prendem-nos. Senta-se ao nosso lado, quase nunca conosco, para em nossa companhia assistir à(s) sua(s) própria(s) história(s). Quando lhe fazemos reparar a semelhança da personagem consigo mesma, salta para o palco, deixa-nos a falar sozinhos no lugar. Quando aderimos à representação e a emoção nos convoca volta para o nosso lado ligeira e silenciosa para assistir(-se). Nunca se encontra(m). A criatividade não tem criadora. O sofrimento não tem sofredor. Ou o in-verso, ausente. Dissociação máxima do afecto. Breurer chamou-lhe clivagem. A nós deixa-nos um sentimento de impotência que nos faz valorizar a paciência (Bion).

Tudo acontece, dissolve e resolve na “excitação”. Agi(r)tação perpétua. Onde sacode toda a angustia, dúvida ou inquietação dolorosa. Omissão de si mesma que no composto geral cria uma caricatura no lugar do alguém. Caricatura do feminino, em menina-que-se-esqueceu-da-própria-infância. Menina sempre. Força do recalçamento que como Freud ensinou se fecha como um cortinado sobre a infância. Recalçamento irresolúvel. Força traída. Memória ritualizada em comportamentos. Reminiscências de outrora. Histeria a doença da memória (Widlocher, 1995).

P., uma outra nossa paciente, refere uma amnésia total até aos 16 anos. Até ao dia em que começou a namorar com A., a “primeira relação séria”. Não se recorda sequer da véspera do dia em que tal aconteceu. Só desse dia em diante. Brutal dissociação do passado, próxima da convicção delirante que inviabiliza a exploração da infância e do seu esquecimento. Belo adormecimento que o príncipe perfeito interrompe. História de infância. Vida de história.

No momento do beijo, isto é da anunciação do príncipe, este presentifica o retorno do reprimido. Com a violência de um raio impõe-se a acção na vez da recordação. Vindos de um mundo oniróide entre o sonho, ou neste caso o pesadelo, e a realidade desencadeiam-se sequências de acontecimentos. De nada se lembram, permissão para tudo fazer. O sexo parece tudo intrigar, abranger, num manejo gestual, sensual, ritual, que se torna permanente. Exuberante e frustrante. A caricatura do incestuoso predomina. Por vezes tão devastadora quanto irresistível. Saída única e obrigatória. Agir e falhar. Agir para falhar? Falhar pior.

Como Rosa, P. inicia, em A., uma série de relações marcadas pelo fracasso, homens mais velhos, casados, impossíveis. Envolvidas em relações sexuais insatisfatórias, de tonalidade perversa por “pena” ou “raiva” deles. Únicos sentimentos que lhes restam na singular triangulação onde existe sempre uma Outra no seu lugar, repetição da cena edípica pelo lado do desejo impossível. Aspecto que não podemos deixar considerar na flor, nome(s) de mulher, que Rosa nos trazia. Outrém em seu lugar ficava, ficou, junto de nós. Tão de repente quanto o início Rosa interrompe as secções sem aviso ou possibilidade de contacto.

Múltiplas constelações compreensivas podem levantar-se do material clínico exposto. Dos enunciados falsos onde se esconde ao controle teimoso quase onnipotente da realidade que compõe a caricatura e a sedução sempre presentes. Deixamos em aberto a sua exploração especulativa. Preferimos acentuar como o início fulgurante e o fim súbito, que marcaram o (des)encontro de Rosa conosco inscrevem uma divisa, secreta e permanente: **Ser enquanto não é.**

Presente-se o engano-esperança inicial de que conosco seria diferente de como nisso (des)investe todo o seu ser, embora só a repetição do mesmo tenha, mais uma vez, podido ocorrer. Resulta que todo o fenomenológico é para a paciente, proposição preliminar, eternamente preliminar, promessas que a fantasia dirige e a realidade nega. Eternamente promessas. Nelas se aposta e esgota todo o prazer, toda a finalidade, todo o ser. Como que prisioneira de uma sexualidade infantil onde o sensoriomotor predilecto destina entrega, Rosa parece perder as forças, a motivação o propósito para continuar para além dos ditos preliminares. Rejeita a entrega. Na terapia como na sexualidade e na vida, desmente a intimidade, o crescimento. Esquiva-se. Salda insatisfação.

No entanto, mesmo na fuga deixa-nos uma forte impressão que insidiosamente nos invade e ocupa a mente, se faz presente. Na mesma proporção com que a sua presença nos ilude no fácil e imediato, no singular e sublime, e nos afasta, nos coloca longe. Sentimentos representados que contaminam a representação dos sentimentos. Fazem-nos reparar na reversibilidade da referida divisa: **Não é enquanto ser.** Assim se coloca visível a ausência de tridimensionalidade, a superfície de excitação onde habita, na presença como na ausência, para os outros.

Ficamos sensíveis aos aspectos depressivos no seu jeito de devoção e agrado permanentes na Rosa, vício irresistível. Fuga sem fim. Busca de presença e de afecto? Sendo o que recebe constantemente alguém do que oferece e por isso sempre decepcionante? Decepção confirmada e alimentada pela negação invariável dos objectos idealizados no seu confronto com a realidade? Interrogações afirmativas.

Encontrámos Rosa por acaso numa esplanada três anos depois. Faz-nos uma sonora e quase embaraçante festa. Que não se tinha esquecido. Ia aparecer. Precisava muito de falar comigo. Ainda se lembrava de coisas fundamentais que tínhamos dito. Adorou encontrar-me. Estava com pressa... Desapareceu.

Lembramo-nos de um fabuloso título poema de Paul Celin; **Rosa de Ninguém**. Rosa de ninguém. Rosa(s) para todos.

1.2 -Eu sou o sonho de qualquer mulher!

M. conta-nos um sonho:

“Estou no campo no meio de uma paisagem idílica entre flores e árvores por todo o lado...Deitada à beira de uma cascata, parece um filme. Tinha vestido, um vestido também às flores que se confunde com o campo. Fico perplexa com a comparação pois é um vestido que usava quando frequentava o infantário e que ainda hoje guardo comigo. Ali parecia que estava deitada no próprio vestido. Uma confusão. Mas era uma coisa boa. Talvez fosse a encosta de uma serra porque a sensação era a de em baixo haver um vale ou um prado onde pastavam uns cavalos e eu supostamente estava a guardá-los. Há mais coisas mas não me lembro. Sei que o dono dos cavalos a determinada altura vai buscá-los, aproxima-se devagar, só que os cavalos entram em fúria. Eu começo a gritar porque percebo o que se vai passar, mas em vão. E é horrível! Os cavalos cercam o rancheiro e são cada vez em maior numero às tantas parecem mais uns bichos esquisitos e monstruosos do que cavalos, saem até debaixo da terra e espezinham o homem. Só sangue e lama. Não se vê a cena, é a imagem de eu a gritar e a não poder fazer nada. Acordo horrorizada.”

Nessa sessão M. afirma não associar nada ao relatado (sucesso do recalçamento da ideia?). Só a perplexidade de o vestido ser igual ao campo e confundir-se com ele.

Desconstruímos o sonho. Dois planos, topograficamente contíguos e opostos. O de em cima e o de em baixo. No primeiro o bem, o belo, o sonho, o repouso, o paraíso... No segundo, no vale(-quase-tudo), o pesadelo, a fúria de animais ou monstros incontrolláveis e devastadores. Cavalos. Curiosamente activados pela aproximação. De um homem. Divisão, de fronteira confusa mas de territórios distintos. A proximidade do homem, “dono” dos cavalos, é-lhe fatal pois estes reagem incompatibilizados, digamos assim, com o seu próprio dono e acabam por destruí-lo perante a incapacidade da sonhadora.

Onde encontramos já uma divisão assim, binário de opostos interdependentes lugar em que se (in)compatibilizam Bem e Mal? Planos do sonho que contêm naturalmente a própria

sonhadora: No lado do “idílico” podemos assinalar como a paciente nos comunica um bem estar numa montanha (mãe?) região de repouso e segurança da qual não se consegue nitidamente distinguir (separar?). Ou uma homossexualidade latente que a atracção pelo igual indícia. Ou...

Por agora preferimos valorizar o aspecto adaptativo. Uma sobreadaptação defensiva, visto-me, sou, conforme ao mundo. Num mimetismo, identificação mimética que dilui e assim enquadra figura e fundo. Que perplexisa, pois parece contrária à parte do fundo onde os aspectos pulsionais libidinais emergem e transparece a destruição de tonalidade sádica do elemento homem. Ou do elemento relacional, homem que se aproxima.

Vejamos como este sonho, na sua bipolaridade seccional, realça e conserta vários aspectos relevantes da mente da paciente. Alguns dados:

Tem 36 anos. Sobressai automaticamente o cuidado, a exactidão no arranjo. A roupa, invariavelmente de calças, o cabelo, a maquilhagem ligeira tudo se conforma e harmoniza. É bonita, conserva as linhas do corpo de modelo que foi na adolescência. No entanto, tanta produção empeça no (des)necessário, alimenta-lhe um ar formal, desconcertante. Parece-nos fardada, fardada de mulher. É gerente comercial, culta, inteligente, fala rápido, firme e doce, olha-nos nos olhos e, é claro, encanta(-nos).

Em discurso indirecto, fixamos outros elementos da sua história. É filha única. Os pais, sempre se odiaram. Divorciaram-se quando tinha quatro anos, ainda tem viva a imagem triste do pai ao fundo da escada a ir embora. Cresceu com a mãe, austera e conservadora mas infalível, que sete anos depois acaba por casar com outro homem. O pai emigra logo a seguir ao divórcio para a América Latina raramente o vê embora fale com ele frequentemente por telefone. É um jogador que ganha e perde fortunas nos casinos...e um deprimido, embora sentisse que podia sempre contar com ele. Que casa e tem um filho desse casamento, meio irmão que ela poucas vezes viu mas com quem diz simpatizar bastante.

Na adolescência tem vários namorados sem importância tendo engravidado sem saber bem como e o bebé nascido morto. Tem poucas memórias desse tempo. Acabou com os estudos

por serem incompatíveis com a vida de manequim e esta para ir viver com um homem quinze anos mais velho que ela. Ao princípio foi ficando em casa dele. Depois tornou-se hábito. Sete anos mais tarde tiveram um filho. Casaram pouco depois da criança nascer, já as coisas não iam muito bem entre eles. Viveram dezoito anos juntos.

Gostava muito dele ao princípio apaixonou-se mesmo. E ele também, na altura estava a separar-se de um primeiro casamento de quem tinha uma filha que passou a viver com eles, cresceu como se fosse filha dela. Sobretudo viviam um para o outro e os dois para o trabalho. Construíram um império comercial que pode ser visto, a partir do nada. Eram uma unidade, uma parte um do outro. Quem via tinha a ideia de um casal perfeito a diferença de idades nem se notava muito, estavam sempre juntos dia e noite, formavam uma dupla de sucesso. Ela impunha a ordem, ele era mais louco. Ela fazia as escolhas, ele assumia os riscos. Dizia para si mesma, muitas vezes em voz alta: «Sou o sonho de qualquer mulher!»

Agora sente que andava demasiado acelerada, “a mil”, e era dependente dele. Era uma toxicod dependente sem drogas. E infeliz, caso contrário não tinha acontecido o que aconteceu. Agora repara ainda como ele a mal tratava, chegava a bater-lhe, tentou seduzir a sua mãe quando esta enviuvou, quando estava grávida foi vê-la à maternidade e o que disse foi: «Então essa merda nunca mais sai?». Achava que tudo era do mau feitio dele que também justificava as qualidades a melhor das quais era não ter dúvidas, ser muito seguro, e meigo quando estavam a sós.

O que precipitou a queda foi apaixonar-se pelo marido da sua melhor amiga, que tem o mesmo primeiro nome do seu marido, e a mesma idade, além da fama secreta mas assumida de mulherengo. Envolve-se com ele conta tudo ao marido e desencadeia a ruptura. Difícil, com cenas descritas como dignas de novela mexicana, agressões mútuas, perseguições, desrespeitos onde o pior foi, ainda no seu dizer, o marido a obrigar a ter sexo conjuntamente com uma terceira.

Por essa altura decide procurar-nos para uma psicoterapia. O pedido pouco manifesto era repartido entre o ajude-me a separar-me do meu marido e o preciso de colar as peças que se partiram para que possa parecer que nada se passou. Pouco ambicioso,

psicoterapeuticamente, não impediu que fossemos caminhando e fazendo caminho. O sonho relatado é desse início. Embora só o tivéssemos compreendido, do modo aqui exposto, muito mais tarde, fica visível como a vida da paciente se inscrevia na dita sobre adaptação defensiva, como se adequou à circunstancialidade e foi vivendo com visíveis ganhos sociais. Só ao longo da terapia foi possível surgir outros entendimentos que clarificaram a segunda parte do relato. E do sonho.

M. acaba por consumir a separação e o divórcio vivendo uma relação com o referido homem que se mantém casado. Encontros fortuitos e clandestinos ligados por tempos infinitos ao telefone caracterizam a relação. Fica em pânico quando este não telefona como habitualmente, ou os encontros rareiam. Cheia de raiva, que passa no instante em que lhe ouve a voz. Pânico igual ao que sentiu quando ele simulou deixar a mulher para ir viver com ela. Raiva igual quando pressentiu a simulação. Relata-nos a sua incapacidade em conversar com ele destas coisas, como fica pequenina, como tudo é sempre boa disposição, bom gosto e alegria.

Ao pensar sobre isso ocorre-lhe o medo de o perder. E de o ter. «A quem? - perguntamos. - Pensava que era ao namorado», ri-se. «Qual o ganho em se ser menina bem comportada sempre que se está com um namorado? (silêncio) Pois, ele é o meu pai, não é? Como assim? Não se faça de desentendido. Estou sempre a não deixar o meu pai sair de casa, não é?» Risos. Que desactivam qualquer turbulência interna e a mudança. Verdades para continuar mentindo. Persiste a desqualificação e insegurança de si, o temor à perda, ao sentimento de estar só, e paradoxalmente ao ganho. A surdez ao simbólico como diria Lacan compõe e evita qualquer angústia. Vê mas não repara.

Noutro momento fala da sua sexualidade. Gosta de sexo, às vezes gosta mais outras menos só que também aí não se percebe. Nunca teve um orgasmo. Nunca. Não sabe o que seja, não consegue explicar o porquê é uma coisa absurda para ela. Acredita que quer o ex-marido quer o namorado nunca deram por isso.

Elementos breves do longo caminho percorrido com M., que ainda decorre à data deste escrito. Durante o mesmo foram tomando consciência os aspectos narcísicos, como a tentação e desejo de ser par, de formar uma unidade, tanto com a mãe como com o pai, um

pai idealizado de quem pretendeu (e na fantasia realizou?), ser o objecto de amor. Modo de existir num mundo de perfeição e completude onde não ocorra o abandono nem outras angústias. Como trocou o marido pelo igual, apenas mais proibido e distante, afamado conhecedor de mulheres talvez na busca de se conhecer a si mesma enquanto tal. A ilusão de ser o sonho de qualquer mulher pode ter servido para nunca se questionar sobre o seu modo de o ser. Insistindo nos aspectos da adaptabilidade mimética onde parece ter tudo conquistado. Numa exterioridade onde pontua, como no orgasmo, o fingimento e a dúvida acerca da sua identidade sexual.

Lembramos que Freud no terceiro dos **Tres Ensaio...** reclama como centro da vida erótica feminina a vagina. A sexualidade feminina, mesmo sem evidência anatomo-fisiológica, transfere a “estimulação da sensibilidade erógena...do clitóris ao orifício vaginal”. Terão sido necessários dois mil anos para ser (re)descoberto esse novo lugar onde as mulheres podem igualmente obter prazer sexual (Laquer,1995) e a existência de dois tipos de orgasmos, além do conhecido clitoriano, ancestralmente avaliado pénis, o vaginal, este, considerado por Freud, habitual em mulheres adultas indicador maior dessa mesma adultícia. Afirmções que despertaram uma abundante polémica na literatura clínica da qual nos desviaremos.

Tomaremos esta ideia Freudiana para acentuar a noção de mulher como *plus* do ser criança e colocar a inexistência de sentimento de entrega muito interpretado na terapia com M. Colocamos a ausência de orgasmo ao nível da conversão, uma conversão sexual, digamos assim, sintoma. De que fala este sintoma? Do fantasma, de um desejo com punição, consumação da impossibilidade da dita entrega, da necessidade de castrar a diferença, o homem, ou simplesmente dos benefícios enganosos da comensalidade...

Retornemos ao sonho do início: No topo inferior de si mesma, no vale da genitalidade, receptividade onde dois supostamente se (re)encontram e unem, um é destruído quando perto. A matriz à solta espezinha e mata. Excesso de agressividade, de sadismo e intolerância que forjam deserto no lugar do outro. Morte no vale da vida. Título sugestivo. O estado anorgástico ganha assim novo sentido.

Orgasmo, clitoriano ou vaginal, como lugar onde a mulher se liga ao homem, consumação biológica de uma entrega, de um vínculo (Amaral Dias). Perfume da espécie humana no formato de um gozo maior, íntimo, enigmático, arrebatador e confiante, diferente... para a paciente, anestesiado, coartado, excluído. Persiste o medo. Soltam-se os cavalos, prendem-se as meninas. Sendo a sexualidade uma “pulsão que une” (Chiland,1990) assistimos à vivência de uma sexualidade que desune, desvincula.

Dissociação que destoa na imagem manifesta de sonho de mulher, forma de (se) agradar, por onde ostenta e ofusca a incompatibilidade precisamente de o ser. A sobrecarga edípica, por fusão a uma mãe idealizada infalível ou a homens grosseiramente pais-amados, fonte de desejos impossíveis, idealizações inevitáveis. Acautela-se criança. (In)visível até como reparação narcísica da capacidade de manter um homem junto de si. Como parte que (não) falta. E toda a sua vida parece dependente desta completude incompleta. “*Em vez de versos a máscara*” (Abel Neves).

Durante algum tempo estes aspectos estiveram camuflados na terapia pelos movimentos de reparação narcísica e de reorganização sócio-profissional, pós divórcio, dos quais nos falava abundantemente, e onde salientava as suas reais competências, apreciadas como verdadeiras vitórias já que desta feita dependeram apenas de si. De nós, acrescenta, já que na terapia recuperou a capacidade de decidir. Trabalhos de reconstrução do vínculo vicioso, agora com o terapeuta, de recuperar a unidade primária e impedir a aprendizagem a uma autêntica mudança? Continuamos (n)o caminho. Com a ilusão de nos encontrarmos mais próximos. Mais próximos do sem-fim.

1.3 - Não ver, para querer.

Um homem. Sereia? Pois! À memória ocorre-nos um parágrafo de Lacan. Procuramo-lo. Transcrevemo-lo (Nasio1994;150): *“O que é ser uma mulher, e, especificamente o que é um órgão feminino? Observem que aí nos encontramos diante de alguma coisa de singular - a mulher (histórica) interroga-se sobre o que é ser mulher, tal como o sujeito (histórico) masculino se interroga sobre o que é ser mulher”*.

Tomé tem 22 anos quando inicia a psicoterapia. De estatura média, figura simpática, calma de pendor introspectivo. Durante a terapia deixou crescer a barba (identificação mimética connosco?) e passou a usar óculos por um problema de miopia que o começou a afectar insidiosa e drasticamente uns meses antes do início das sessões. Tem um estilo comunicacional reflexivo de associações rápidas com activa curiosidade por si e pela terapia. Esta decorre oscilante entre a implicação mútua e prazer e uma insatisfação manifesta que deriva de nada mudar tudo parecer repetir-se.

Do Tomé é difícil seleccionar material clínico, tal é a multidão de informação que guardamos. O que constitui em si um dado interessante. A relação connosco, na oscilação referida, decorre entre o amor à procura da verdade e o refugio na mentira no jeito irresistível de agradar(-me). Frequentemente se submete às interpretações com o sentimento infantil de um castigo que estava a merecer o que torna o caminho igualmente circular e redundante. Aí se destaca queixoso, pedindo estima e reconhecimento, evitando o íntimo.

Colhemos excertos de sessões e outros sonhos. Dão conta do pedido inicial de ajuda e dos insinuos progressos evolutivos mas especialmente ilustram os nossos propósitos narrativos.

Conta em tom frustrado: *Tenho uma vagina na cabeça, em vez de cérebro. Parece que tudo está cheio de sexo, de ideias obscenas, não consigo ter paz. Vou ao supermercado olho, para as mamas da velhota da caixa; quando vou pagar já vou todo nervoso. Ontem,*

por exemplo, não tomei banho com a minha mulher, como é costume, ela teve que sair mais cedo e eu tive de tomar banho sozinho. Então tive uma vontade enorme de me masturbar. Depois pensei: como é possível eu querer masturbar-me tenho uma mulher faço amor logo com ela. Por outro lado porque é que não me hei-de masturbar se me apetece, agora que não a tenho? É como se fosse pecado... Como se tivesse sempre a questionar quem sou eu afinal? Penso que tem a ver com o que falávamos de ser mais fácil masturbar-me do que fazer amor”.

Indagamos. Quais as vantagens de uma mente assim? Quais os inconvenientes? Como lida afinal com a ausência? Com o que não controla? Só a via rápida para resolver, evitando, a angústia é fácil e preferencialmente activada? Estamos perante a impossibilidade de assumir uma identidade? Uma sexualidade deslocada? Uma **“Perversão do carácter”** (Steiner, 1993) que elimina toda a perturbação distorcendo a realidade interna e externa? Ou simplesmente a sexualização do pensamento para não pensar a sexualidade? Predomínio do lugar de insatisfação, ausência do sentimento de gratidão, de união com o outro, de proximidade emocional? Insuportabilidade de aceder ao desejo na sua totalidade? É sabido que quando temos muito medo de uma coisa vemo-la em todo o lado, perdura aqui uma defesa contra o medo? Que medo será este? Medo da diferença, esse Outro desconhecido? Do prazer-com?

Tomé acrescenta as dúvidas acerca do seu desempenho sexual, que antes do casamento era melhor e que desde a alguns meses piorara. Precisa: Desde a visita dos pais. A primeira visita após o casamento, antes andavam nus pela casa. Por essa altura tiveram que alterar o hábito e nunca mais o repetiram. Interroga-se pelo prazer e vontade sexual da companheira e simultaneamente como fica prisioneiro naquilo a que chama *bola de sabão*, presente mas isolado dos outros ou do mundo em redor, preso numa actividade onírica ilimitada onde sonha com Ferraris vermelhos, férias de luxo, mulheres aos seus pés...

Assinalamos. Uma forte sugestionabilidade. A passagem dos pais influencia a sua sexualidade. Coloca a dúvida. Faz emergir a sexualidade infantil e a inquietação acerca das suas capacidades de dar prazer sexual, de ser homem. O refúgio de substancialidade vazia, onnipotência fantasiada de onde se exclui a frustração, a dor mental.

Um sonho: A., a sua mulher, está a ter um filho, a cena passa-se num lugar desconhecido, uma sala primeiro e depois deixa de se perceber. Só que em vez de uma criança era um pénis, um pénis enrugado. Acorda aflito.

A mulher vai ter um pénis. Está assim consumada a anulação da diferença. Da diferença de sexos. O desconhecido torna-se conhecível. Ao mesmo tempo, angústia de castração projectada. Evita imaginar-se a si mesmo castrado. Devolução deste modo especular do(s) seu(s) medo(s). Será que sou mulher? Será que posso ser uma mulher escondida? Serei ou poderei sê-lo, castrado? Ou simplesmente: Como poderei ser frágil?

Outro sonho: Está deitado na cama com a mulher e de repente há qualquer coisa que se cola à perna, que deixa de ser perna e que se confunde com essa coisa. Ele vai verificar o que se passa e fica pasmado porque, primeiro é uma mulher, depois é a sua mulher e por fim ao reparar melhor vê que é a sua mãe. Levanta-se de um salto mas não se consegue livrar daquilo. Mesmo quando a descola e atira pela janela ela volta sempre. Sempre a colar-se à perna.

Outras indagações. Podemos pensar melhor agora numa sexualidade comprometida endividada, ao passado? Um sentimento de que esta mãe, que transporta sempre à perna, o impede de crescer? Como se ele sentisse que se estava a livrar da sexualidade infantil? Ou preso narcísicamente à mãe sem que se consiga autonomizar? Falha do recalçamento que coloca em todas as mulheres a mesma mulher? Impedimentos que o impossibilitam de assumir a responsabilidade pela intimidade com a mulher?...

Um terceiro excerto de sonho. Está na igreja da terra na hora da missa. As pessoas entram para assistir à dita e ele fica à porta. Quando o padre começa a rezar ele desata a “amandar bocas” ao padre. Está descalço e a depreciar o padre e o catolicismo. O sonho acaba com ele calçado mas com os sapatos do primo.

Associa a um episódio da sua história. Aos dezasseis anos foi estudar para uma grande cidade num colégio de meninos ricos. A alcunha dele era o bigodes, porque já tinha bigode. Mas lembra-se de estar na paragem do autocarro e sofria com a ideia de que os

outros reparavam que ele não tinha calças de marca e morria de pensar que soubessem que o pai era um simples comerciante.

Visibilidade da castração, inveja narcísica, os outros têm o que lhe falta. Tem bigode mas sem marca, sem a marca do ser homem, da masculinidade. Insegurança insuportável de si e do seu valor. À porta da santa-madre igreja, depreciando o pai padre sem sapatos seus para sair, ou entrar. Embora pressinta que aquele já não é o seu lugar sente-se marcado por ele e incapaz de se libertar totalmente. Demasiado descalço para o seu caminho.

Acentuando todo este vivido triangular onde se enlaça, relata-nos, noutra momento, como sofre quando os sucessos profissionais ficam aquém do esperado. O que parece ser constante. Mesmo se lhe reconhecem os méritos estes são sempre vividos como insucessos. O peso do dever ofusca-o em permanência. Guarda o desejo mais que secreto de esmagar tudo e todos no sucesso e esplendor. O que foi ficando mais claro para si no decorrer da terapia. Ideal onde se protege da castração de onde emerge uma frustração insuportável. Quer ser o melhor e único. O primeiro. Manter a rivalidade com os pais, colher os aplausos colectivos pela vitória, esconder o temor pelos desejos proibidos. Ser desejado por todos. Ter tudo. E então: Ei-lo! Só então.

Rimos, constrangidos. No passado recorda o pânico com que ouvia o pai dizer-lhe sempre que mostrava as notas das provas, que no final do ano lectivo ajustariam contas. Como se sente ainda hoje a prestar contas, na busca do reconhecimento paterno. Como tudo se dissolve na *bola de sabão*, refugio quase perfeito.

Finalmente podemos ver como todas estas questões se conectam com um sintoma: A miopia. Lembramos que ela ocorre pouco tempo antes do início da terapia com um agravamento súbito e fulgurante da falta da visão, sem causa aparente, que acaba por estabilizar nas quatro dioptrias um ano depois. Sem óculos “*vejo tudo turvo, tudo mais longe e desfocado, se não souber quem é, a uma certa distância, não reconheço o rosto da outra pessoa*”. Este facto foi concomitante com a saída da casa dos pais seis meses atrás para vir trabalhar para Lisboa. Com o início da relação de namoro com a actual mulher e de uma sexualidade regular. Com os insucessos profissionais, agravados por um primeiro fracasso que o obrigou a regressar à casa paterna, e pela instituição onde trabalhava não

ter, no seu entender, grande prestígio. A sensação é descrita como de grande desamparo, para nós a de viver uma enorme catástrofe.

Procuramos na Teoria um enquadramento. Emblemática do sofrimento histórico, a cegueira. Usada por Freud (1910) num “*texto de circunstância*” por si próprio desconsiderado em carta a Ferenczi mas apreciado por E. Jones (Bonnet,1981), mais tarde acoplado às **Cinco Lições de Psicanálise**. Usada, escreviamos, para exprimir a mecânica do sintoma e mencionar as diferenças das concepções etiológicas da histeria que o separavam de Charcot e de Janet. Se para o primeiro a cegueira resultava de uma permeabilidade do eu a uma ideia hipnótica ou quase hipnótica intensa e excessiva, neste caso expressa na afirmação «não vejo mais». Para o segundo, derivava de um enfraquecimento do eu, incapaz de elaborar o afecto «ver» num pensamento coeso e coerente perdendo-se como “ideia fixa” no subconsciente e provocando a ausência de visão na consciência.

Com a originalidade reconhecida e já assinalada Freud coloca o acento na pulsão sexual. O inconsciente vê. Nele o sexo é visível, perverso e polimorfo. Aí haveria dois grupos de representações em revolta entre si. Por um lado o encontro erótico com a pessoa amada que povoa a visão do prazer sexual, escopofílico, o prazer de olhar e igualmente prazer do objecto ao ser olhado, por outro activa representações opostas de segurança e auto-conservação. Resultado: sob o encanto sexual abate-se o recalçamento do eu. O eclipse sobre esta visão inconsciente é feito tão massiça e violentamente, num código taliónico, que apaga a própria visão. Um eu tão ultrajado pela sexualidade pretende opôr-se a ela tão desastrosamente que acaba por se mutilar a si mesmo. Ou seja a cegueira, neste caso a miopia enquanto cegueira parcial, como o efeito observável e manifesto da luta interna contra o sexual por um eu demasiado desesperado (Nasio;1994).

Podemos especular, para voltar a Lacan, que o desespero deriva de um olhar permanente para a falha, a falta do Outro, o lugar vazio deixado pela ausência do falo. Um buraco. Seja este a miséria da impotência ou o excesso da potência. De todo o modo não mais o eu recalçado, destacado por Freud, mas um eu-olho-erógeno que capta visualmente a falha do Outro castrado. A cegueira como resultante da sedução pelo encanto erótico que emana da

outra pessoa, que não é nem viril nem feminina mas sim em falha ou em onnipotência (Nasio;1994).

Elementos que dão nova forma às anteriores questões. A sexualização do pensamento, como consequência da atração por um lugar vazio, a vagina, o corpo do outro, o prazer e o gozo ou a sua ausência... Atração pelo ausente de sentido, talvez porque proibido, ainda assim ausente, fomentando uma fascinação directa por esse abismo, pelo ilimitado, o que não se conhece.

Uma consciência de precipício atrai e não pode ser vista nem sequer esquecida nunca. O arbitrário fica assim dotado de uma necessidade total. Impõe-se porque não é nada. E pela mesma razão é tudo. Simultaneamente funciona de um modo curioso: Afirma-se como elemento de triangulação (substituição de um pai ausente? - Rupprechet-Schampera,1997) que propõe a separação face à mãe.

A vantagem prática, escrevamos assim, da miopia parece ser a de nebelinizar. Nevoa que apaga dos outros a sua singularidade que torna imediatamente distante o próximo, turvo o nítido, conhecido o desconhecido, ou o inverso. Sendo a reversibilidade autorizada sinal da dissociação que rouba ao Eu a consistência interna e a maturidade. Elemento de triangulação que afasta mas afinal não separa.

Ou seja: Mais do que uma vontade tenaz de descobrir no novo e no nada, vence um medo de encontrar o conhecido, o antigo e proibido? Concomitantemente um meio de (não) se separar desse território seguro e ameaçante?

Tomé refere como a mãe, "*super-galinha*" sempre se preocupava em levá-lo ao oftalmologista em criança, mesmo que não apresentasse qualquer queixa. A miopia como, comunicação de um desejo de ser cuidado, insistência numa gratificação infantil? Materialização do medo materno? Não ver para que continue a querer-se criança? Sinais da dificuldade de diferenciação e separação do objecto, ao qual se continua a prometer único e brilhante? Ou um meio de justamente dele se distanciar, mesmo que votado ao insucesso deixando-o protegido do carácter fantasmático doloroso?

Indagamos.

1. 4 - Amar, amar perdidamente... ou o amor segundo Ela.

Escrevemos sobre Teresa para escrever sobre o (seu) amor. Tinha 32 anos quando começou a psicoterapia. Queria perceber, para evitar a sua tentação para o abismo - como lhe chamava - relações variadas, consecutivas, contraditórias e erradas. Estava a terminar uma dessas relações, que durava já alguns anos, com um homem que, no seu dizer, lhe fazia a vida negra. Começou a namorar com ele por pena; ele tinha um jeito criança no ser. Isso bastou. Depois revelou-se um tirano mas mesmo assim foi difícil desligar-se dele.

Tinha formação Superior mas trabalhava em secretariado em funções muito abaixo das suas habilitações. Portanto sem conseguir nem amar nem trabalhar. Sinais de imaturidade negados pela paciente.

Durante os primeiros tempos da terapia separa-se do referido namorado e interrompe a “dança” das ditas relações que sempre manteve num carácter repetitivo; estéril na capacidade de aprender com essas experiências. Estas possuíam uma característica curiosa, ocorriam num permanente desencontro: os casos em que sentia maior interesse e envolvimento emocional não resultavam em nada. Findavam-se, sem deixar qualquer marca. Caracterizados pela inibição e o evitamento, visíveis mesmo nos sonhos; “*pesadelos ao contrário*” de onde acordava sempre que alguma cena de aproximação erótica ou contacto físico, que nem precisava de ser íntimo, estava na iminência de ocorrer. Nos homens em quem detinha e sentia menor interesse eram os que a proximidade, a relação, acontecia e funcionava. A sexualidade inexistente nos primeiros era satisfatória nos segundos, na proporcionalidade inversa ao afecto que nutria por eles.

Considerava-se para além de tudo isto uma militante incondicional do Amor Dizia-se a última romântica.. Como num Romance sonhava com uma paixão total. Das que revigoram a alma e temperam a existência. A ela se prometia. Nela diluía e racionalizava os insucessos. Todos os insucessos.

Teresa acaba por se apaixonar por um homem com quem se sente emocionalmente correspondida. Pela primeira vez sente que é amada e ama alguém. Sendo este igualmente aceite e apreciado pelos seus pais coisa que não tinha acontecido com nenhum outro (revelando como a paciente se mostrava mais interessada no agrado narcísico dos pais do que na realização das suas escolhas objectais?) decidem viver maritalmente. No início da vida em comum desencadeia uma serie de ataques hipocondríacos de forte morbidade, num quadro depressivo grave que obriga à interrupção da terapia, sem quebra do vínculo. Sentia-se perto da morte. Procedia como tal. Mantinha sobre nova aparência o mesmo desencontro. A mesma fidelidade; ao Amor.

Lembramo-nos de Barthes (1986) e de como o sujeito pode anular o outro amado sob o volume do próprio amor. Assim ama o amor, não o objecto. Ou ainda de Freud (1917) ao enunciar as semelhanças entre luto e melancolia no desinvestimento no mundo exterior e na incapacidade de investimentos em objectos de amor, reacções consequentes à perda do objecto (externo ou interno). Dois aspectos aparentemente contraditórios que nesta paciente se afiguram similares, comprometidos ao mesmo fundo. Veremos mais adiante como a depressão o habita, por agora pretendemos destacar os elementos que o constituem.

Na sessão, numa sessão, em que retoma a psicoterapia Teresa quer saber coisas a meu respeito. Quais os autores preferidos, os livros, os filmes, actores, musicas... numa primeira linha, depois opiniões, religião... e as outras coisas, mais pessoais presumimos. Em suma um inventário completo. Sorri. Desculpa-se com um não é toda a gente assim? Evitando o pensar(-se) que o seu querer saber já evidencia. Fomentando uma identificação mimética desejando uma confirmação de todos estes aspectos em si mesma, identificação aos mesmos de mim, mas não a mim, terapeuta e à função pensante que implico. Fuga ao querer saber, descobrir(-se), através de nós, a sua própria identidade. Imita. Imitação do outro adulto.

Esta aparenta ser uma das alternativas à querelância hipocondríaca. Outra, mais profunda oculta e interdita quanto visível e imediata, enuncia o desejo - Conta que sonhou com o Primeiro Ministro, que está a apresentar-lhe os trabalhos por si feitos. Que ele aprecia entusiasticamente ao ponto de os incluir como representação oficial do governo - O grande

desejo edipiano de continuar a agradar e ser reconhecida pelo «Primeiro»; pai? Fixação ao objecto incestuoso impossibilidade de dele se separar de fazer o luto?

De outro, mesmo, modo: Refere que quer resolver o passado. Na ausência do companheiro encontra-se com antigos apaixonados, com os quais, sabemos, não houve mais do que sonhos e sedução intensa e de quem perdeu há muito o contacto directo. Embora estes encontros não tenham aparentemente “*nada de mal*” são vividos sob o signo do transgressivo. O intuito directo e consciente é o de esclarecer mal entendidos de outros tempos, de entregar prendas que então a inibição não deixou. De reconquistar uma amizade. Movimento que nos parece ser o modo de os voltar a inscrever sob os desígnios da sedução, numa espécie de valorização narcísica, um triunfo de que se prescinde depois de conquistado e simultaneamente um modo de os não perder. Prendê-los no propósito de amizade quando se promete e se guarda para o reconhecimento do «Primeiro»? E manter a ilusão, a ilusão histórica, os homens sempre me amaram, sempre me amam. Ordenando e colocando-os a todos no mesmo acto sedutório, corrector da experiência - em detrimento da correcção do ser que o reconstruir o passado implica (Kierkegaard) - que perpetua a sua integridade e procura anular as manifestações de tristeza que a consomem. A ansiedade depressiva que a domina. Assim mantém-se ainda em palco. O destino histórico.

Impossibilidade de aceitação do que a vida é, da aceitação da falha, refugia-se na ilusão: As mulheres têm que seduzir os homens todos... espelho onde se ilude a castração através da ilusão da sedução. Da procura do Amor. No brincar aos amores...

A intolerável aceitação da diferença de gerações. Sobretudo as inscritas na diferença de sexos. É aqui que sempre tropeça. Está permanentemente a ver-se criança, a dizer como é que o vai ser junto dos adultos. Solução? Voltamos a escrevê-lo: Imitando-os. Uma pseudo identificação feminina prevalece. Reparámos com desqualifica permanentemente a mãe, tida como *criança, egoísta, despreocupada*... Desqualificação de si própria.

De novo a fórmula “Amar, amar perdidamente...” (Florbelá Espanca) e não amar ninguém. Não ser a mulher de um homem mas uma mulher que tem homens. A parte adulta gostaria de ter um homem mas não se consegue identificar com a mãe. Não consegue renunciar às

fixações a um progenitor para eleger o outro como se tal escolha de um significasse a morte do outro. Sobra a depressão, ameaça permanente..

Não pode assumir o próprio gozo. Vive numa divisão mental em que uma parte dela fica sempre de fora. Justificada nas queixas somáticas, hipocondriacas que a limitam física e mentalmente. Suportada com a ingenuidade do “*nada de mal*”, a belle indifférence que a exclui da aprendizagem, e portanto da capacidade de relacionar, de estabelecer relação, na mesma medida que a desresponsabiliza das suas acções. Incapaz de fazer. Fazer e não assumir a culpa do feito. Dimensão dissociativa que como escreve Amaral Dias (1988) tem função encobridora.

Deixando vazio no desejo o lugar da sua ética. Deseja (de) um lugar onde não se reconhece, o que cria uma duplicidade na mente que adultera a máxima Shakespeariana e dá nova forma à divisa que assinalámos na nossa paciente Rosa. Ser e não Ser, eis a questão. Fórmula de arrumar a dor de ser.

Outro Sonho: Há um anfiteatro onde vai ocorrer um exame. Este consiste numa prova escrita onde se tem de completar uma frase. A frase é: «Cenas irónicas...». Dirige-se ao dito anfiteatro por um corredor e de repente surge um biombo que esconde o que se vai passar. Ela aparece deitada com um livro na mão. Então surge o salvador, eu próprio, que se aproxima e por cima dela, sem lhe tocar, segredo-lhe ao ouvido as palavras correctas que faltam para completar a frase: «...e outros animais». Então dirige-se para o anfiteatro. Tem a sensação de ter havido batota mas não deixa de ser invadida por uma felicidade imensa.

Associa com a sensação de prazer que sentia num sonho antigo. Um sonho repetido durante muito tempo no passado. O sonho do reencontro. Havia um homem, invariavelmente chamado Pedro que era trazido pela mão do pai, um velho sábio que gostava particularmente dela. O cenário era sempre lindíssimo com muita nitidez cor e luz. A sensação era de reencontro, de já ter estado com aquele homem algures e de estar agora a acontecer de novo. Nunca chegavam a tocar-se, ou quanto muito abraçavam-se e o sonho era aí interrompido. Mas a sensação era de intensa plenitude.

À *posteriori* a sensação parece ser a mesma. O presente dando sentido ao passado. Numa repetição que se não impõe o objecto pelo menos mascara, no desejo, a sua falta. Já que depois de Freud admitimos que no que falta se anuncia o desejo (o exemplo, no sonho, das palavras que faltam). Quando sabemos que o lugar da falta é o lugar na ausência (Bion), ou vemos esta como organizador-sinal de desenvolvimento da função simbólica (Lacan), distância certificadora do pensar, condição ontológica, que nos coloca para além da categoria de meros “*outros animais*”. O que parece inscrever-se numa lógica de impossibilidade, para a paciente. O anular da diferença (edípica) garante do prazer sublime. Guardião que para assegurar o prazer impede a separação. Mente. Inviabiliza a diferença. Mascara a vida.

O deslizar do significante, Pedro, o fundador da igreja católica o primeiro Papa - Pai. O fantasma do pai presente em Pedro. O equívoco do significante que não tem equívoco nenhum. Desdobramento por um lado neste pai pulsional - Pedro, por outro um pai velho que «ironicamente» encaminha os amantes. O mesmo equívoco. “*Cenas irónicas*”.

2 - Pensares

- Diga-me, por favor, a partir daqui, que caminho é que devo de seguir?
- Isso depende bastante do sítio para onde queres ir - responde o Gato.
- Pouco me importa para onde - disse Alice.
- Então não tem importância para que lado vais - disse o Gato.
- Contando que vá dar a qualquer parte - acrescentou a Alice, explicando-se melhor.
- Ah, isso é que vais, de certeza - disse o Gato - se andares o suficiente.

L. Carrol, *Alice no País das Maravilhas*

2.1 - Sirene

Quando com tanta luz se tornam ocultos.

Herberto Helder, *Última Ceia*

Pronto. Chegados. Aqui. O sabor da viagem pesa-nos nas pálpebras. Obriga-nos a fechar os olhos. Ardentes. Quem fecha os olhos arrisca-se, diz o medo. Mas quem o sonho enfrenta agiganta-se, balbucia a coragem. Fechamos os olhos para ver. Ver tem no verbo haver o seu verbo. E o que há (até) aqui? Céus! Há nada! Mais nada. *Coisa pouca!?* Nada de nada.

Pânico. Estamos cheios de palavras onde nenhuma. De medo onde nenhum. Importa cruzar os percursos, desflorar trilhos, abrir infinitos, novas sínteses... e a inexcelsível claridade do que escrevemos é de uma substancial negrura.

Algo a nosso favor: A coisa desvendada oferece-se simbolizada ainda, sempre pronta e aberta a decodificar de novo. Resistimos. Imploramos: Injunção-calmo-e-turbulento-olhar-sobre-o-fundo-das-coisas, reflete por favor...

Bom sinal. Mau sinal. Bom sinal. Mau sinal. Bom sinal... Sinal. Intermitente. Uma sirene. É isso! Salvos! Sonora e efusiva presença. Apaga-se. Luminosa e incisiva aparição, brilha. Cala-se. Ausência presença. Aparição desapareção... Ritmo binário. Uma sirene; produz mensagem, avisa, anuncia, aproxima-se. Eclipsa-se, esconde-se, desiste, aproxima-se ainda. Pista interessante. Seguimos-lhe o rasto. Da sirene.

Notámo-lo logo no princípio; sirene é outro modo de dizer sereia. Sendo-o sem o ser, já que identificamos mais rapidamente o objecto em questão que o ser mítico evocado. Usamo-la para expedir e reforçar o vulgar do seu jeito de viver. Uma imposição aos sentidos, sonora, visual, intensa que irradia em redor uma necessidade de agir. Quase sempre exige cuidado quer esta acção seja na direcção da curiosa aproximação, que

deseja averiguar o ocorrido, quer no do cauteloso e prudente desviar para facilitar a urgência ou arredar o perigo.

Na sirene vemos acentuar assim este *modus vivente* das sereias que atempadamente registámos. Mas queremos destacar um destes aspectos em particular. O ritmo. É a intermitência que agora nos convoca. Há sempre um momento de eclipse. Uma presença que existe pela e na ausência. Dela irrompe, espectacular e urgente. Nela mergulha silenciosa e rápida. As sereias encantam pelo repentino da presença, e pela eminência do seu desaparecimento, na constância agradável do ritmo. Na sirene tudo isto, *vivace presto*, em rápido e insistente.

Gizamos esta coincidência dos mitos que as singularidades anteriores ilustram. Também na histeria a intermitência impera. Primeiro registámo-lo na História. Depois nas contribuições explicativas, a começar no próprio Freud e a continuar na dinâmica do mundo psíquico. Depois ainda na transferência e agora, por extensão, queremos referenciá-lo como característica genérica do modo relacional histérico. Aí, onde ela se denuncia e condena doença. Onde o mimético e repetível se colocam no lugar do infinito poético e as fantasias atropelam *realidades*.

No polo visível o hiper-visível. Uma sirene abafa qualquer outro som. Ilumina qualquer outra luz que à sua sombra se torna baça e frouxa. Domina. Como um grito assistimos a um exagero de si, da sua própria natureza e realidade, do seu corpo, ou modo de ser, ou estilo, singular ou não, ou... O brilho torna tudo ilusório mas coloridamente fantástico. Vivo. Hiper.

Uma hiper-evidência, hiper-vida, demasiado excessiva, fácil, exuberante, vincada, exacerbada para ser consistente, porque logo invertida, predomina. Um corpo hiper-sensível, próximo da sensação absoluta, corpo-sensação-aberto-para-o-outro, para o mundo, afirma-se. Com tudo isto ganha em espectáculo, O Espectáculo, e este parece sempre real. Verdadeiro. Credível. Capaz de enfrentar o maior dos cepticismos.

No extremo, não importa ter razão; mas atenção. O que se afirma; mas apenas o afirmar... Pensar não, sentir-sensação sim! aparenta ser a reivindicação ... Cúmulo de si mesma,

relaciona-se com tudo e todos, numa transparência insinuante que parece não deixar espaço para segredos ou enredos que tudo aparenta mostrar num fogo-de-artifício, num acende-apaga ininterrupto. Insidioso.

Estamos a falar de Rosa, ou de M. ou de Teresa ou de Tomé e de outros sirenídeos. Mesmo quando o contacto se torna recatado ou triste, mantém-se o exagero de si. Um acumular de visibilidade em teatralidade, se se preferir, (re)forçada. Mesmo que desconforte ou intimide o outro em inquietante estranheza, e que este o dissimule em evocações moralistas que o façam catalogar de pouco senso ou mau gosto, ou... ou inversamente o envolvam em adesão fervilhante, o encanto que a inquietante estranheza provoca, funciona. A regra parece ser mostrar um pouquinho a mais. De mais. No piscar de olhos reluzente da aparição se vive. Desperta no outro contágio, uma impressão, de preferência libidínica, que parece vital para a subsistência, para a sobrevivência mesmo de quem mostra.

E simultaneamente se ofusca tudo. Se anula pela aparência, pela frivolidade, pelo excêntrico, pela fuga para a frente, não a presença que é obrigatória mas a entrega que a mesma (pré)anuncia. No acentuar o ser se esconde. Um hiper-invisível se acopla ao visível. Uma intensidade de carácter urgente obriga ao aparecer e ao esconder. E mesmo este está impedido da totalidade, se vê obrigado à inversão, ao apaga-acende ininterrupto.

Constante, de ambos os lados do visível, a incitação sexual. Jogo, desafio, provocação, convite permanente. Freneticamente ou nem tanto, tudo se sexualiza. Num tom de inocência ou de inconsciência na *Belle Indifference*, o recalçamento perfeito, como ensinou Freud. Sabemos que a oferta não corresponderá à dádiva. Demasiado evidente, existe apenas no antes da entrega. Indefinível desencadeia desejo. Sem que canais para a sua consumação existam ou funcionem. Alimento que se destina a consumo virtual. Histericista. Floresce apenas embrulho onde se segreda o mais precioso dos presentes. Apenas promessa. Se a desilusão por desgaste ou acidente ocorre, nova promessa se ergue sob a forma de um adiamento. O presente só no futuro incerto é certo.

Ou o inverso, as fantasias ligadas ao hiper-sensual mostram-se capazes de ao menor elemento provocar grande (auto)erótica. Suplantam assim qualquer contexto, toda a volição. No fundo objecta-se o relacional, ilude-se qualquer movimento interactivo seja

afectivo, sexual ou outro que não se submeta aos desígnios da intermitência, à dialéctica de opostos que os faz estar/ser onde/enquanto não estão/são. Suplanta-se o íntimo e toda a sua invenção.

As sereias sendo comprometidas às profundezas dos mares é sempre no (im)provável da superfície que jogam a pragmática da existência. Fazem juz à essência de uma sirene, objecto de superfície. A intermitência da luminosidade sendo constante no ritmo e incidência aparenta um contínuo permanente. Sendo intensa dá forma ao que ilumina, é de mil tons. Labilidade identificatória, captadora de aparência, é da forma do que ilumina. Benece que produz uma familiariedade assimiladora que sendo o objecto coloca-o distante. Mistérios da luz.

Na outra face da moeda falamos de identificações superficiais, móveis, contrárias às identificações introjectivas de relação com os objectos internos. Nelas, afinando pelo mesmo diapasão ganham aderência aos outros e ao seu mundo, escondendo a sua diferença, desacordo, vontade própria... Ganhando em controlo e mesmo em antecipação do objecto. Consumando o encantamento.

Suma. Uma sirene transporta sempre uma urgência, no limite, o desespero. Usa a intermitência e o agudo dos dois extremos que a compõem, para se anunciar, captar atenção e resguardar. Alarme do íntimo. Falamos de histeria.

2.2 - Fingere...

Fingir é amar.

Bernardo Soares, *Livro do Desassossego*

Assinalámos a intermitência e a urgência. Talvez o exagero, fosse predicado prioritário ou mesmo a teatralidade. Mas já os escrevemos mais de uma vez. Ambos são invariâncias básicas sempre presentes nos dois mítos e nos ritos que os compõem. Tudo neles parece excessivo, sobreabundante, jogo e fruição... barroco, no seu dinamismo e tormento das formas, dominadas pelo ímpeto da fantasia e da paixão. A representação, o teatro, arvoram presciência e destino. Por isso começamos pela urgência. Na medida em que se associa ao «como», se a parenta ao ofício clínico.

Porém gostaríamos de retomar um aspecto. Alberto Pimenta (1995) equipara a metáfora do teatro à dos amantes. E a comparação interessa-nos. O teatro não só como o lugar do dentro mas onde esse dentro, as paixões, se podem apresentar como o que está fora e assim como o lugar do fingimento. *Fingere*, nas suas instruções semânticas vai desde “formar” e “representar” até “modelar” “esculpir”, “ciar” “compor”, “imaginar”, “forjar”, “Fingir”... Este enquanto incontornavelmente ligado ao humano, na dimensão simbólica da fala e nas fenomenologias da *persona*- máscaras.

Nós reivindicamos o fingimento, elemento ancestral nas sereias como na histeria, tão acabado como o do poeta do poema que “*chega a fingir que é dor*” aquela “*que deveras sente*”. Ou seja, fenómeno que vive de um hiato, que per-faz, cria um duplo, um actor de si mesmo. Aproximamo-nos assim das ideias de A. Pimenta embora ele brilhantemente escolha o caminho do pensar a metáfora. Sobretudo recoloca-nos nos labirintos da dissociação e da clivagem. Hiato onde se enreda a existência sem espaço nem tempo para a dor na mente. Nem para a dor nem para o prazer, sempre impossível, ou insuficiente. Eles são vividos (ou não) no duplo. Desarmados no *fingere*, que o que impressiona, comovendo, não sofre; nem goza.

Este duplo contém ainda uma (outra) configuração curiosa, a da cópia. Reparámos como no mundo mítico das sereias abunda a esteriotipia (investigue-se as parentalidades do

étimo), a ausência das características individuais. Uma sereia é sempre igual á outra. O que gera um «efeito da espécie» que absorve e amplia a própria repetição. Dizemos que uma sereia canta, que o canto é celestial. Quando “*é uma música triste, saudosa que me faz chorar*” como em Júlio Dinis (1987;36), ou Camilo, podemos dizer que são sereias portuguesas concerteza, que evocam paraísos perdidos e outros danos, pessoais ou colectivos, mas “*...ao ouvi-la até chego a esquecer-me do lugar onde estou... sinto desejos de me deitar às ondas para ouvir de mais de perto aquele cantar divino?*” O canto é o das sereias, característica entretecida do infalível.

Neste efeito da espécie, o duplo é também o próprio. Reversibilidade que a mimése autoriza. O fingimento facilita-se no isomórfico. Não num processo de identificação, que incorpora (leia-se transforma) o outro no próprio, mas na apriorística da imitação simples ou no jogo da metamorfose que Aquello desempenhava com mestria (identificação paterna das sereias?). Fingindo que se é, é-se outrém e o mesmo. O mesmo quando se representa outrém. No limite, é-se todo o mundo; simultaneamente na generosidade, ninguém.

Plasticidade por onde circulam os afectos e desejos, laços e fantasias, angústias e prazeres...chegam a ser fingidos para (não) poderem ser vividos. São de outrém quando próprios. Próprios só de outrém. Seduzem, como que «de não ser como os outros», o que escutamos muitas vezes no alto da gávea terapêutica, quando na sua perfectibilidade-suma, se encerram no *realmente* serem sempre um Outro.

Também aqui uma observação paciente encontrará a concordância dos mitos. Na histeria, os processos de identificação secundária, a edipianização e as regressões concomitantes reflectem e são reflectidas neste teatro. O duplo realiza o(s) papel(eis) de si mesmo. A reversibilidade estende-se à própria dinâmica do sintoma. O corpo como teatro de um outro, de um outro «dono», que é o mesmo mas não é, não o pode ser. Cartesianismo singular. Sobretudo assume o lugar fora da mente onde na mente tudo ocorre. Representação partida do afecto, como Freud explicou. Sujeito sem predicado. Na medida em que a extensa semântica do *fingire* contem sempre verbos de acção temos que o fixar aí, onde apenas se expressa a si mesmo, no agir.

Este aspecto do fingimento “*tão completamente*”, esta exacerbação do faz-de-conta, impõe a pergunta. O que expressa afinal a histeria com os seus fingimentos - sintomas, acções, crises e manifestações matizadas de circunscricção impossível? O que significa tudo aquilo que ao longo do tempo produz, e que se insinua em todos os exemplos clínicos citados, ou fora deles na urbe ou no mito das sereias? Vimos que a resposta mais antiga e a mais unânime que Freud acentuará é afinal simples: Uma insatisfação. Os Históricos são insatisfeitos. Mas de quê? O mito responde por si. De sexo. Vicissitudes do desejo. Uma tal unanimidade não pode senão ter um fundamento verdadeiro. Procuremos aflorá-lo num dos capítulos seguintes, só que parece não ser apenas isso.

Retomemos a ideia da sirene. Qual é afinal a urgência em questão? Se escrevemos sobre o seu modo, e acrescentámos que o fingimento está no agir, importará acrescentar algo mais. Urgência de quê? Porquê? Para quê?...

Em Massud Khan (1974) fala-se de vingança. “Rancor” e ressentimento pelo desamor vivido, que se conjugam num imperativo e constante desejo de vingar. Em A. Green (1997) uma insuportabilidade do objecto quando confronto, exigindo-se que este seja apenas em adoração diante de si. Genericamente podemos evocar que a urgência é, será, inversamente proporcional ao desenvolvimento libidinal, quanto mais pré-genital mais imperiosa a exigência; do imediato, do completo e do igual. Tríade fatídica na satisfação das necessidades e desejos. Por consequência, urgência inversa mas ainda, na fuga à débil resistência à desilusão, à frustração; menos conhecimento e consideração pelo outro na sua individualidade, autonomia e diferença.

Nas sereias para além da urgência do engodo esta fica visível quando são apanhadas nas malhas dos pescadores, no choro com que supliciam o regresso ao mar, retorno à origem (Sebillot, em várias lendas, ou Júlio Dinis, por exemplo), ou na Sereiazinha (Andersen) no desejo irresolúvel de chegar ao Príncipe e aos segredos do amor. E da morte. Retorno idêntico. Urgências. De satisfação? Na completude?

Na *Invenção do amor* de Daniel Filipe os dois amantes, “...um homem e uma mulher que tinham olhos e coração e/ fome de ternura/ e souberam entender-se sem palavras inúteis” ... inventam o amor com “*caracter de urgência*”. “...*Invenção conjunta de um amor*

subitamente imperativo.” O poema constroi-se sobre outra urgência a da denuncia e perseguição dos amantes e do amor “*para bem da cidade do país da cultura/.../ é preciso encontrá-los E é preciso encontrá-los!.../ para que a vida reentre na normalidade habitual*”. Os cortes roubam ao poema a beleza mas deixam-nos perguntar se estamos a pensar em alguma destas urgências.

Em nenhuma? Em ambas? Ou justamente na encruzilhada? Entre o amor, total, acima das palavras e o seu evitamento num quotidiano que se quer rotineiro ou apenas seguro. Então, falávamos atrás de completude, impõem-se igualmente uma urgência de quietude? E que quietude mais-que-perfeita (des)conhecemos nós, que a que se promete na morte? Há uma urgência de morte? Se ela é uma autoridade icónica nas sereias como identificá-la na histeria?

Temos assim três problemas. No cruzamento dos dois(?) mitos que u-tópicamente agenciamos, e nos ritos que se traçam e entrançam em labirintos por onde navegamos, desembocamos necessariamente no mesmo fundo, abismo: o amor, o sexo e a morte. Mistérios incontornáveis, de uma lógica “*onde todas as coisas conspiram*” (Leibniz-Lexicon). De uma estética que o fingimento complexiza. Saber desta lógica e desta estética é saber de sagesa - *toda a sagesa ou toda a magia do mundo*.

Façamos dos três problemas “*questão proposta*”.

2.3 - De amore

O Amor de um homem? - Terra tão pisada
 Gota de chuva ao vento baloiçada...
 Um homem - quando eu sonho o
 Amor de um Deus!...

Florabela Espanca, *Ambiciosa*

No teu abraço me recuso, na tua partida te espero e na tua espera me acuso. Não sou tua. Apenas um sopro de luz, apenas o reflexo atordoado de mim num renascer da alma. Apenas o amor.

Margarida Casal-Ribeiro, *Histórias de Gente Acordada. (Traição)*

“*As sereias não matam ninguém, só amam*”- escreve Tomasi di Lampedusa (1993). Também ao contrário da mitologia, Lígia, a sereia deste Conto não enfeitiça apenas com o seu canto; o seu sorriso é um sortilégio irresistível no qual exprime “*uma quase bestial alegria de existir, uma quase divina felicidade*”(65); e o seu perfume “*um odor mágico de mar, de volúpia muito jovem*”(66). Fragmentos que poderíamos incluir nos atributos da face visível da sirene. São irresistíveis desencadeiam atenção. Estão ao serviço da urgência, uma urgência, agora, de... amor.

Só amam? Isto é, se enebriam numa dávida incondicional perpétua ao outro? Será assim o Amor? Podemos distingui-lo do amar? No Conto, Lígia parece tomar a forma de pronto-socorro-do-amor surgindo onde ele possa estar ausente. Mais do que amar quem ama parece ser amar quem precisa de ser amado fazendo da troca livre de desejo o (a)pagamento de uma necessidade. Este parece o motor das escolhas objectais das singularidades antes apresentadas, que vêm aí a possibilidade do encontro total. Mais do que uma dádiva o movimento é de fugacidade; preencher uma ausência, numa identificação precisa ao que falta ao outro. Talvez apenas uma intolerância aos mesmos aspectos de si: Uma intolerância à ausência, de amor.

Rosa, enuncia numa espécie de atlas pessoal: “*para mim é impossível não ser amada*”. Conhecemos as suas inibições sexuais, sem as excluir, outra temática emerge. A do amor.

(Voltar a)Falar de amor assim em pouca linhas se não for sacrilégio será seguramente redutor. Procuraremos não sair do propósito. Há uma urgência, por clarear.

Começa por ser difícil delimitar o amor do desejo. Uma distinção destas é tarefa Sisífrica. A fórmula, quando nos reportamos à histeria, tem sido colocar invariavelmente o acento sobre a (in)satisfação e o desejo. Lacan, como afirmamos, dilata a tónica e postula-a no centro do desejo do desejo do outro. Poderemos a partir dele fazer equivaler desejo e amor ou subordinar o desejo ao amor (Barthes,1986) mas fechamos grosseiramente a questão.

Freud escreveu a respeito que no homem, comprometido à lógica obsessiva, o desejo exclui o amor, e o amor o desejo. A generalidade da sexualidade masculina atravessa o complexo de Édipo, o amor pela mãe, envolvido em culpabilidade, fundo de toda a relação heterossexual, que acaba por obstacularizar o desejo sexual que não se pode dirigir senão a uma mulher desvalorizada, aparentemente nas antípodas da mãe.

Naturalmente a questão é mais complicada, mesmo no interior da teoria Freudiana. O fundador da psicanálise defendeu igualmente o amor no masculino como algo segmentado, como soma de todas as pulsões sexuais dirigidas a um objecto. O que distingue do estado amoroso, que define como uma loucura transitória, sob os auspícios do narcisismo. A diferença seria o grau de investimento no eu ou no objecto exigindo o estado amoroso uma moderação de ambos (Freud,192). Mas mantém o problema, o desencontro seria estrutural. A habitual divergência masculina e a também habitual convergência feminina entre amor e desejo.

Divergência idêntica na oposição entre o amar e o estado amoroso. O primeiro traduz a forma “activa”, “normal” nas vicissitudes da libido masculina. O segundo um estado mais “passivo” que Freud situa sempre do lado de feminino. Ora uma outra dimensão essencial da histeria, que importará sublinhar, que Rosa como muitos outros exprimem, é um pedido de ser amada. A insatisfação sempre evocada parece resultar deste pedido não encontrar resposta adequada.

Foi isto que Freud percebeu logo em 1914, no clássico texto sobre o narcisismo. Ele afirmou com insistência que a mulher quer “ser amada”. O passivo é colocado

invariavelmente do lado da mulher. No texto, já anteriormente citado, *A Organização Genital Infantil*, onde estrutura o desenvolvimento em diversos estados, a oposição activo/passivo domina o estado da organização pré-genital infantil, na qual há apenas o masculino e o fálico. No afirmar do *falo* a oposição é entre o órgão genital masculino e a sua ausência. Depois aparecerá mais tarde na puberdade a oposição masculino/feminino na qual se associa um à posse do pénis e ao activo, o outro à passividade e ao objecto.

Encontramos ainda esta forma passiva em *Inibição, Sintoma e Angústia*. Aí vinculando a histeria à femininalidade e a neurose obsessiva ao masculino afirmando que na primeira a angústia fundamental era a de perda de amor, a de não ser amada. Amar para as históricas é angústia de perda do objecto de amor. Em Teresa, por exemplo, isso surge reforçado quase até ao óbvio.

Entretanto vimos que o Édipo tal como foi descrito não é aplicável sem modificações ao feminino, Freud sempre recusou a ideia de complexo de Electra (Chillant, 1990). Continua, mesmo assim, a ser para ele fundamental os fenómenos de identificação secundária, nomeadamente a fálica. A relação com o pai é valorizada nas duas teorias freudianas da histeria mas parece não atribuir grande importância ao ser amada.

Para além das equivalências atribuídas que continuam a motivar farta celeuma, a ideia em si de «passivo» parece-nos demasiado simples. Passa como mera inversão do «positivo». Ora não é o caso. A modalidade passiva parece-nos muito mais interessante e complexa e mesmo obviamente extensível aos dois sexos. Exemplo: Dizer “eu sou amada por Ele” não equivale à inversão da forma activa “Ele me ama”. A diferença que gostaríamos de destacar é mais uma vez, a acção. Do outro. Verificamos que na forma passiva este outro intervém como agente do amor e esta diferença, registámo-la no «enigma das sereias», é para nós importante. Ser amada pelo outro eis a questão primordial. A que desencadeia uma procura desesperada pelo «encontrar» a par da fragilidade das relações que vai «encontrando». Serei, a? Parece permanentemente interrogar.

Mas que Outro é este? Rosa e M. ilustram bem a questão. São objectos, aos olhos da sua fantasia, sempre prestigiantes e valorizantes, o que por vezes é suficiente. Como no caso das singularidades ilustradas, onde estes tomam também a configuração de “mais velhos”.

Nestes ou em outros há uma característica ainda que se destaca: É um outro igual a si mesmo. A tentação é a da «alma gémea». Encontrá-la. Agarrá-la...

No Conto de Júlio Dinis a atracção de Pedro, o protagonista, pela «cantora» é porque ambos “o mar falava, escutavam as ondas e deliciavam-se com a sua harmonia” sabiam ambos ler-lhe os sinais, “como mais ninguém”.

A identificação mimética de si mesma, o seu espelho, a sua imagem e semelhança, é sempre exaltante. Por vezes assiste-se a um horror, consciente ou não, ao estranho, ao diferente, ao novo, ficando como que incapaz de sair do labirinto narcísico onde se protege em vaidade, em compensação ilusória da auto-imagem (Coimbra de Matos; 1983) que a «alma gémea» reforça. Expõe deste modo a sua fragilidade, o sentimento secreto de inferioridade, o deficit de reconhecimento e afecto que transporta aparentemente desde sempre.

Esta busca da «alma gémea» pode-nos remeter a Platão (1987), ou se se preferir a Aristófanes e ao mito do andrógono original onde se explica a atracção do amor. O incompleto atraindo(-se), o desejo de completude como regime de inquietação desfaz-se, realiza-se no encontro imortal incorruptível de felicidade. Tentação obrigatória a ser considerada como motor para a urgência na histeria; modo de reparar, ou remediar a falha narcísica.

Mas aqui a busca não é pelo complementar; é pelo idêntico. Não é do complemento mas do suplemento (Barthes, 1986). Não a parte que falta mas o órgão que falta (Lacan). Deseja-se um amor Absoluto divinizado, no entanto a parentalidade; de ideias, de pontos de vista, de gostos, de... são predicados da gemealidade, toda ao arrepio da alma. Pelo igual, na intolerância à diferença e identidade do outro, se ama. Anulando a diferença logo a possibilidade do jogo livre e único da troca haverá campo para o amar alguém? Ser incondicionalmente amada/o, desencadear acção no outro mitigar uma dor funda. Esses sim, são motivos urgentes que encontram ressonância.

O objecto, o(s) outro(s), encontra(m)-se assim destinado(s) a fracassar. Porque a parentalidade se desassemelha ou porque a sua resposta é sempre insuficiente e

insatisfatória se reforçam as angústias e as “actuações” repetidas e a repetir que nos movimentos regressivos e progressivos podem adquirir colorido desesperado, urgente.

“É provável que Bela inspirasse nos homens uma desesperação intolerável, talvez porque a sua imensa necessidade afectiva não se traduzia numa prática erótica. Descompensada do amor da infância, teria de comportar-se sempre com uma exigência semelhante a uma fome e a uma sede”- Escreve Agustina Bessa Luís (1979) a propósito de Florbela Espanca. A propósito.

2.4 - Do Resto

Sobre o resto (uschita) se fundam o Nome e a Forma,
sobre o resto está fundado o próprio mundo...
o ser e o não ser, ambos residem no resto,
a própria Morte, o vigor...

Atharvaveda (XI,7)

O resto é simulacro.

Shakespeare, *Hamlet*

O corpo. Ninguém sabe quanto pode um corpo (Espinosa). Na profusão de significados e metáforas ninguém sabe ao certo o que é O Corpo; sendo que quanto mais se fala menos este existe por si próprio (Gil,1980). Temos falado até aqui do corpo sensação, fabulado, possuído, dissecado, sonhado, historicizado, conversível,...numa atemporalidade que se estende até à Arqueologia Egípcia.

Num novo cartesianismo (?), hoje tende-se a separar histeria e conversão, cada uma delas ganhou direito a aparecer isoladamente. Na reabilitação em voga de Janet fala-se sobretudo de fenómenos dissociativos (Green,1997), ou de histeria sem conversão (Bleichmar,1988), embora a par de outros (Desrouesne,1994) que continuam a assinalar a ancestral relação, sobretudo em mulheres ou nos homens em determinados contextos como nas prisões e no exército.

Ao (in)certo a relação histeria com o corpo continua incontornável e a levantar questões (Jeanneau,1985). Corpo sempre submetido às turbulências do emocional e do sexual. Donde emerge monótono, doloroso, por vezes atacado pelo desregramento dos apetites - álcool, alimentação, medicação, drogas (Green,1997). Sempre metáfora - metáfora fatigada - que se oferece à decifração; e a ela se nega.

Importaria, talvez, diferenciar aqui as teorias e clínica psicossomática ou elucidar e discriminar sobre os estatutos da corporeidade. Antes insistimos na relação com o corpo

pela mediação sexual e bissexual que emerge das descrições clínicas desde a Antiguidade. Falamos de um corpo dividido.

O corpo das sereias é um corpo dividido. Esse é aliás o primeiro e radical sopro da sua identidade. Natureza repartida: “...*com cabeça, seio, braço e tronco de donzela, o resto em forma de peixe*” (Morais Silva, 1945; 478). Ou, nas versões mais antigas onde, lembramos, o resto se fazia de ave.

O resto. Apurando um pouco o significado usual da palavra, o resto, aparece como um espaço indefinido que se encontra para lá do círculo do já definido. Sempre com carácter se não ilimitado pelo menos indeterminado. Indeterminado enquanto o que está fora do alcance de todas as determinações. Ou seja, nenhum predicado efectivo ou significativo se lhe atribui; perdeu a essencialidade. Ou então, o resto como o que escapa, o que está para além. Por exemplo, para além do pensamento categorial ou da linguagem, identificando-se com o incomunicável e o indizível. Dois modos de olhar para o resto enquanto algo diferente daquilo que é resto.

Pelo contrário quando se pensa o resto, o caso da matemática, ou na História os vestígios, os fósseis... como aquilo que sobra, como um excesso, encontramos uma continuidade. O resto não se afigura totalmente diferente daquilo que é resto. Antes surge como o seu prolongamento, real ou virtual.

Utilizamos esta facilidade que a semântica da palavra nos possibilita. O Resto como descontinuidade. E continuidade. E pensemo-lo para a inusitada cauda. O corpo dividido, o corte, a zona de costura (Lacan), tecida pelo fogo mítico (Pimenta, 1995) onde mulher e peixe/ave se (des)armonizam no grotesco e improvável; parece obrigatório.

O corpo “*signo delirante... não codificado, prolífero, monstro... caricatura da natureza*” (Gil, 1980; 40) Corpo segmentado, dissonante, ocupante, topograficamente invariável: Há sempre uma parte superior correspondente ao humano e uma inferior prometida ao irracional. A linha divisória desse horizonte mítico, essa sim, oscila. Na sereia de Edward Eriksen, símbolo de Copenhaga, situa-se nos joelhos. O mesmo para Rubens no *Desembarque de Maria di Médicis*, aí o rosado maneirista exhibe previsivelmente as formas

opulentas da carne triunfante que acabam por se diluir no azul verde mar terminal. Nas coxas, em Munch (*A menina do mar*) a separar a carne do peixe. Nas antiqüíssimas *mrwtj* egípcias: o pescoço. Cabeça de mulher, todo o resto ave.

Claro que o ícone se conforma em maior concorrência no baixo ventre, depois do umbigo. Esta parece ser a mais frequente das representações. Na Literatura o termo implícito ou explícito é invariável; *a cintura*, o *meio corpo* (Brunnel, 1988), para cada lado. Embora na sua invulgaridade **A Sereia** de Tomasi di Lampedusa volte a colocar outras nuances seguimos pelo critério estatístico.

Existem reproduções de sereias onde figuram, à semelhança de pernas, duas caudas (Donder, 1992) em vez de uma única, parecem reportar-se ao período medieval e tanto quanto conseguimos investigar, Lampedusa à parte, são pontuais ou raras e não fazem regra. Nós consideraremos a imagem tipo onde o **resto** se afirma cauda única, embora a bifurcação pareça nada alterar ao essencial: Do ponto de vista de coisa incomunicável e indeterminada, que a topografia expõe e acentua, o **resto** remete-nos obviamente para a *coisa* sexual. Uma *outra coisa* se encontra no seu lugar. Evocando a moral judaico-cristã enuncia-se o corpo liberto da sua baixaza, das suas partes baixas ou vergonhosas, aquelas onde o prazer é directamente exercido, recebido e executado.

Simbolicamente, se quisermos investigar, as analogias surpreendem. Essa *outra coisa*, sendo outra é ainda a mesma. As aves são uma das formas primordiais, arquétipo, surgem ao mesmo tempo, ou imediatamente a seguir aos seres vivos não diferenciados, no quinto dia do Génesis. Sigamos de perto Y.K. Centeno (1982) que as estuda deste ponto de vista simbólico. Embora, como avisa, não permitam generalizações dos significados, em rigor apresentam um conjunto de simbolizações interessantes: Ligam, a terra e o céu, apontam para uma transformação que o homem na sua alma aspira. São frequentemente tomadas como símbolo de transcendência, do Eu-superior onde os opostos se encontram conciliados.

Sobretudo são um símbolo sexual imemorial, com prolíferos exemplos nas Artes e outras criações, desde a origem do Tempo, com expressão de correspondência directa por

exemplo na língua alemã onde Sexo e Pássaro têm a mesma etimologia, ou no Português vernáculo em exemplos que nos dispensamos de citar.

Símbolo da força sublimadora, presente nos mitos, sonhos e textos alquímicos. Surgem em relação com as formas marinhas também primordiais, são a sua sublimação natural, como nos dragões, peixes alados ou justamente as sereias. Nesta contaminação indeterminada a autora refere como os alquimistas viam nelas, com a ligação entre a água (rabo de peixe), a terra (corpo de virgens) e o céu (as asas), a imagem da alma, do corpo e do espírito.

Se enquanto ave (*Maria* - não podemos, também nós, deixar de reparar, na inversão da palavra e em como Eva mulher-mãe mítica, que é mãe sem deixar de ser virgem, a que surge da costela de Adão e portanto recoloca o mito da androgenia originária e da busca da completude, surge no lugar de uma Lilith mais interessada pelo prazer sexual e por isso expulsa em primeiro do paraíso.) Se enquanto ave, escreviamos, o sexual se evidencia reflectido implicitamente, como peixe outras curiosidades emergem. A da diferença de geração. Peixe, *Pisce*, «filho de Deus» no Cristianismo. E também aí, o nome da culpa.

São duas pistas deliciosas de investigar, associadas ao facto de nas sereias elas remeterem à geografia do sexual, ao ocuparem o local onde a imagem de ser homem ou mulher se evidencia (dismorfia, primeiro em imagem). Espaço marcado por uma ausência. Onde simbolicamente se coloca o que falta, o genital, simbólico onde se inscreve a diferença geracional e a culpa ligada aos desejos eróticos ou agressivos interditos, à necessidade de lutar contra eles de os manter o mais recalcados possível...

Nada nos podia ser mais favorável na comparação dos dois mitos. Se quisermos podemos reler as ilustrações clínicas anteriores e verificaremos a concordância. Contestar-se-á que tamanha evidência é forçada pelo nosso desejo de encontrar pontos comuns, aceitamos o reparo, desde que ele não minimize a ocorrência nem nos iniba de continuar.

Digamos que o simbólico compõe o que falta e no mesmo acto a sua incomodidade. Deixam explícito que a questão sexual é sempre questão. Escrevemos sexual, e não o sexo, propositadamente. Deste ponto de vista acrescenta um segundo efeito. Esta indeterminação do resto adivinha-se fundamental. Obriga à impossibilidade da genitalidade, do coito, do

copulare, do acasalamento. Simultaneamente confunde quanto ao Género. Comprometida ao mar ou aos céus, ao elemento primordial, unidade originária, na qual caprichosamente se vê (i)limitada, a sereia impossibilita-se de se comprometer ao outro e consigo desconhecendo a parte de si que a identifica. Desconhecendo o outro que a diferencia e que no desejo a complete.

A sexualidade exige totalidade. De muitas maneiras a começar talvez no corpo. A totalidade do corpo. Um corpo todo. Fazendo dele o caminho e a chegada, inclusivos. É incontornável a questão sexual em tudo isto. E a do corpo. Já que depois de Freud este é sempre sexualidade. É incontornável por ser da ordem da impossibilidade. A indeterminação e a indizibilidade do **resto** colocam-na evidente. Não como pode acontecer às vezes em alguns históricos por uma indiferença, ou nojo pelo encontro sexual, ou pelo corpo. Não que a indiferença atinja as sereias vergadas pelo peso da insuportabilidade do impossível genital.

Paradoxalmente como já referimos é o inverso que se anuncia. Que se promete no jogo do hiper-visível. Aí o corpo é mais. Aparece erotizado, ou não fosse o erotismo “*a sede de ser outro*” (Paz,1991), excitável, no excesso sensorial constante. Na caricatura, capaz de desencadear a libido do mais distraído alheio, não para dela usufruir mas para se promover ainda mais. O caminho é a finalidade, trocado pelo ponto de chegada. Embora se anuncie o contrário apenas o caminho se objectiva. Nunca se chega. Caminhando na sua direcção dele se afasta. Quando chega, se chegar, este é indubitavelmente: o ponto morto. Vive-se na espera do marinheiro só até à sua presença. Erotiza-se tudo e todos só até ao momento do coito....

“*O enigma contraditório suscitado pela histeria(...) é, - escreve Freud nos Três Ensaio...- o par de opostos constituído por uma necessidade sexual excessiva e uma rejeição exasperada da sexualidade*”(;60). A uma hiper-visibilidade erótica em todo o corpo não genital se opõe o resto genital, atingido por acentuadas inibições, que percorrem um largo espectro da clínica da sexualidade: A ejaculação precoce, a impotência, a frigidez, a anorgasmia..., são exemplos correntes.

Na histeria não há união, não há dois sujeitos sexuados e diferenciados numa relação complementar. Mas algo de parcial que sempre deixa transparecer um espaço vazio, o que se busca no lugar do encontro é a fusão, anulação do desejo. O encontro é confundido com fusão. O que é válido também para o masculino. No caso do paciente Tomé vimos como esta mesma problemática da fusão se mantém; impossibilidade de se separar da díade com a mãe na ausência de uma imagem paterna que lhe proporcione uma identificação reaseguradora. Desunião extensiva, ou que se inicia no próprio corpo. Há um corpo dividido, segmentado que isola a sexualidade a coloca sob os desígnios descritos da dinâmica de sirene.

Dúvidas sobre a identidade de género emergem, a montante e a jusante do que afirmamos. Dúvidas que o destino anatómico não se faz suficientemente esclarecedor e porque esclarecer seria reconhecer-se, assumir-se e assim tornar a diferença no outro e com o outro consistente. Talvez aqui a “bissexualidade originária” obtenha algum fundamento - dúvida a que não desenvolviremos.

Voltamos ao resto do resto. O resto enquanto unidade com o não resto. Outras significações se pre-figuram neste jogo de palavras. Equivalentes a pensar o ser mítico como um todo, uma totalidade. Aí o rabo de peixe impõem-se, faz parte da biologia, se assim se pode escrever, nele a sereia se apoia para *bailar nas ondas*. Na destreza e o orgulho da coreografia adivinhamos o poder dessa parte anatómica, a importância de a ter, melhor de a ser. Sendo que o uso se deve prestar à confusão e solidariedade dos verbos. A mais valia que o outro resto do resto, “donzela”, desfruta. Numa onipotência que faz o todo superior a todos. Apta não importa o lugar, imagina-se imensa.

Um tamanho poder remete-nos para o *fallus* mítico. A cauda da sereia como o seu *fallus*. Hiper-adaptabilidade de onde arruma a Frustração? Lembramos, nas diferenças clássicas do Édipo o homem busca ter o falo a mulher em sê-lo. Ao consegui-lo guarda-o como lugar da indeferência, da fusão à qual parece não poder renunciar. Reposição ilusória da sua integridade, forclusão da dor (e) da perda, da separação (Amaral Dias, 1999) da origem, marítima, onde costurada ao monstruoso, se impossibilita humana. Situar-se fora do mundo, resolver assim a mundaneidade. Poderemos falar de um corpo *fallus*, na histeria?

Voltando à sereia de Lampedusa. O autor mantém a ambiguidade quanto ao corpo anatómico de Lígia: *“Abaixo das nádegas o seu corpo era o do peixe, revestido de minúsculas escamas cor **madrepérola** (sublinhado nosso) e azuis, e terminava numa cauda bifurcada que lentamente batia no barco. Era uma Sereia”*(;66). Se voltamos a falar dela é porque o Conto faz referência rara mas explícita ao *“acto carnal”*, onde *“ela manifestava uma alegria e uma delicadeza opostas ao obscuro cio do animal”*(;72).

Cruzando textos: *“ a histérica (...) pode ter relações sexuais orgásmicas, orgasmo clítoriano ou vaginal, sem por isso comprometer nelas seu ser mulher. No momento do acto, onde ela é confrontada com a ameaça de perder essa virgindade fundamental, ela se fecha sobre si mesma no limiar do gozo do orgasmo, assim se preservando de experimentar um gozo radicalmente diferente, enigmático e perigoso, que chamaremos gozo aberto. A histérica pode se oferecer ao orgasmo, mas nem por isso se entrega ao gozo aberto”*(Nasio, 1994;45).

Identificamos não apenas a imemorial insatisfação, mas o seu agravamento. Algo que funciona como uma recusa ou boicote à satisfação. Pode a sexualidade tomar foros atléticos de desfloramento enebriante e permanente ou quedar-se na mais frígida e cinzenta das recusas, o resultado parece estranhamente ser o mesmo: a insatisfação. A insatisfação. A insatisfação. Algo fica sempre aquém da liberdade partilhada no prazer na sua plenitude enigmática.

O desfecho, no Conto, é igualmente curioso. O protagonista e a Sereia viveram durante três semanas *“maritalmente, como se diz, tendo em comum cama, comida e ocupações. As ausências de Lígia eram frequentíssimas: sem me dizer nada, primeiro mergulhava no mar e desaparecia, às vezes durante muitas horas. Regressava quase sempre de madrugada...”*(;70). Partidas consecutivas até à ausência final: *“«Querida ficar mais tempo contigo - queixou-se Ela -; se fosse agora para o largo os meus companheiros não me deixavam voltar. Ouve-los? Estão a chamar-me»”*(;77) Partiu. Desapareceu. *“Pareceu que se desfazia na espuma”*(78).

À insatisfação referenciada temos que juntar ou sobrepôr o efeito desta dor-sem-dor. Há uma impossibilidade de ligação, de vinculação. De novo. Ao outro de quem se poderá

perguntar se poderá ter estado ligada, vinculada, alguma vez. E uma separação maior, a separação «*dos seus*», impossível. A colocar a questão da obrigatoriedade de uma perda. Da ordem da condição da espécie humana (Amaral Dias,1999). Cournut (1991) fala da importância fundamental dos lutos não feitos na histeria. Na nossa paciente Teresa sublinhámos a ocorrência. Sem separação não há *Nada*, espaço para os vínculos (Bion), para o afecto e o conhecimento. A sexualidade é interdita. Impossibilidade *per se*. Do corpo. Imposição da morte.

2.5 - Da morte

Porquoi la mort? C'est qu'elle est l'extrême.

Maurice Blanchot, *L'Espace*

E aquilo que impede a relação, tudo o que a destrói, é a morte.

Amaral Dias, *Eu já posso imaginar que faço*

“Sacrifiquei a voz ao corpo, para que este fosse desejo. Porém a voz do desejo não fala mais em mim. Hoje sou apenas carência e falta. Aonde a tempestade dos meus sinais biológicos pedia ordenação à linguagem, símbolos, palavras, rebentou o vazio em mim...”

Podia muito bem ser o murmúrio da Sereiazinha (Andersen; 1996). Não é. É a fala que Amaral Dias (1991) coloca no Tóxicô. A curiosa similitude não é inocente. Tão pouco a sua evocação para aqui. Ambos falam de um sacrifício, da voz, de si mesmos, modo de elevar o corpo no desejo. De igual se deparam com o vazio ausência, pobreza de humano...ambos se (a)pagam numa acção, numa acção anti-dor, anti-mental portanto, tanto quanto toda a acção o pode ser. Dor do desencontro, dor do desamor ou simplesmente dor vinda do desamparo (Amaral Dias,1999), coreografia da morte.

Se na histeria toda a acção se teatraliza, a *mise en scène* estende-se à morte. Abismo sem fundo que nos arranca os outros e dos outros... A alvorada da tragédia, com frequência a escutamos em lágrimas que não nos fazem comover - (lágrimas sem sal?) *“as Sereias não têm lágrimas”*, escreve Andersen (1996;36) em contradição com Shakespeare - ou sob os auspícios da erotização e da festa. Não nos espanta que os histéricos assim a expressem. Deneguem. Mesmo nas tentativas de suicídio, quando ocorrem, o desejo de morte é sobretudo uma tentativa de sair magicamente de uma situação dolorosa afectivamente insuportável (Sopena,1995).

Na Sereiazinha, em todo o Conto ela foge à morte e a ela se entrega. Às mortes, que esta como a vida exprime-se na pluralidade. Nele encontramos todos os elementos anteriormente escritos e refenciados às sereias vividos sob os auspícios da urgência. Procuramos, aí motivos do extremo; da morte.

Re-lembramos: Para tornar a parte inferior do corpo n“*umas lindas pernas... (tornando-se n)a rapariguinha mais bonita de todas*”, a Sereiazinha perde a língua e a *mais belas das vozes* que era a sua. Aquilo que permite diferenciá-la separar-se do seu meio tem um preço (sinais da castração fatal!?) pago à *velha bruxa do mar*. Forma de se separar das origens ma(r)ternas onde a assexualidade parece imperar, de ousar “*querer saber*”, querer conhecer o mundo do amor e da imortalidade. Onde co-habita a desilusão e a morte, mas isso só saberá mais tarde.

O móbil é a realização de um sonho (não resistimos a repescar na história de Anderson o facto de ser o contacto com o Príncipe quem precipita a tragédia, este como o que introduz e legitima a diferença e assim o(s) sonho(s) e como tal o(s) desejo(s), nomeadamente o de (se) saber) aparentemente ousar distinguir-se, diferenciar-se, prenúncio de um medo de morte que a obrigaria a ficar presa no mundo familiar das profundezas do qual deseja escapar.

Escrevemos aparentemente porque o príncipe adormecido no primeiro contacto está incapaz de reconhecer quem o reconhece, o reconhece como igual à figura da estatua de mármore que a Sereiazinha guardava no seu jardim desde a infância. Como sempre nas sereias o adormecimento prenuncia a tragédia. A semelhança ao *rapazinho de pedra* induz-lhe o desejo.

É conhecido o preço trágico pago pela Sereiazinha. E por Toxicô. Na impossibilidade de falar, comunicar ao príncipe a sua verdadeira identidade, o seu desejo, já que encantava apenas com o seu corpo, o seu olhar, o sorriso..., por isso ele “*amava-a como se ama uma criança mas a ideia de a tornar sua rainha nunca lhe passou pela cabeça*”(50), viu outra ocupar o lugar do seu desejo, um lugar que lhe parecia predestinado. No dia do casamento, melhor, na noite, quando “*O príncipe beijou a noiva e ambos se dirigiram para a tenda real*”, nessa noite, fundo de buraco de todas as fechaduras encontra a morte. Na noite mítica onde (não) pode entender que o príncipe é insuportável e irremediavelmente de outra. Na impossibilidade do dizer, presa à imagem de outrora a que não consegue renunciar, ditou o morrer.

Sabe-se como as irmãs penhoraram os seus belos cabelos para impedir o desfecho fatal. Apenas agudizaram a tragédia. A colocaram no absoluto limite do “ *depressa! Tu ou Ele têm de morrer...*”(;54) ou-um-ou-outro, matar-ou-morrer. Morrer. Depois..., o antes. Voltar às origens, separação impossível. Todo o futuro é passado.

Estamos ainda no enigma das sereias.

3-O (eterno) retorno do enigma; Especulações (um) pouco finais.

A sea change into something rich and strange.

Shakespeare, *A Midsummer Nigh's Dream*

Todo o enigma é um enigma de um enigma. Talvez o enigma das sereias seja de algum ramo do enigma esfíngico e como tal ainda um modo de afirmar o humano e criar enigmas.

Ambos desafiam a certeza das coisas. Qualidade singular. Qualidade do singular. Do simbólico. Durante toda esta nossa viagem o enigma enunciado tem estado sempre presente incrustado no exposto. Podemos fazer corresponder cada ilustração clínica a cada uma das suas premissas; a marcar uma espécie de padrão emocional, pano de fundo: M., ao «se te aproximás devoro-te». Teresa ao se te afastas morro. Rosa ao para ti existo. Tomé em qualquer das três ou ao enigma no seu todo. Podemos olhar, a histeria e a sua singular história bem como os meandros que se reflectem nos Pensares, através do enredo onde estimula os pensamentos. Fomos deixando ao longo do texto alguns elementos, cujo maior valor será o da sua interrogação, mas que (re)criam significações.

Vimos como se imbrinca, na tragédia do ser, onde se movimenta e transforma outros enigmas que as sereias cantam: o amor, o sexo, a morte. Um ponto parece constante, e resistente mesmo à prova empírica. Princípio caro a Hegel (1977) para quem o núcleo de toda a actividade psíquica consiste precisamente na mediação entre identidade e alteridade; por isso o retomamos: A questão da distância. Por certo a reflexão do uno e da diastase de imediato se presentifica. Outros o fizeram bem mais além dos nossos limites. Pontifiquemos apenas a temática em torno da nossa matéria de estudo:

Primeiro: Nas sereias há uma insuportabilidade da proximidade. Defesa de um território onde tudo é igual a tudo, isomorfismo onde duplos de duplos se duplicam numa meiose coerente e sem fundo que lhe augura unidade, repele a individualidade e promove a distância. Vimos como esta garante a (sobre) vivência e nela o corpo, o corpo acessível, ao alcance de uma mão, se ergue como resguardo maior. Corpo, campo onde a acção se

convoca se exprime se aniquila. Dado que o processo pressupõe o adormecimento da alma, a presença deste acentua-se ainda mais, absolutiza-se. Ou seja, na inversão simples se anuncia que a proximidade do corpo inaugura o fatal, o fim. Porquê? Porque, adiantamos uma hipótese, o corpo na sua materialidade paradigmática a diferença, a diferença que se apoia na pureza inantigável do ser diferente e que gera diferenças, a diferença sexual.

Só que também vimos que a distância igualmente o é. Insuportável. O outro (e importaria definir o que é um outro, aqui tomado em sentido lato) inacessível, irremediavelmente longe, pela partida, fixidez ou indiferença, faz erguer a morte onde antes houvera desejo. Ou desejo onde só passa a existir morte. Atributo inadmissível, afirmação obrigatória, a distância.

Poderíamos evocar a presença de uma insuportabilidade do outro o que nos aproximaria da conhecida máxima Sartreana do outro como o lugar do inferno que parece evidente. Porém importaria que se pense a natureza desse inferno. E nela se encontra de novo a distância. Que (nos) separa, e que nos forma (Bion). Se “os outros são um inferno” (Sartre) é porque “o inferno somos nós mesmos” (T.S.Eliot). Ou, se antes optarmos pela evocação da excelência do outro, poderíamos mesmo afirmar que “inferno é a ausência dos outros” (Garaudy).

A ideia base. Uma. Pergunta. Outra. Porque existem também humanos que parecem impossibilitados, da proximidade. Quando é o próximo, nos laços que nos acomoda que nos faz Nós? Nos faz únicos. Outro dos outros em cada um. Amputados de nós próprios, ser-se-á ainda humano? Se a lonjura é uma qualificação inultrapassável como limite para o não-Ser, condição biologicamente negada ao Ser, a proximidade esbarra ela mesma no muro fatal, vestígio de fim, hiato que destingue, cria dor. Que impõe (um)a separação - essa imperfeição humana (Buda).

Neste fio, entre as suas duas pontas, sempre a caminho, se faz o pensamento pensamento. Que tudo o que pensamos diz respeito a qualquer coisa ou algo. Afirmando a diferença que a separação força. Sonhando-a. Humanizando-a.

Mesmo que a relação concomitantemente criada busque a proximidade. Uma alteridade que destingue, diversifica, torna diferente. Garante da geografia do sócio cultural onde se mitiga a dita dor, impõe uma distância aquém do esquecimento, da ausência, da dispersão. Implica uma proximidade, presença que troque o uno pelo único o igual pelo diverso. Estar próximo é assim simultaneamente a obrigatoriedade de estar longe para que o humano o seja. No jogo do longe e do perto joga-se o destino. Invenção permanente. Sabemos como uno e diástase se contêm e se expulsam (Amaral Dias, 1993) e como a tomada de consciência da dita diferença das diferenças que o corpo (pre)anuncia, a dos sexos, se associa à tomada de consciência e à aceitação da existência de uma descontinuidade eu-outro por onde se alimenta a diástase.

Acontece que no enigma das sereias, na lógica que evidencia, este jogo do Ser humano é falseado e comprometido na sua plenitude. Repare-se nos dois lados que nele se desenham. Opostos, mas que paradoxalmente se dirigem convergentes para um mesmo porto. O lado fatal pelo qual se gere o demasiado próximo, ou o inverso, e evidencia a morte. E o vital que propõe outra solução; prometendo-se ser **para** o outro. O fingimento encantado, uma urgência aguda nos modos e o ser o que falta (a esse outro) - o acrescento que eleve em sublime o ordinário, todavia pretensão, aceno de futuro, esperança redentora constante que converta as mágoas do mundo - três aspectos geratrizes deste movimento que foram expostos.

Dois destinos, o mesmo porto. Aí se incapacita o humano numa mesma finitude. O vazio da morte. Ou a profecia do devir. Neste caso, criança portanto já que nestas o futuro (do) humano, sempre maior, vigora. Mas criança sempre e apenas. Um só porto onde se promete o amor; já que este é sempre a morte dos outros. Alimenta-se a ilusão de que nunca se cresce nem morre. Predura a imaturidade.

Mas também vimos como nos afastamos da validação consensual e a razão ambígua se instala inconclusiva e fértil quer nas sereias quer na histeria. Ou não fosse essência do ser precisamente o jogo, espaço em que se joga toda a vontade de poder (criar e) morrer.

De modo mais directo concordamos com A. Green (1997): Qualquer que seja a variante da histeria, esta resta na essência uma neurose. Aquilo que destaca em si mesma é a problemática da relação entre o amor genital, a sexualidade e o desejo. A escolha de objecto, as identificações, a importância da via fantasmática e emocional em relação ao corpo continuam em primeiro plano. A tendência à fragmentação mesmo que presente distingue-se pelo temporário sem perda de contacto com a realidade. A gravidade destes casos parece deslocar-se para outros sentidos.

A teatralidade, o excesso, a intermitência a urgência nos seus diferentes modos evocam uma realidade viva. Natureza interna que testemunha em todas as fantasias criativas, em todos os sonhos. Individual e colectiva. Têm uma espontaneidade simbólica que também é sempre mais do que podemos entender à primeira vista. “*Reminiscências arcaicas*” (Freud) com motivos no Amor, no Sexo e na Morte. Tríptico vital.

Anatomia comum a-espacial, a-temporal. *Prima matéria* desafio da mente, curiosidade desejo de Conhecer. Serve de alimento ao Ego. Amplia-o, fá-lo participar de outra dimensão, a da alteridade, onde se dissolve, encontra fundamento, raiz e refugio.

4 -Acta est Fabula

Sereias e outras históricas. Históricas. Sereias.

Mitos. Palavras. Palavras que se constituem fazendo-nos ver, sonhar, dizer...

Palavras que escapam à realidade por si mesmas criada. Frágil procura que as construa como sujeitos no interior dos seu próprios significados.

Entre o assombro que as origina e o silêncio final, são dança. Do(s) significante(s). Sussurro da língua. Brincadeira de criadores. Distracção humana.

Prisioneiras de nomes que não escolheram tentam livrar-se de um destino que só em ilusão lhes pertence.

Um destino vazio. Um destino maior. Ausência que nos chama, nos convoca, voraz na qual nos arrojamos peito aberto dispostos a chegar ao fundo, ao fundamento. Presença de nada que há que silenciar. Que há que ouvir. Dar valor(es) para que continue a valer nada. Manancial. Onde nos sonhamos, ligamos, criamos e de onde afinal sempre se nasce.

Desafio frenesim de amante brotam mil ondulações. Têm um jeito brilhante de ser Sonho e Experiência, estas palavras. De os misturar. Transformar. Cruzam-se connosco, em nós em dor em alegria afinal na-morada onde o Homem descobre o Espírito.

BIBLIOGRAFIA

- Abreu, J. (1997) A Lenda de Simhala, Lisboa, Europa América.
- Allardice, P.(1990) Mitos, Deuses e Lendas, Lisboa, Europa América.
- Amaral Dias, C.(1988) Para uma Psicanálise da Relação, Lisboa, Afrontamento.
 (1991) Ali Babá Droga: uma neurose diabólica do século XX,
 Lisboa, Escher.
 (1993) Só Deus em mim se opõe a Deus, Lisboa, Fenda
 (1995). (A) Re-pensar, Lisboa, Afrontamento.
 (1999). O Negativo ou o Retorno a Freud, Lisboa, Fim de Século.
- Ariès, P. e Dudy,G.:(1990). História da Vida Privada, vol. IV, Lisboa, Afrontamento.
- Arnot, P.D. (1991) Public and Performance in Greek Theatre, Routledge
- Azevedo Silva (1983). Notas sobre a importância da analidade na histeria, Anál. Psic.,4,
 (III); 433-440
- Baroja, J.C. (1979) As Bruxas e o seu Mundo, Lisboa, Vega.
- Barroso, M. (1991) Mitos Brasileiros, S.P, Vega,.
- Bergeret, J. (1983) Manual de psicologia patológica, Masson
- Bhartes, R. (1986) Fragmentos de um Discurso Amorosa, Lisboa, Ed.70
- Bérard, V. (1929) Nausicaa et le retour d'Ulysse (Les Navigations d'Ulysse),
 Vol.IV, Paris.
- Bessa Luis, A. (1979) Florbela Espanca - A vida e a obra, Lisboa, Arcadia.
- Bion, W.R. (1991). Aprender com a Experiência, Rio de Janeiro, Imago.
- Bleichmar, Emilce D. (1988). O Feminismo Espontâneo da Histeria, Porto Alegre,
 Artes Médicas.
- Bonaparte, E. (1951). Sexualité de la Femme , Paris PUF.
- Bonnet,G. (1981). Voir Etre vu, Vol. II, , Paris, PUF.
- Brenman (1985) Hysteria, Int.J. Psycho anal.,66
 (1997) La façon dont l'hystérique tente de manipuler la réalité psychique de l'
 analyste, Boll. FEP, 49; 67-76
- Brunnel,P. (1988). Dictionnaire de Mythes Littéraires, Paris,Ed.Rocher
- Castel, P.H.(1999) La Querelle de L'histerie, Paris, PUF,.
- Centeno, Y.K. (1982). A (Mas)cara diante da cara, Lisboa, Presença.

- Chasseguet-Smirgel (1995). *Sexualité Feminine*, Paris.
- Chilliant, C. (1990) *Homo Psychanalyticus*, R.J. , Bertrand Brasil.
- Cislot, J. E. (1996). *Diccionario de Símbolos*, Barcelona, Ed. Siruela.
- Chodoff, P. (1982) *Hysteria and womem*, Am. J. Psychiat., 139-5; 545-551
- Coimbra de Matos, A. (1983) *Textos sobre Narcisismo Depressão e Masoquismo*, in Análise Psicológica, nº4, (III); 395-408
- (1985) *De L'histérie a la dépression* in Revue Française de Psychanalyse, XLIX, 1; 374-379
- Commelin, P. (1997) *Mitologia Grega e Romana*, São Paulo, Martins Fontes.
- Donder, V. (1992) *Le Chant de la Sirère*, Paris, Galimard.
- Easser, S.; Lesser, B. (1965) *Hysterical personality; a re-avaluation.*, *Psychoal. Q.*, 34; 390-405
- Ellenberg (1994). *The Discovery of the Unconscious. The history and evolution of dynamic Psychiatry*, NY Basic Books.
- Elvira, A. R. (1995). *Mitologia Classica-Gregos*, Madrid
- Eliade, M. (1992). *Tratado de História das Religiões* Lisboa, Asa.,
- Ey, H.... (1987). *Manuel de Psychiatrie*, Paris, Masson.,
- Ferenczi, S. (1984) *Psychanalyse 4, Oeuvres Complètes*, Paris, Payot.
- Forrestes, J. (1980) *La mythologie grecque*, Paris, Bordas.
- Foucault, M. (1985). *História da sexualidade*, Vol I, , R.J. Graal
- Freud, S. (1893) *Estudo Comparativo das paralesias motoras organicas e históricas*
Standart Edition (S.E.), Vol. I; *Imago*, R.J. 223-243.
- (1892-93) *Um caso de cura pelo hipnotismo*, S.E. Vol. I; *Imago*, R.J. 171-191
- (1893-95) *Estudos sobre a Histeria*, S.E., Vol. II *Imago*, R.J.
- (1894). *As neuropsicoses de defesa*, SE Vol III *Imago*, R.J.
- (1896) *Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa*, S.E., Vol. III *Imago*, R.J.; 187- 217
- (1896) *A Etiologia da histeria*, SE Vol III; *Imago*, R.J. 217-255
- (1897). *Extratos dos documentos dirigidos a Fliess*, Carta nº 69, Vol I *Imago*, R.J.; 280.
- (1898) *A sexualidade na etiologia das neuroses*, SE, III. *Imago*, R.J.; 289-317
- (1900) *A Interpretação dos Sonhos*, Vol IV, V, *Imago*, R.J.

- (1905) Fragmentos da análise de um caso de histeria, SE, Vol VII, Imago, R.J.;5-128
- (1905a) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, SE, Vol. VII, Imago, R.J.
- (1906) Meus pontos de vista sobre o papel da sexualidade na etologia das neuroses SE, Vol. VII;283-296, Imago, R.J.
- (1908) Fantasias Históricas e a sua relação com a bissexualidade SE, Vol. IX, 163-174 Imago, R.J.
- (1909) Algumas observações gerais sobre o ataques históricos SE, Vol. IX;233-242 Imago, R.J.
- (1910) A concepção psicanalítica da perturbação psicogenica da visão, SE, Vol. XI, 197-206
- (1913) A disposição à neurose obsessiva SE, Vol.XII;399-414 , Imago, R.J.
- (1915) O Instinto e suas Vicissitudes, SE, Vol.XIV; 137-168, Imago, R.J.
- (1917) Luto e melancolia, SE, Vol. XIV;275-293, Imago, R.J
- (1920) Além do princípio do prazer, SE, Vol.XVIII , Imago, R.J.
- (1921) Psicologia de grupo e análise do ego, SE, Vol.XVIII , Imago, R.J.
- (1923) O ego e o id, SE, Vol.XIX ;23-90 Imago, R.J.
- (1923a) A organização genital infantil, SE, Vol. XIX, 179-187 Imago, R.J.
- (1926) Inibições, sintomas, e ansiedade, SE, Vol.XX107-210 , Imago, R.J.
- (1931) A sexualidade feminina, SE, Vol.XXI;259-282 , Imago, R.J.
- Furtwangler (1975). *Mairmaids*, N. Y., Princeton University Press.
- Green, A. (1997) *Hystérie et cas limites*, Anuario Ibérico de Psicoanálises, IV
- Gil, J. (1980) *Metamorfoses do corpo*. Lisboa, R.J.
- (1994) *Monstros*, Lisboa, Quetzal
- Halberstadt-Freud, H.C. (1996) *Studies on Hysteria one hundred years on: a century of psychoanalysis*. Int. J. Psychoanal.77;982-996
- Hegel, G.W.P. (1977) *A Fenomenologia do espírito*, Vol.I, Lisboa, Ed.70.
- Hunt, L. (1990). *Revolução Francesa e vida privada*, in *História da vida privada*, Vol.IV, org. Ariés, P. e Duby.G., Lisboa, Afrontamento.
- Israel, L.(1991). *La histeria, el sexo y el médico*, Barcelona, Toray-Masson.
- Gaspar de Leão (1958). *Desengano de Perdidos*, Coimbra.
- Gerhard,(1977). *Los Mithos Greco-Romanos*, Barcelona Paidos,.
- Gois, D.(1937). *Lisboa de Quinhentos*, Lisboa

- Green, A. (1997) Le Chiasme: prospective, les cas-limites vus depuis l'hystérie, rétrospective, l'hystérie vus depuis les cas-limites (II), *Boll. della FEP*,49; 28-46
- Grimal, P.(1988).Dicionário de Mitologia Greco-Romana, Lisboa
- Homero (1994). Odisseia, Lisboa, Classicos Sá da Costa,.
- Jeanneau, A. (1985) L'Hystérie- Unité et Diversité in Revue Française de Psychanalyse,XLIX,1;107-325
- Kastner, J. (1985) Les Sirènes, Paris
- Kernberg (1992) Sindromi marginali e narcisismo patologico, Boringhieri, Torino.
- Kerénye,C. (1989). La Mitthologie des Grecs, Paris.
- Khan, M. (1974). La rancune de l'hystérique. Nouv. Revue Psychanal.,10; 151-158
- Kress-Rosen, N. (1999). Du côté de l'Hystérie, Estrasburgo, Arcanes.
- Kohon (1984) Reflections on Dora: the case of of hysteria, Int. J. Psychoanal., 65; 73-84
- Lacan, J. (1970) El reverso del psicoanálise (policopiado)
(1984) Seminario III: Las psicosis, Barcelona, Paidos.
- Lamas, M.(1972). Mitologia Geral,voll, Lisboa, Ed.Estampa.
- Lampedusa, T. (1993). A Sereia, Lisboa, Hiena Edt.
- Laplanche, J. (1974) , Panel "On Hystery Today", Int. J. Psychoanal.,55
- Laplanche,J. e Pontalis,J.-B. (1985). Vocabulário da Psicanálise, Moraes, Lisboa.
- Lima, F. P. (1952). A Sereia na História e na Lenda, Porto,
- Lozano, T (1993). Historia Sencilla de la Filosofia, Madrid, Rialp
- Mc. Dougall, J. (1989) Teatri del corpo, Milão, Cortina,
- Machado, J.P. (1959). Dicionário etimológico da Lingua portuguesa,Vol.III
- Mancia, M.(1991). O Sonho como Religião da Mente, Lisboa, Escher.
- Martin, R. (1995). Dicionário Cultural de Mitologia Greco-Romana, Lisboa, Don Quixote.
- Martinez, C. F. (1997). Dicionário de Mitologia clássica, Lisboa, Presença
- Marmor, J. (1953). Orality in the hysterical personality, in Journal of American Psychoanalytical Association, 1: 656-71
- Mayer, H. (1989). Histeria, Porto Alegre, Artes Médicas.
- Morais Silva (1945) Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa,
- Massimo, I. (1996). Diccionário ilustrado de los Monstros, J. Olaneta Edt, Barcelona.

- Nabokov, V. (1985). *Lolita*, Teorema, Lisboa.
- Nasio, J.-D.(1994). *A Histeria-Teoria e Clínica Psicanalítica*, Rio de Janeiro, Zahar.
- Navarrete, M. F. (s.d.). *Viajes de Cristóbal Colón*, Madrid.
- Namnum, A. (1974). In Laplanche, Panel "On Hysteria Today", *Int. J. Psychoanal.*,55; 459-469.
- Paz, O. (1998). *O erotismo*, Lisboa Assiro&Alvim.
- Pessoa, F. (1978) *Obra Poética*, Ed. José Aguiar, R.J.
- Phillpotts; B. (1980). *Mermaids*, Londres, Russell Asch/Windward,.
- Pimenta, A. (1995). *A magia que tira os pecados do mundo*, Lisboa Cotovia.
- Platão (1991) *Gorgias*, Lisboa, Ed.70
(1993). *A República*, Lisboa, F. Gulbenkian
- Prampolini, Giacomo (1987). *La Mitologia nella vita del popoli*, vol,II, Milão
- Polónio, P.(1986). *As Faces da Histeria*, in *Manual de Psiquiatria Clínica*, Lisboa Gulbenkian,.
- Posser, P. (1879). *Maravilhas da Creação ou História e Descrição ilustrada de Animaes*, II Vol., Lisboa, Ed. da Biblioteca das Maravilhas.
- Queirós, Eça A. (1911) *A Sereia*, , Lisboa, Portugalía.
- Racamier (1974) *Histeria e teatro*, Buenos Aires
- Reich, W. (1979) *Análise do Character*,Lisboa, Don Quixote.
- Resnik,S.(1995). *Histeria*. Enciclopédia Einaudi ;83-105, Lisboa, Imprensa Nacional.
- Ricoeur,P. (1988). *O Discurso da Acção* Lisboa, Ed.70,.
- Roccatagliata (1990). *Isteria*, Roma, Il Pensiero, Scientifico,.
- Rosolato, G.(1988) *L'Hysterie, névrose d'inconnu*, *Topique*,41, 19-47
- Rupprecht-Schampera,U. (1995). The concept of "erly triangulation" as a Key to a unified model os hysteria, *Int.J. Psychoanalysis*, 76, 437-457
(1997) - Un modèle commun pour toutes les hysterics:
- Sanches, A. (1986) *La sirena del sul*, , Buenos Aires, Paidós.
- Segal, H. (1985). *Introduccion la obra de Melanie Klein*, Buenos Aires, Paidós.
- Soeiro, A. (1992) *O Instinto de Plateia*, Lisboa, Afrontamento.
- Sopena, C. (1995) *Studi sull'isteria: 100 anni dopo*, Liguori Editore, Napoli.
- Shorter (1992) *Psicosomatica*, Milão Feltrinelli
- Vallego; (1986). *Manual de psicopatologia*, Masson
- Vasconcelos;J.L.(1991). *Etnografia Portuguesa*, Lisboa, Imp.Nacional C.M..

- Veith, I.(1992). *Hysteria: The history of a Disease*, Chicago, Phoenix Books.
- Walter, Jaime (1963). Dimas Bosques, Físico-Mor da Índia e as Sereias, in Studia,
nº 12, Julho, Lisboa.
- Wallerstein (1981) *Diagnostic revisited (and revisited): the case of hysteria and hysterical personality*, Int. J. of Psychoanal. Psychotherapy,8, 533-47.
- Widlocher, (1992) *L'Hystérie malade de la mémoire*, Revue Int. de Psychopathologie,5;214
- Wisdom, J. O. (1961) *A methodological approach to the problem of hysteria*. in
Internation Journal of Psychoanalysis,42:224-37
- Winnicott (1989). *Os bebés e as suas mães*, S. Paulo, Martins Fontes
- Wittels,F. (1930). *The hysterical character*, in Medical Review, 36: 186-90
- Zarzi, L. (1995). *Cena*, In *Enciclopédia Einaudi*; 387-416, Lisboa, Imprensa Nacional
- Zetzel, E.R. (1968) *The so-called good hysteric*, Int. J. of Psycho- Analysis, 49, 256
- Zilboorg, G. (1981). *A History of medical psychiatry*, , N.Y.,Norton.